REVISTA DA SEMANA

Nº 15 ★ 15-4-50

Cr$ 3,00 em todo o Brasil



NO TEXTO

P. D. C. POLITICA E RELIGIÃO

★

A MULHER DOMINANDO OS ARES

SENSACIONAL!

INÉDITO NA IMPRENSA ESPORTIVA DO BRASIL

O ANUÁRIO de ESPORTE Ilustrado



70 PÁGINAS -- Cr$ 10,00

O TIME DO VASCO EM TRÊS CÔRES (32,5x47) -- PÁGINA SÔLTA

À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS

Corneille

SE não bastasse o gênio para unir os nomes de Corneille e de Racine, o nome de uma mulher, de uma atriz que os separou em vida, estabeleceria essa vizinhança, na posteridade: a "du Parc", como foi mais conhecida aquela atriz extraordinária no seu tempo, chamada Marquesa Teresa Gorle, embora não possuísse qualquer título nobiliárquico.

Lembramo-nos do caso, da rivalidade dos imortais poetas dramáticos, da tragédia da vida de Corneille — a mais pungente de tôdas as suas tragédias — a propósito da edição que Max Fischer fêz de suas obras-primas ("Les Chefs d'oeuvre de Corneille", Americ-Edit.). E vamos resumí-la para os leitores a êste registro, porque essa nota humana, na biografia do gênio de "Le Cid", parece trazê-lo mais perto de nós outros, simples mortais sem importância. Por meio século, foi Corneille o nome mais popular do teatro francês. Ingressara tranquilo na velhice aureolada de glória, quando o dramaturgo teve que sofrer o infortúnio do homem: dez dias depois da estréia de "Atila", a 4 de março de 1667, a du Parc abandonou a Comédia Francesa, passando à companhia de Jean Racine, o rival que começava a ascender como o novo sol da cena parisiense, no momento preciso do ocaso de Corneille.

A du Parc não era apenas uma intérprete, a "estrêla" do elenco. Fôra o último amor e a grande paixão de sua vida. E êle pusera seu gênio, como seu coração, a serviço do seu talento dramático e de sua beleza legendária. Nesse tempo, a du Parc estava em pleno esplendor de sua mocidade, vencendo no palco graças aos versos de Corneille e aos ensinamentos do marido, êsse Renato Berthelot, ator de Molière, chamado o du Parc, que lhe dera o cognome.

Durante nove anos Corneille escrevera para a du Parc. Contava setenta e um anos quando o nome de Racine começou a fazer-lhe sombra. E Racine, com os seus vinte e oito anos, seu talento, o seu buço insolente, não apenas vinha furtar-lhe a glória — o que já seria muito — mas também o amor — o que era pior.

Madame du Parc não resistiu ao jovem e fascinante autor, espírito brilhantíssimo, "causer" cheio de "verve", bonito homem, de rosto franco e alegre. Dêle se disse que possuía o nariz adunco dos ousados, a bôca irônica e voluptuosa, um olhar cheio de ternura. Como a popularidade, que também é mulher, a du Parc escravizou-se a Racine. Os ciúmes vieram associar-se à rivalidade do poeta, alanceando o genial ancião, de que Napoleão dizia: "Se vivesse, o nomearia príncipe".

Com a du Parc abandonava-o também a inspiração. Sua velhice, apesar da estima do rei e da admiração de Boileau, foi melancólica. Data da sua tragédia íntima a decadência de Corneille. E' o que se reflete na sua obra, desde então.

Além disso, Racine trabalhava. Procurava influir contra êsse "leão enfêrmo". E conquistou Boileau contra êle, como se vê do famoso epigrama:

Après "Agesilas"
helás!
Mais après "Atila"
holá!

Racine era o novo "dono de Paris". O rei chamava-o tôdas as manhãs para entreter-se com êle. Boileau era seu amigo. A glória sorria-lhe da cena; no lindo sorriso da du Parc, o mesmo sorriso com que lhe sorria o amor. No olvido, Corneille amargava o seu destino. E tôda essa amargura explodia num ódio único: Racine. Nem uma palavra contra o rei, contra o crítico, contra a perjura. Só Racine, que tudo lhe tirara, merecia sua maldição.

À morte de Corneille, seu rival glorioso, em pleno fastígio, quis dar testemunho de sua admiração. Racine lê, então, na Academia, um elogio fúnebre em que disse: "A França não deve esquecer jamais que durante o maior de seus reis floresceu o maior dos seus poetas".



EDMUNDO LYS

FALA MENOTTI DEL PICCHIA

"TUDO IRROMPEU IMPETUOSAMENTE DO CORAÇÃO E NÃO DO CÉREBRO" ★ CURIOSAS CONFIDÊNCIAS DO CRIADOR DE "JUCA MULATO" ★ UM REVOLUCIONÁRIO... LITERÁRIO ★ 500 EXEMPLARES EM 1917 E 22 EDIÇÕES EM 1950! ★ UMA RIVALIDADE ENTRE O AUTOR E O PERSONAGEM

Reportagem de MARIO CORDEIRO



MENOTTI — O MÔÇO

Fotografia antiga do poeta, mas posterior ao aparecimento de seu livro deestréia «Poemas do Vício e da Virtude»

SÃO PAULO pode orgulhar-se de possuir os três mais populares personagens da nossa literatura de ficção.

São êles: "Jeca Tatú", "Juca Pato" e "Juca Mulato".

O primeiro apareceu através das páginas inconfundíveis de "Urupês", de Monteiro Lobato; o segundo foi uma notável criação do saudoso caricaturista e ilustrador Belmonte e o terceiro, "Juca Mulato", uma feliz inspiração de Menotti del Picchia, que, ao escrevê-lo, produziu talvez o mais brasileiro e humano dos nossos poemas.

Aliás, o que torna mais singular êsse personagem que completou há pouco trinta e três primaveras, é o fato de ter sido êle criado por Menotti del Picchia, poeta loiro, descendente de imigrantes italianos e que, apesar disso, não se envergonhou de exaltar um mestiço nascido no sertão do Brasil, filho obscuro dessa massa anônima que nos vem de um mundo em decadência, com a qual procuramos plasmar uma nova civilização, sem egoísmos nem preconceitos raciais.

UM POETA PRECOCE

Aproveitando a passagem de Menotti del Picchia pelo Rio de Janeiro, por ocasião de sua viagem à pátria de Gabriel d'Annunzio, para onde o festejado poeta seguiu em missão cultural, tivemos a oportunidade de ouvi-lo sôbre as suas fecundas e brilhantes atividades literárias, atividades que lhe trouxeram tôdas as vitórias a que pode aspirar um escritor, inclusive a eleição para a Academia Brasileira de Letras.

Atendendo-nos com aquela exuberância que caracteriza o latino, Menotti começou a sua interessante entrevista dizendo:

— Geralmente todo brasileiro faz versos desde criança. Eu fui um deles. "Poemas do vício e da virtude", meu primeiro livro, contém algumas poesias escritas dos quatorze aos quinze anos. "Moisés" foi escrito aos vinte anos. De resto, eu não repudio nenhum dos meus trabalhos. Ao contrário: olho para êles como um pai carinhoso que se orgulha de sua prole, que não tem preferências pelos filhos mais fortes e bonitos.

A seguir, Menotti del Picchia fala-nos do seu estilo, de sua maneira de interpretar as suas emoções estéticas:

— Creio que produzi uma obra muito pessoal. "As Máscaras" apenas foram escritas especialmente para serem dedicadas a Júlio Dantas, no intuito de corresponder ao entusiasmo carinhoso que o poeta português dedicou ao "Juca Mulato". Êsse poema, aliás, nasceu nas vésperas de uma revolução literária, de 22, da qual surgiram as rimas de "Chuvas de Pedras", "República dos Estados Unidos do Brasil", das primeiras experi-



NA PESCARIA

O que pouca gente sabe: o esporte predileto do autor de «Juca Mulato» é pescar. Não sabemos se os peixes vão ao seu encontro, mas aqui o vemos entregue aos prazeres de uma pescaria. Seu companheiro, dessa vez, foi o governador Ademar de Barros, que aí está na gravura. Convém frisar que o episódio ocorreu faz três anos, não se falava ainda na sucessão...

ências modernistas, feitas então com Mário de Andrade, Oswaldo de Andrade, Amadeu Amaral Filho e outros.

UM REVOLUCIONÁRIO... LITERÁRIO

Referindo-se ainda aos seus idéais renovadores, definindo os rumos estéticos de sua juventude, disse-nos o nosso entrevistado:

— Fui, com Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Mário de Andrade e outros, um dos animadores da revolução cultural modernista, da "Semana de Arte Moderna". Propuz, no movimento cultural-nacionalista "Da Bandeira", uma revisão estrutural ao conceito da democracia federativa, fora do fascismo, comunismo ou do superado liberalismo econômico. Reclamei sempre a intervenção do estado brasileiro na realidade brasileira, esperando ver novos políticos e estadistas distanciarem-se do servilismo dos apologistas do americanismo, do italianismo ou do russismo — para organizar um tipo de estado que correspondesse às nossas verdades éticas, geográficas, históricas e econômicas. Sou contra o nacionalismo jacobino, mas também contra qualquer passividade as formas forasteiras para os nossos problemas sociais e políticos.

MOCIDADE INQUIETA

Menotti del Picchia continua focalizando aspéctos combativos de sua mocidade.

— Fui sempre inquieto. Meu pai foi um dos representantes daquela geração de artistas e jornalistas que semearam, com Celso Garcia e outros, o socialismo em São Paulo. Sempre procurei novos caminhos. Em meu espírito havia uma sêde permanente de renovação. Nas letras, na política e na economia, pensei sempre em criar algo novo e construtivo. Jámais fui conservador e muito menos reacionário.

DE COMO NASCEU "JUCA MULATO"

Nessa altura o poeta fala-nos de "Juca Mulato", explicando a sua origem remota:

— "Juca Mulato" foi escrito exatamente há trinta e três anos, saindo publicado numa primeira edição fora do mercado, de quinhentos exemplares, em 1917. Escrevi-o para "abrasileirar" uma poesia, então excessivamente influenciada por escolas e evadida de nosso ambiente. Quiz fazer a inspiração brotar da terra, proletarizada, arrancá-la ao exuberante e excessivo intelectualismo em que vivia imersa. Fiz obra verdadeira e sincera, porquê então vivia identificado com o sertão e a sua gente trabalhadora e incompreendida. Tudo rompeu impetuosamente do coração e não do cérebro como em "Moisés", "Chuva de Pedras", etc. Aliás, o sucesso de "Juca Mulato" foi para mim uma surprêsa, uma grande e agradavel surprêsa. E' fácil deduzir isso do fato de ter eu tirado uma edição fora do mercado, custeada por mim e destinada apenas aos meus amigos íntimos. Hoje, as edições dêsse poema tornaram-se popularíssimas. Sucedem-se as tiragens de dez mil exemplares. Com a edição castelhana atingiu o poema vinte e duas edições. E "Juca Mulato" continua a mover os prélos de nossas editoras.



AGORA
A mais recente pôse de Menotti, quando em palestra com o repórter evoca a crescente popularidade de «Juca Mulato»

MONUMENTO A "JUCA MULATO"

Indagamos de Menotti del Picchia se era verdade que os admiradores de seu popular personagem pretendiam homenageá-lo com um monumento.

— Sim. Sei que na cidade de Itapira, terra onde nasceu "Juca Mulato", os seus habitantes estão trabalhando com êsse objetivo. Acho, meu caro confrade, uma homenagem excessiva. Confesso, porém, que me sinto envaidecido. Sobretudo as manifestações espontâneas de meus patrícios do sertão, para quem fiz o meu trabalho, agradam-me e sensibilizam-me.

RIVALIDADE ENTRE PERSONAGEM E AUTOR

— Não acha — indagamos de Menotti — que "Juca Mulato" está usurpando um pouco as glórias do seu criador?

— Ás vêzes, confesso que me surpreendo com a pujante vitalidade dêsse demônio mascavo, cuja personalidade se destacou de modo decisivo e marcante, no tumulto de quarenta volumes que já publiquei até hoje. Por outro lado, isso me alegra. E' que "Juca Mulato" está vivo, bem vivo... Que mais pode aspirar um autor? — concluiu o nosso entrevistado.



NA ACADEMIA
Com o fardão do Petit Trianon, o poeta de «Chuva de Pedras» lê o seu discurso. Já havia aparecido «As Máscaras», editado em 1922, em homenagem a Júlio Dantas, para corresponder ao carinho do poeta português com «Juca Mulato»

REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ Nº 15 ★ 15-4-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .. Cr$ 140,00
Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 170,00
Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1745, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

COMPLETO GUARDA - LOUÇA

Ao que parece vai-se esclarecendo êsse fenômeno celeste de discos, pires, pratos e outras louças voadoras, com o recente aparecimento, em Bogotá, de uma xícara também voadora.



As aflições de muita gente, tanto na Europa como nas Américas, de que estávamos sendo espionados pelos agentes guerreiros de Marte, devem acabar com a última divulgação telegráfica. Não se trata, evidentemente, de tentativas de ataques à Terra pelos exércitos marcianos. Tudo se resume numa exposição sideral de artes plásticas, de cerâmica, etc.

Não se sabe muito bem quem está despachando para nossa atmosfera, sempre carregada de vapores, ódios e suspeições, tôdas essas amostras de indústrias adiantadas de outros povos habitantes dos espaços. Mas, de uma coisa já sabemos: como são inteligentes e adiantados! De começo nos mandaram uns pires voadores. Houve alarma geral por êste mundo. Os seus fabricantes não desanimaram e nos enviaram os discos voadores com todos os atrativos em côres, como se já soubessem que neste mundo o homem terráqueo só se decide por uma coisa depois de examinar-lhe o colorido... Mas as angústias terrenas continuaram em face do disco. Então nossos vizinhos astrais despacharam pratos voadores. Todos na Terra têm sua vida ligada a pratos, desde aquêle de lentilhas aos pratos do dia. Ainda desta vez nada conseguiram os irmãos do alto insondável. Então resolveram a "gaffe" cometida e acabam de ligar suas eletricidades super-lux (300 mil quilômetros por segundo) e nos apresentam agora a xícara voadora! Estamos, pois, na obrigação de festejar pacìficamente tantas demonstrações de amizade interplanetária, pedindo que nos mandem também outros objetos.

ESCOLA PARA GARÇONS

Acaba o nosso Congresso Nacional de aprovar um projeto que passou despercebido à nossa imprensa e sòmente mereceu comentários bastante extensos da veterana "Gazeta de Notícias". Trata-se do projeto de lei que cria em todo o território nacional cursos de aperfeiçoamento hoteleiro, desde os quitutes ao pessoal que serve aos hóspedes.



Escolas para garçons, portanto, é o que vamos ter. O motivo do projeto se baseia em nossas possibilidades turísticas, embora essa providência viesse, desde muito tempo, sendo pleiteada pelos próprios empregados do comércio hoteleiro e similares desta capital, com o prestígio da classe patronal do mesmo ramo. Não conhecemos o texto do projeto de lei; mas, seja como fôr, é êste um assunto de natureza urgente em nosso país. Como sabemos, o garçon de hotel, confeitaria, pensão, café, etc., nem sempre é uma pessoa com inclinação profissional para o cargo. O que faz com que rapazes e moças sirvam em mesas ou balcões das casas do ramo é a circunstância de uma vida sem outros horizontes no momento. Vão ser garçons ou garçonetes como iriam ser remeiros no São Francisco, costureiras ou condutores de bondes. E' a angústia de ganhar uns cruzeiros mais imediatos com os quais possam pagar a a pensão, o quarto ou a vaga e comprar alguma coisa para o próprio sustento. Faça-se uma reportagem profissional nas casas do gênero nesta capital com a seguinte pergunta: "Por que trabalha como garçon?", e teremos novidades interessantes, com esta conclusão: "Não havia outra coisa melhor" ou "Não sei fazer outro serviço"... Entretanto, o garçon desempenha uma profissão de interêsse público e devia ser exercida por pessoas com um curso especializado, no qual entrasse até língua estrangeira.

O ESTUDO DOS CÉUS

Não se pode desejar mais belo estudo do que aquêle que nos proporciona a abóboda celeste, especialmente em se tratando do nosso hemisfério, o do sul, pela magnitude de suas noites estreladas, máxime se o observador se colocar sob os trópicos mais próximos da zona equatorial. A cosmografia, ciência que desde os primeiros anos do curso secundário nos subministravam os professôres de geografia geral, precisa ser intensificada entre as massas populares, prestigiando-se tais estudos com os recursos de aparelhos de observatórios existentes e por existir. Agora mesmo foi o Rio de Janeiro agitado em todos os bairros e no centro comercial, com a notícia do aparecimento de um "disco voador". Grupos de curiosos olhavam os céus. Uns viam, outros nada conseguiam distinguir no fundo azul do firmamento. A novidade alvoroçou os indivíduos mais impressionáveis, e muitos asseveraram ter visto o "disco voador"... Por que razão é o povo levado a tais ingenuidades? Pela ausência de um curso de cosmologia mesmo rudimentar. Para os que estão a par dêsses fenômenos celestes, tudo o que causa pavor e até manifestações histéricas em pessoas fracas não passa de simples acontecimentos naturalíssimos que a própria natureza nos proporciona como um espetáculo sem mistério algum. Assim, eclipses, estrêlas cadentes, exalações, meteoros, cometas, estrêlas ao meio-dia — representam fatos naturais, explicáveis, compreensíveis. Mas o povo, por falta de cultura secundária, acha que tais coisas são "sinais dos tempos" e muitos asseveram que são avisos de Deus comunicando o próximo fim do mundo... O "disco voador" que foi "visto" por milhares de pessoas em fins de março, à tarde, não passa de Vênus, um planeta nosso vizinho...



O DESTINO DO SANDWICH

Êste é um têrmo universal. Além de dar nome a ilhas, o sanduíche, no original inglês, "sanwdich", nos traz água à bôca, especialmente quando estamos com apetite.



Mas não pense o leitor que sanduíche seja coisa de origem muito digna, produto do pensamento humano na direção do bem e da civilização; nem que se formou sob os signos da caridade para matar a fome de algum infeliz diante de banquentes. Nada disso. Segundo nos contam os que sabem dessas particularidades da vida e vivem a remexer na vida alheia, o sanduíche tem um princípio positivamente atentatório aos bons costumes e ao nosso Código Penal. O negócio surge com um tal sr. Charles Sandwich, primeiro lord do almirantado britânico, dado ao vício do jôgo de azar. Para êle uma festa, mesmo íntima e aristocrática, sem uma dúzia de baralhos não valia um caracol. Sir Sandwich queria era o "pif-paf" daquele recuado ano de 1765. Quando se sentava à mesa do pano verde não admitia qualquer interrupção, não se levantava para nada, nem mesmo para comer. E levava horas e dias nesse faquirismo terrível. Um belo dia os amigos lhe chamaram a atenção para essa mortificação. Era preciso uma trégua e mastigar alguma coisa, que diabo! Nem só de baralho vive o homem! No dia seguinte Sir Charles Sandwich tomou seu lugar entre os seus pares e colocou junto a si uma pasta um tanto alentada. Ninguém prestou mais atenção; mas, a horas tantas, êle abriu a maleta e começou a tirar uns volumezinhos estranhos: pão com manteiga, abertos ao meio e, no miôlo, fatias de carne. Estava descoberto o... sanduíche! Nada mais natural, leitor, do que essa atual briga sôbre sanduíches no Rio. Tudo é uma questão de jôgo...

A PERSONAGEM DA SEMANA



O Sr. Ademar de Barros, governador de S. Paulo

Depois de meses de expectativas mais ou menos desadas de nervosismos, com a movimentação de líderes de partidos e figuras de relêvo do nosso cenário político, tudo vinha sendo reservado para as proximidades do dia 3 de abril, data legal para as indispensáveis desincompatibilidades em função de candidaturas à presidência da República, no próximo período. Boatos, conspiratas, palpites, balões, atritos para pronunciamentos que destas, sem chance à preparação dos oponentes mais fortes, tudo se verificou nestes últimos mêses; entretanto, como o segrêdo é a alma do negócio, especialmente em arte de fazer política num país democrático e com voto secreto, só se clarearam um pouco os horizontes com os recentes acontecimentos, cuja figura principal foi a do sr. Ademar de Barros, governador de São Paulo. Até apostas, e elevadas, se faziam em tôrno de sua apresentação como candidato ao Catete em 1951; mas, com surprêsa para uns e decepções para outros, o governador de São Paulo, nos albores do dia das desincompatibilizações, falou ao povo de São Paulo com irradiação para todo o Brasil, expondo sua atitude em face do momentoso assunto da sucessão presidencial. Nenhuma notícia interessou tanto ao povo brasileiro nestes últimos tempos do que a oração do sr. Ademar de Barros, que atraiu para seu Estado o foco do interêsse nacional em virtude do momento político de indisfarçável inquietação partidária. Mas, que o governador bandeirante declarasse permanecer no seu pôsto até ao final de sua gestão, com o fito de não permitir que o seu substituto viesse alterar ou criar novo ambiente político estadual, já era lògicamente esperado; mas que as suas simpatias fôssem para o sr. Getúlio Vargas, nem todos esperavam, constituindo êsse fato, se confirmado, uma novidade de caráter sensacionalista. Como base dêsse lançamento latente, ou apoio político de enorme importância no momento atual brasileiro, declara o governador de São Paulo que está organizada a «Frente Popular», cujo programa é o batalhar pelo prestígio do ex-ditador. Êsse episódio veio definir ou forçar as definições nos demais setores da política nacional, em relação ao novo quinquênio. Enquanto as fôrças governistas de São Paulo deixam parecer que tomam posição em prol de um candidato, os demais partidos, em cujos ombros se firmam os destinos do país, continuam em confabulações, procurando nomes para a recomendação pública. Com a passagem do 3 de abril houve diversos «ficos», alterando, profundamente, as perspectivas gerais, ao mesmo tempo que nomes de altos membros do govêrno permaneciam em seus postos, não se interessando por suas candidaturas. E' curioso notar, entretanto, que o candidato sugerido, até o momento de escrevermos esta coluna, ainda não se definiu, atitude que veio envolver a alvorada de 3 de abril, em penumbra.



NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 A que escritor brasileiro se deve, em primeiro lugar, a publicação de um livro com o título de «Verdades Indiscretas»:

A Antônio Tôrres?
Raimundo Magalhães?
Tobias Barreto?

2 Quantos teatros havia no Rio, em 1911:

Cinco?
Dez?
Quatorze?

3 Quantos anos completou a E.F.C.B. a 29 de março:

Noventa e um?
Oitenta?
Setenta e nove?

4 Qual a primeira mulher aviadora:

Anésia Pinheiro Machado?
A espôsa do Conde Zeppelin?
A Baronesa de Laroche?

5 De quem é esta frase irreverente: «A música é o mais desagradável e dispendioso dos barulhos»:

Do Duque de Caxias?
De Teofilo Gautier?
De Teófilo Braga?

6 Onde se acha o túmulo de Garibaldi:

Em Roma?
Em Florianópolis?
Na Ilha de Caprera?

7 Onde fica a Lagoa dos Patos:

No Rio Grande do Sul?
No Estado de Alagoas?
No Piauí?

8 Que nome teve, no início, a televisão:

Telecromia?
Telefote?
Telepatia?

9 Em que ponto da Terra se acha o maior vulcão em atividade:

Nos Andes?
No Japão?
Em Hawaii?

10 Que língua falava Jesus:

O aramaico?
O hebraico?
O latim?

11 Onde teve origem a loteria:

No Brasil?
Na Alemanha?
Em Roma?

12 Em que país surgiu o primeiro Banco:

Na Inglaterra?
Na Itália?
Na Holanda?

13 Quantos são os elementos componentes da bebida chamada ponche e de origem indiana:

Três?
Seis?
Cinco?

14 De que país era filho o historiador e literato Alexandre Herculano:

De Portugal?
Do Brasil?
Da Espanha?

15 Como se chamava o inventor da sanduiche:

Napoleão?
Lord Byron?
Carlos?

16 Qual o nome que foi proíbido às mulheres, em muitos países da Europa, por ser considerado sagrado:

Sarah?
Maria?
Isabel?

17 De que morreu o grande escritor Euclides da Cunha:

De febre amarela?
De varíola?
Assassinado?

18 Qual a catedral da Europa cuja construção, interrompida há quatro séculos (1552) ainda não terminou:

A basílica de S. João de Latrão, em Roma?
A catedral de Milão?
A catedral de St. Rombaud, em Maline, Bélgica?

19 Que significa **tarantela**:

Uma espécie de aranha venenosa?
Dança napolitana?
Rede de pescar camarão?

20 Que nome tem o hábito de roer as unhas:

Unicofagia?
Fagocitos?
Antropofagia?

(Respostas na página 58)



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira**.

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam



LYTOPHAN



Um detalhe do juramento do atleta

ESPORTE

ATLETAS PARA OS JOGOS ABERTOS

Pela nona vez será realizada na cidade sul-mineira, no mês de abril vindouro, a competição que já se tornou tradicional ★ Concorrentes do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais participarão do certame, disputando as dez modalidades desportivas do programa ★ Estão abertas, ainda, as inscrições para os clubes interessados

Texto de
AUGUSTO RODRIGUES

Fotos de
AUGUSTO VALENTIM

A cidade sul-mineira de Cambuquira assistirá, na segunda quinzena do mês corrente, a uma competição que já se tornou tradicional e obrigatória como um dos acontecimentos sociais de marcante relêvo na história daquela encantadora estância aquática. Pela nona vez Cambuquira atrairá as atenções dos três maiores centros esportivos do país com a realização dos Campeonatos Abertos que desde o ano de 1942, quando pela primeira vez organizados, vêm se constituindo no espetáculo máximo dos esportes amadoristas.

Graças aos esforços sempre renovados de dois baluartes, de dois desportistas de primeira linha, Djalma De Vincenzi, o idealizador, e João Silva Filho, o realizador, com a colaboração de pequeno mas dedicado grupo que se afeiçoou a trabalhar para o engrandecimento e desenvolvimento dos esportes naquela cidade, Cambuquira realizará mais uma vez o certame que de ano para ano ganha maior afluência de concorrentes e que cada vez apresenta os melhores resultados técnicos, como prova do preparo cuidadoso daqueles que parti-





A esquerda: o desfile das delegações concorrentes; à direita: a sra. Dulce Silva, em plena ação numa das provas da ginkana automobilística

cipam da competição. Atletas masculinos e femininos do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais são os participantes dos Jogos Abertos de Cambuquira, disputados durante quinze maravilhosos dias que enchem a temporada de movimentação, de alegria, de vibração e de encanto. Dez modalidades esportivas entram em concurso, reunindo um número considerável de bons atletas de ambos os sexos, que ali vão exibir o estado de aprimoramento físico em que se encontram e a harmonia e a beleza da prática desportiva realizada com arte, ardor e perfeição.

ENTUSIASMO REINANTE

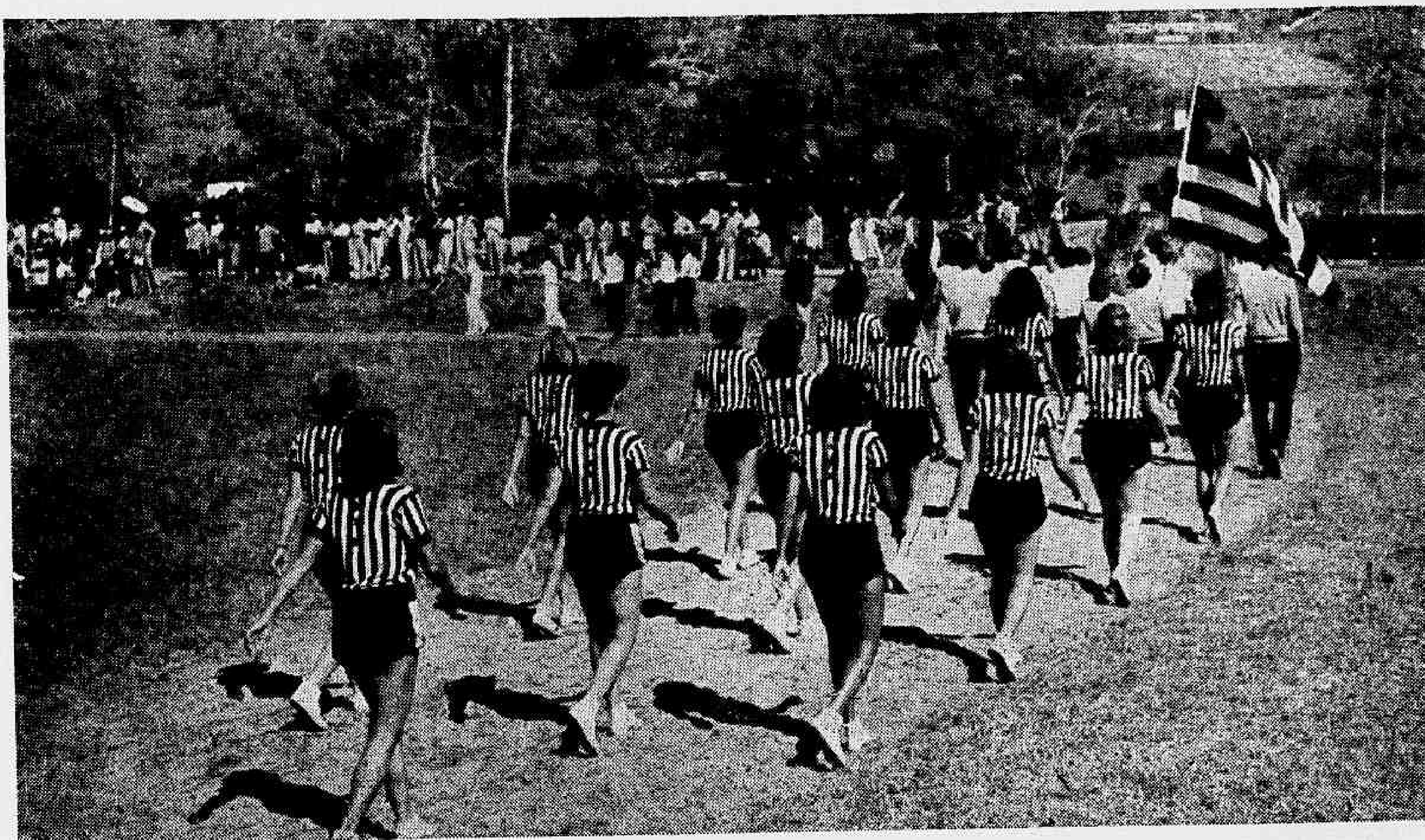
Para a realização dos Jogos Abertos de Cambuquira dêste ano tôdas as providências estão sendo tomadas com o maior cuidado pelos seus promotores e organizadores. As diversas praças de esportes do Cambuquira Tênis Clube, a aristocrática sociedade esportiva da estância sul-mineira, estão sendo preparadas com carinho meticuloso, revelando as melhores disposições em que todos se encontram para que a competição ultrapasse em êxito, em brilhantismo, às realizações anteriores. Promovidos pelo Cambuquira Tênis Clube, do qual é presidente o sr. João da Silva, que também é o presidente da Câmara Municipal da cidade, os Jogos Abertos estão despertando o mais justificado interêsse. Observa-se um salutar ambiente de expectativa e animação fora do comum, com um entusiasmo que demonstra claramente o empenho que todos os que colaboram para o êxito da competição, têm em que os jogos se revistam do máximo esplendor pelo seu desenvolvimento técnico e pela capacidade dos seus participantes. Também entre os concorrentes, muitos dos quais pela primeira vez irão se exibir nos Jogos Abertos de Cambuquira, se observa o mesmo entusiasmo e o mesmo interêsse, confiantes em que se apresentarão nas melhores condições de preparo para o cumprimento de destacada "performance".

OS CONCORRENTES AO CERTAME

As inscrições para a participação nos Jogos Abertos de Cambuquira já tiveram início. Como tem acontecido todos os anos anteriores, deverão ser concorrentes da extraordinária competição anual os seguintes clubes: Tijuca Tênis Clube com tênis, voleibol, bola ao cesto (masculino e feminino) e tênis de mesa; Botafogo de Futebol e Regatas, com voleibol e bola ao cesto feminino; Clube Municipal, com bola ao cesto, voleibol e tênis de mesa masculino; C. R. Vasco da Gama, com voleibol, bola ao cesto, natação, tênis de mesa; Fluminense Futebol Clube, com tênis, natação, voleibol, bola ao cesto, tênis de mesa e tiro, masculino e feminino. De São Paulo deverão estar presentes: — Esporte Clube Pinheiros, com voleibol feminino e masculino, tênis feminino e masculino, natação e saltos ornamentais e atletismo; São José dos Campos, com todos os esportes, menos natação e saltos; São Vicente: — voleibol feminino, e Guaratinguetá, com bola ao cesto e tênis, masculino e feminino. De Minas Gerais espera-se o comparecimento do Clube Atlético Mineiro, com voleibol e bola ao cesto, masculino e feminino; Minas Tênis Clube, com voleibol, bola ao cesto, tênis e natação, masculino e feminino; Cambuquira Tênis Clube, com todos os esportes; Três Corações Tênis Clube, com tênis, voleibol, bola ao cesto, atletismo, hipismo e tiro; Perdões Esporte Clube, com voleibol, bola ao cesto e tênis de mesa, masculino e feminino; C. R. Caxambuense, com tênis, voleibol e bola ao cesto masculino e feminino; Varginha Tênis Clube, com voleibol, bola ao cesto e natação, masculino e feminino, e outros cujas inscrições são esperadas.

DEZ MODALIDADES ESPORTIVAS

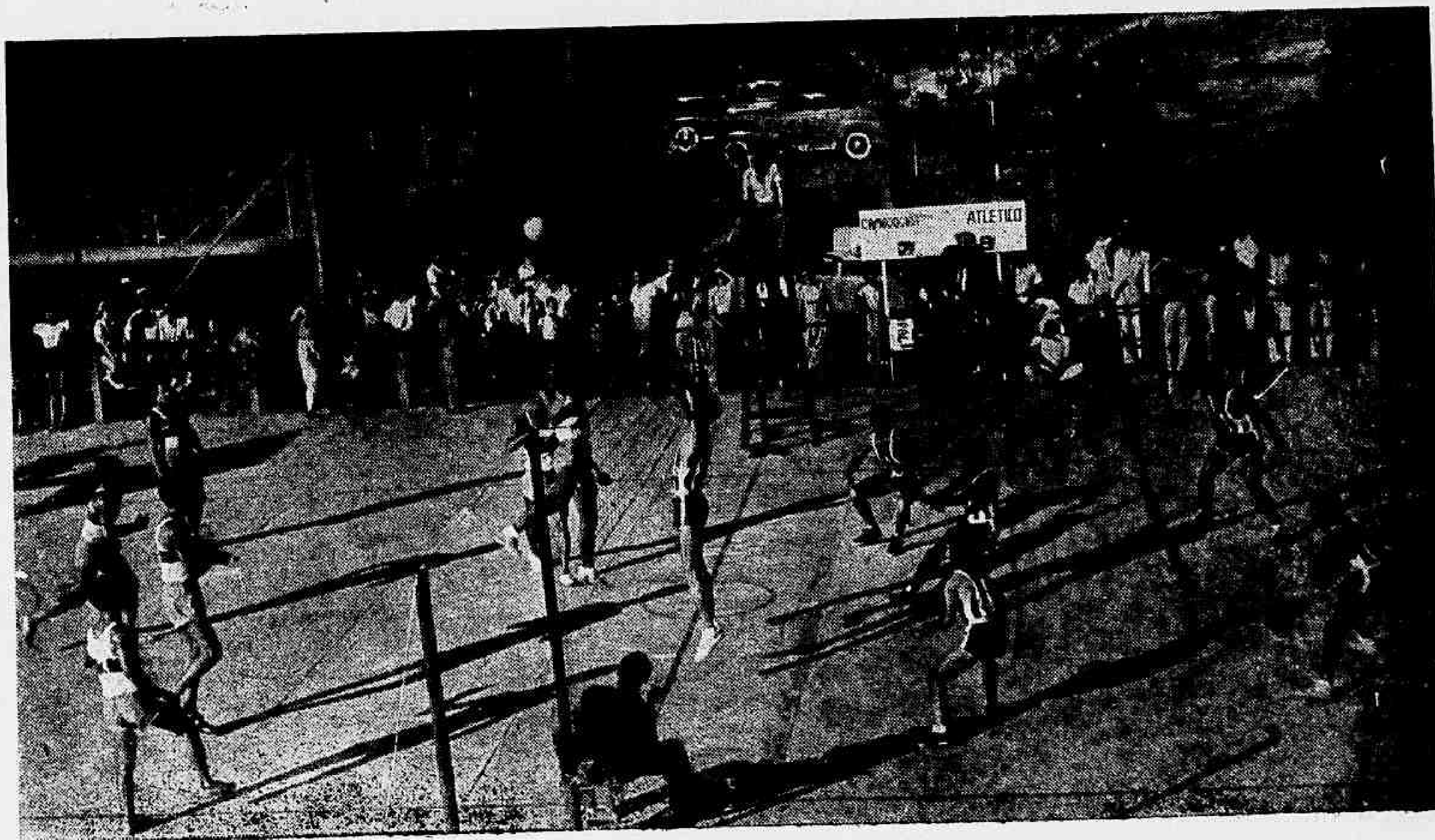
Como se verifica pelo número de concorrentes o número de atletas participantes promete ser maior do que o que tem comparecido nos últimos anos. Isso provará que, de ano para ano, os Jogos Abertos de Cambuquira vão ganhando e conquistando uma situação privilegiada como os jogos mais concorridos do país, não só pelo número de atletas como também pelo número de modalidades desportivas que serão disputadas. Estas são em número de dez, incluindo voleibol, bola ao cesto, natação, tênis, tênis de mesa, hipismo, tiro ao vôo, ginkana automobilística, box e luta livre e atletismo.



A delegação feminina e masculina do Botafogo de Futebol e Regatas, desfilando



Demonstração de luta livre entre dois praticantes



As equipes masculinas de voleibol do Cambuquira e do Atlético Mineiro em ação

Atletas do Varginha T. C. e do E. C. Pinheiros na prova de voleibol feminino

O PROGRAMA DA COMPETIÇÃO

O programa da competição amadorística de Cambuquira será elaborado depois do encerramento das inscrições, quando fôr conhecido o número total de concorrentes. Sabe-se, porém, que, além dos jogos das dez modalidades esportivas estabelecidas, a comissão organizadora do certame incluirá no programa outras interessantes provas e concursos, procurando, dêsse modo, aumentar o interêsse pela competição. Haverá um desfile dos atletas de tôdas as delegações presentes e haverá a solenidade do juramento dos Jogos.

TROFÉUS AOS VENCEDORES

Numerosos troféus serão instituídos para serem conferidos aos vencedores das diversas provas que serão disputadas. A comissão organizadora, a exemplo dos anos anteriores, esforça-se para conseguir um número elevado de prêmios para oferecer aos atletas que mais se destacarem e às delegações que conquistarem o maior número de vitórias.

OS VENCEDORES DO ANO PASSADO

A título de curiosidade, vamos dar, aqui, a relação dos vencedores dos VIII Jogos Abertos, disputados no ano passado de 1949, nas diversas modalidades desportivas:

Tênis: — Simples masculino: Rúbio Rangel, do Esporte Clube Pinheiros; dupla de cavalheiros: James Black—Luiz Carlos Almeida, do Country Club; dupla mista, formada pelas senhoras Silvia Vilari—Rúbio Rangel, do Esporte Clube Pinheiros; simples feminina: Silvia Vilari, e dupla de senhoras: Laura Fonseca—Cléia Castro, do Fluminense F. Clube.

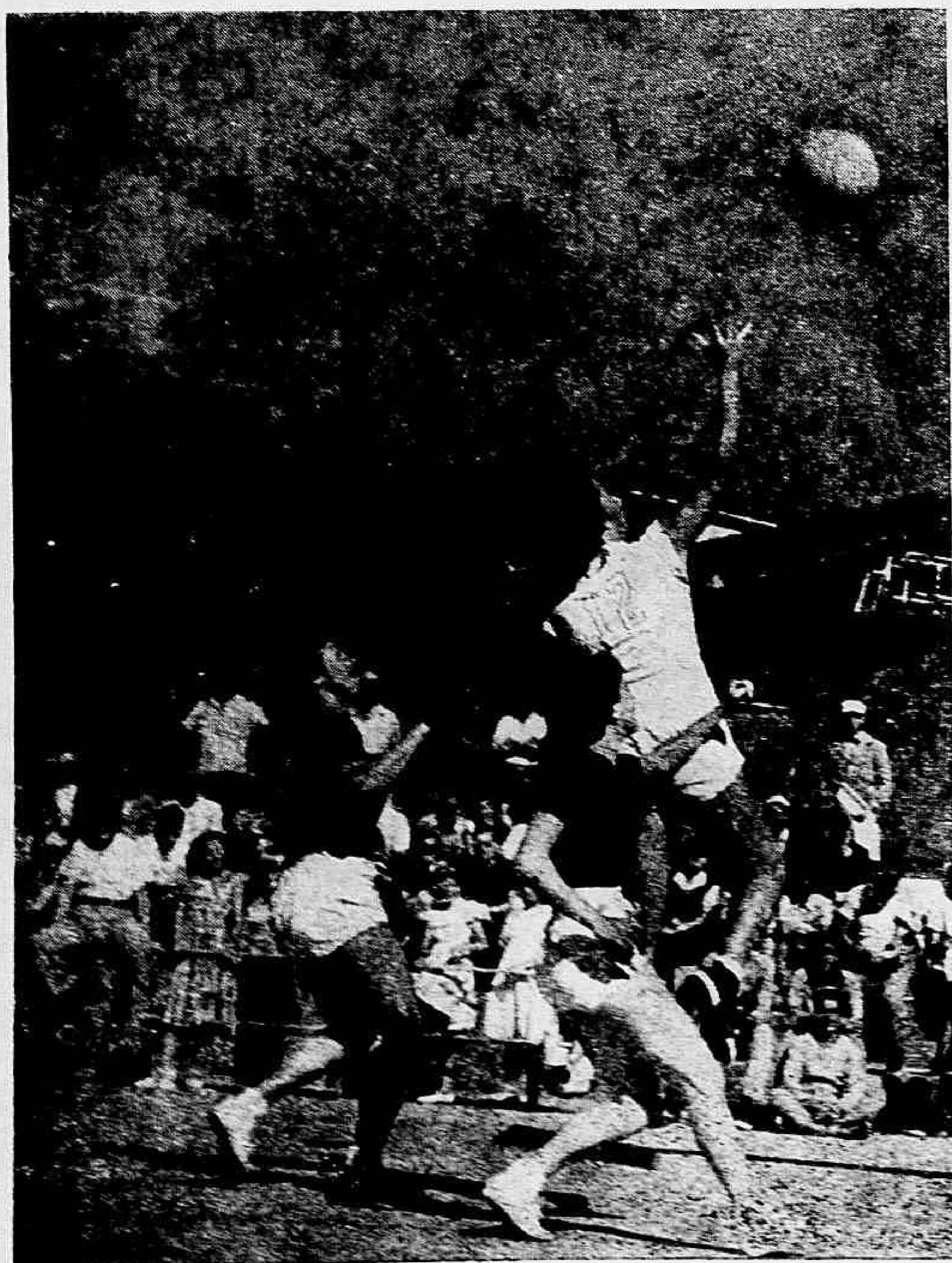
Concorreram, entre outros, os seguintes tenistas: — *Cariocas*: Humberto Costa, James Black, Rui Ribeiro, Luiz Carlos de Almeida, Robert Dickey, Luiz Almeida, Lucilio de Castro, Ernani Scialoback, Artur Boisson, Bonifácio Castro, Iêda Carvalho, Laura Fonseca, Marsi Ribeiro, Carmen Ferreira e Cléia Castro; *paulistas*: Rúbio Rangel, Silvia Vilari e Helena Stark; *mineiros*: Geraldo Pimenta e Dulce Silva.

Voleibol feminino: Tijuca Tênis Clube, que não perdeu um único "set".

Voleibol masculino: Clube Atlético Mineiro.

Basquetebol feminino: Esporte Clube Pinheiros.

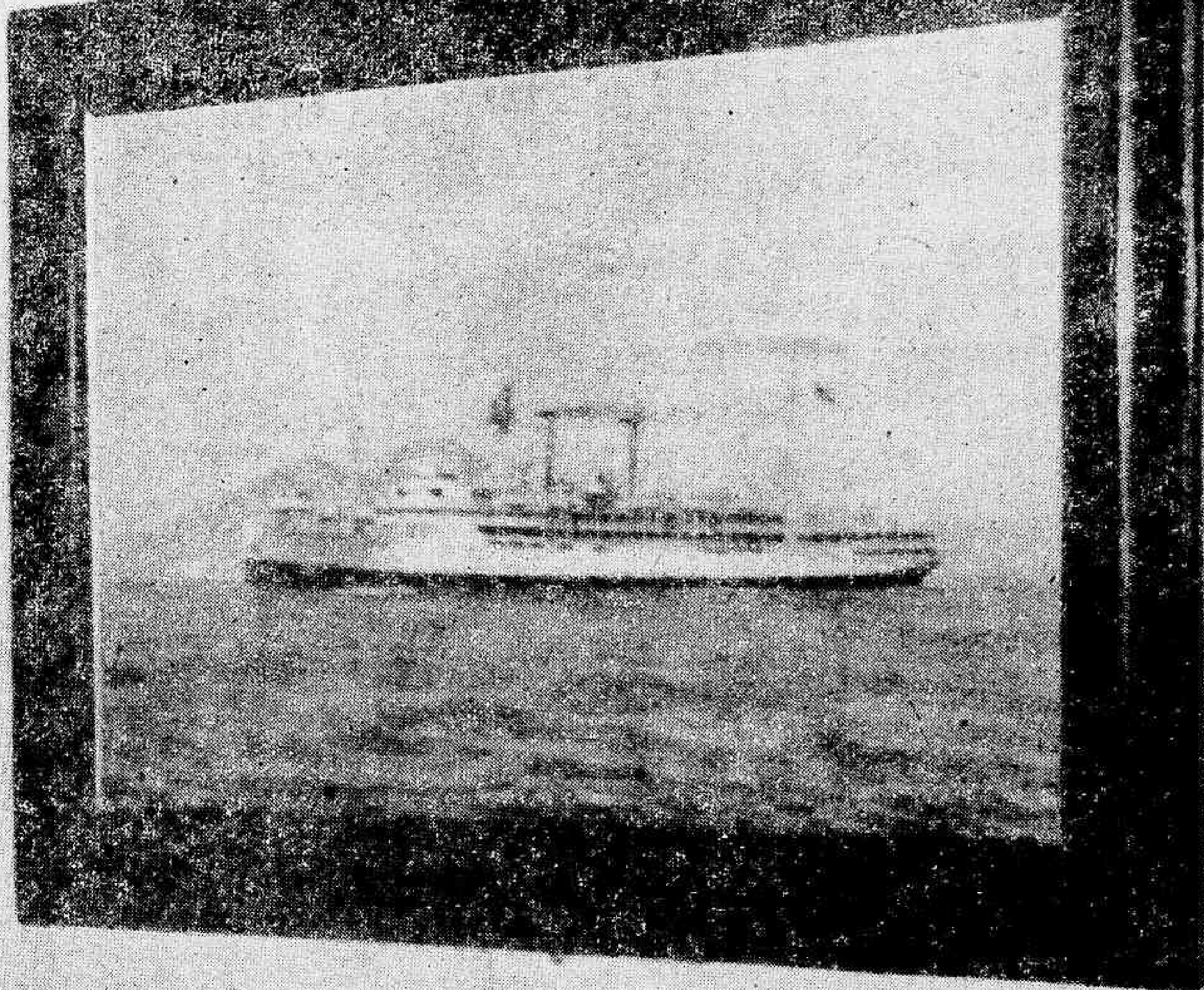
(*Cont. na pág.* 50)



Sugestivo aspecto da prova de basquetebol feminino



José Stockler, um dos vencedores nas provas de tênis

O COMANDANTE

Capitão de Fragata Luís Otávio Brasil, comandante do «Duque de Caxias», mostrando ao repórter um quadro a óleo, na sua câmara, onde aparece o seu navio entrando no pôrto de Nápoles. Em breve êsse episódio será repetido, com centenas de peregrinos que demandarão à Itália, com o propósito de assistir às comemorações do Ano Santo que ali se realizam

JORNADA DE FÉ E RELIGIOSIDADE

PRIMEIRA PEREGRINAÇÃO OFICIAL POPULAR A ROMA PELO "DUQUE DE CAXIAS"

Reportagem de EUSTORGIO WANDERLEY

ENTRE as homenagens prestadas pela Igreja Católica à passagem do Ano-Santo se destacam as piedosas romarias que estão partindo de vários países em direção à Roma — a Cidade Eterna — onde as comemorações dessa notável efeméride tiveram início, na noite do Natal passado, com a abertura da célebre Quinta Porta da Basílica de São Pedro, emparedada há um quarto de século.

No Brasil têm sido organizadas várias romarias, destacando-se a da Comissão Nacional do Ano-Santo, de que é Secretário Geral o Revdmo. Monsenhor Helder Câmara, e que deverá partir desta capital no dia 30 de abril, a bordo do "Duque de Caxias", navio auxiliar da Armada Brasileira.

PROMESSA QUE SE CUMPRE

Afim de informar nossos leitores a respeito do que será essa grande jornada de fé e espírito cristão do nosso povo, procuramos ouvir o Secretário Geral da Comissão organizadora que, na respectiva séde, à rua do Passeio n.º 90, gentilmente nos atendeu, oferecendo-nos folhêtos elucidativos do que será essa Primeira Peregrinação Oficial Popular.

Em um ligeiro momento de folga do seu incessante trabalho, Monsenhor Helder Câmara, muito satisfeito, nos diz:

— Afinal poderemos cumprir a promessa feita de organizar peregrinações a preços populares, e de tanta modicidade que oferecem a todos os fiéis brasileiros uma excepcional oportunidade de participarem das comemorações do Ano-Santo em Roma.

— E quais são êsses prêços?

— Dividiu-se a contribuição dos peregrinos em quatro tipos. O tipo n.º 1, compreendendo transportes marítimos de ida e volta e terrestres de Napoles a Roma e de Roma a Genova é de cinco mil e novecentos cruzeiros, com permanência livre na Itália, sem hospedagem.

O tipo n.º 2 é de oito mil e novecentos cruzeiros, compreendendo, além de todos os transportes marítimos e terrestres, a hospedagem e a alimentação completa na Itália, em dormitórios comuns e coletivos, e excursões, visitas e passeios programados, como consta do itinerário que, depois, lhe mostrarei. O tipo n.º 3 é de nove mil e quinhentos cruzeiros, compreendendo todo o especificado no n.º 2, sendo, porém, a hospedagem na Itália em quartos de quatro a seis pessoas. Finalmente o tipo n.º 4 é de nove mil e novecentos cruzeiros com as mesmas regalias especificadas no n.º 2, porém com a hospedagem na Itália em quartos para duas pessoas.

Nesses preços, é claro, não estão incluidos os impostos brasileiros e estrangeiros, como taxas de previdência, impostos sôbre o total da passagem e taxas de desembarque e reembarque na Itália, somando tudo quinhentos e sessenta e oito cruzeiros e quarenta centavos.

— Quanto à inscrição de peregrinos como é feita?

— E' muito simples: o candidato à peregrinação, além de ser pessoa reconhecida idônea pelo vigário da sua paróquia, deverá, para poder inscrever-se, provar haver depositado no Banco do Brasil; na séde ou em qualquer das suas agências e sucursais, quantia equivalente a cincoenta por cento do preço do tipo de peregrinação de sua escolha, declarando também ter conhecimento da Circular n.º 11 e seus anexos, de janeiro dêste ano, da Comissão Nacional do Ano Santo, estando de pleno acôrdo com as condições all estipuladas. Êsse depósito, e os restantes cincoenta por cento, acrescidos dos impostos e taxas a que me referi deverão ser feitos até o dia 31 de março, pois, na 2.º quinzena de abril deverá partir a peregrinação a bordo do navio auxiliar da Armada "Duque de Caxias".

E Monsenhor Helder Câmara, depois de atender a vários candidatos à peregrinação que desejavam esclarecimentos sôbre alguns pontos do itinerário, continuou a nos falar:

— E' claro que não se trata de uma viagem de luxo e de grande confôrto, pois deve ser determinada pelo mais fervoroso e puro sentimento religioso.

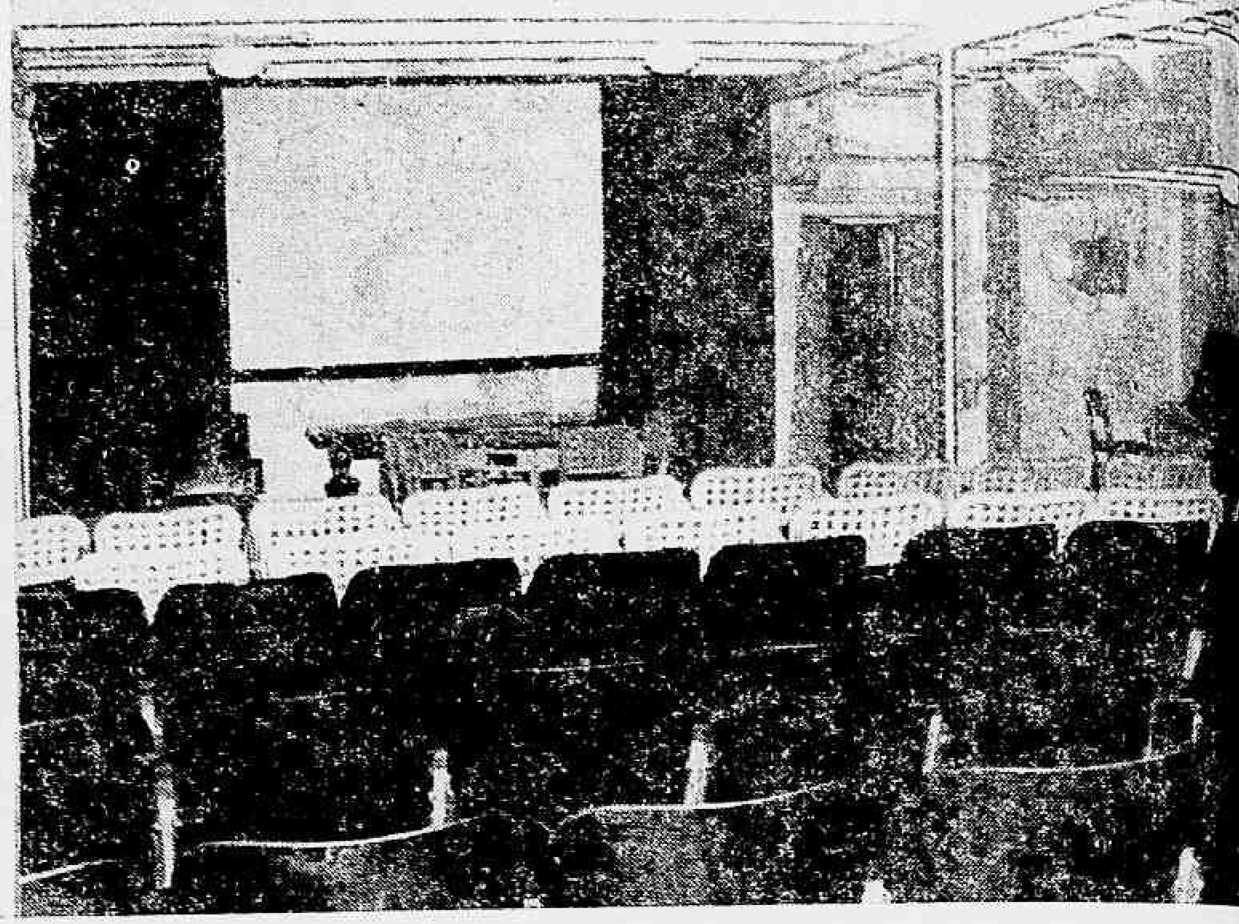
Acentuando bem as palavras acrescentou:

Só deverá viajar no "Duque de Caxias" quem se embeber no espirito de verdadeiro romeiro, embora pretendamos tornar a travessia amena e agradavel, porquanto o navio,



DA TRIPULAÇÃO

Aspecto do refeitório da tripulação, na hora do almôço. Quando esta reportagem estava sendo feita, aprestavam-se os bravos rapazes para levar à Itália os peregrinos brasileiros



AUDITÓRIO

O amplo auditório do «Duque de Caxias», vendo-se, ao fundo, a tela para projeções cine tográfica. Durante a viagem os peregrinos poderão assistir a programas seleciona

destinado exclusivamente aos fiéis, reuni-los-á como uma grande família cristã. Os que forem exigentes, os que não entenderem o sentido do Ano Santo e da Peregrinação Popular, tornada possível graças à boa-vontade do Sr. Presidente da República e da colaboração decisiva da gloriosa Marinha Brasileira, não devem ir. Essa viagem, além de ser um ato de fé e penitência oferecerá também, aos que nela tomaram parte, os encantos da parte espiritual, educativa e instrutiva que a tornarão inolvidável, bem como indeléveis as lembranças de Roma, do Vaticano, dos lugares santos e históricos, monumentos de arte e aspéctos pitorescos do percurso.

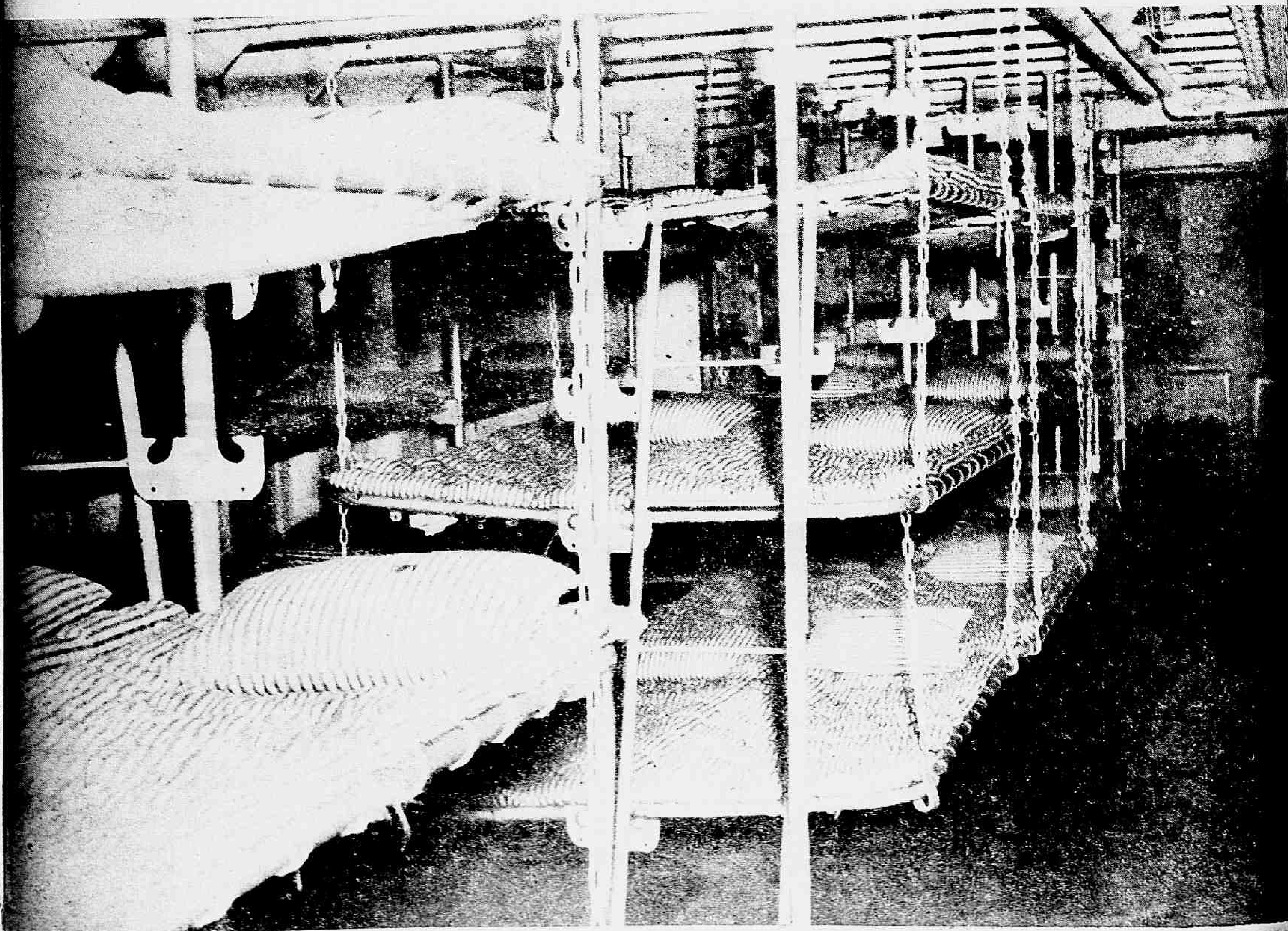
— Quanto a êsse percurso ou itinerário qual será?

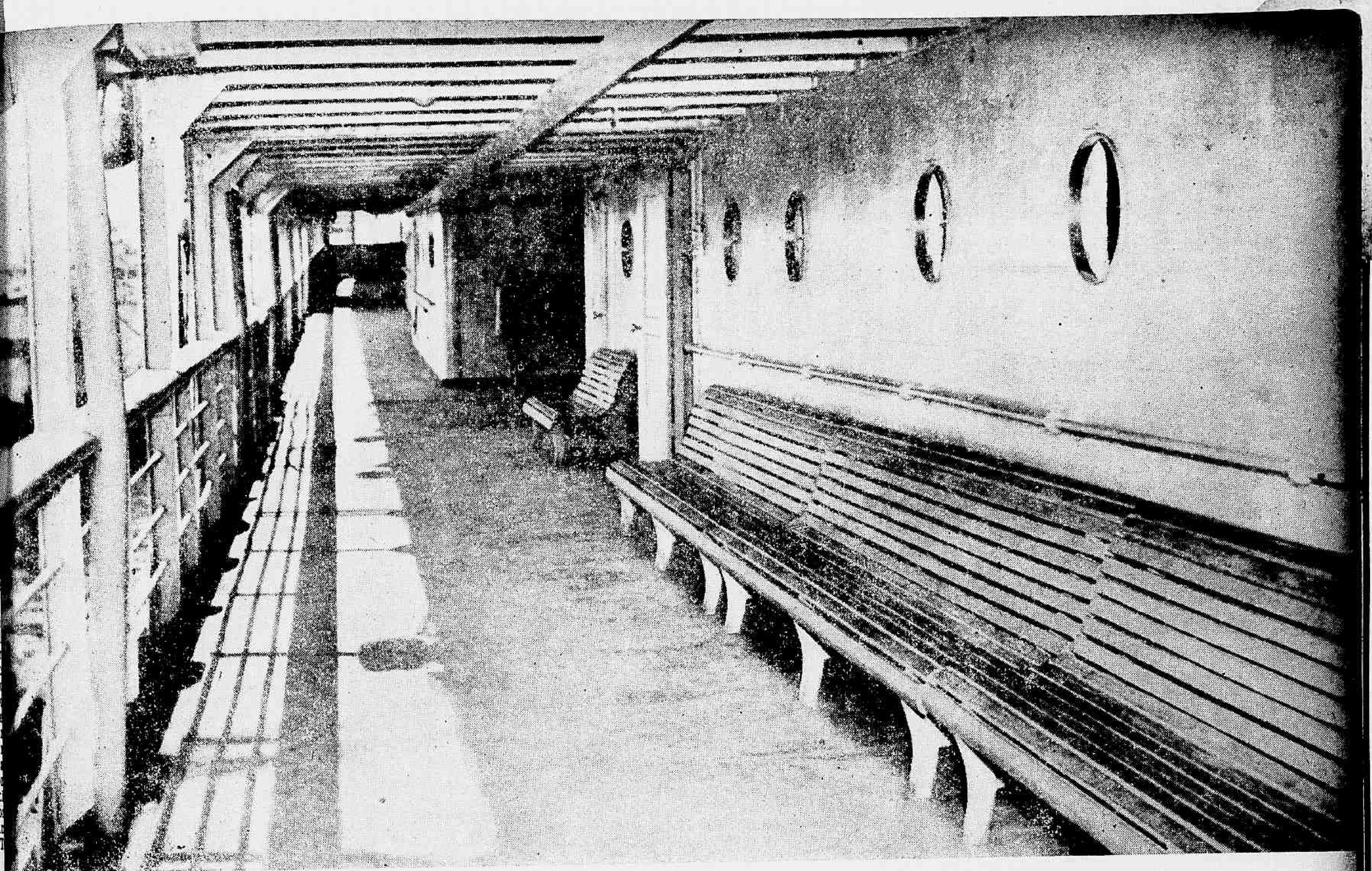
Mostrando-nos o itinerário impresso, Monsenhor Helder Câmara explicou:

— Partiremos do Rio para Santos e d'ali para Salvador e Recife, portos onde deverão embarcar os respectivos peregrinos paulistas, baianos e pernambucanos. Do Recife iremos a Tenerife, nas Canárias, onde o navio se reabastecerá de combustível e os peregrinos visitarão os pontos pitorescos da ilha. Seguiremos, então, para Napoles, onde faremos uma excursão ao Santuário de N. S. de Pompeia. No dia seguinte seguiremos de trem para Roma, onde serão visitadas as basilicas, os monumentos, museus de arte e monumentos históricos. Sua Santidade o Papa receberá os peregrinos brasileiros em audiências especial, dando a benção apostólica. Haverá depois uns quatro ou cinco dias livres nos quais os peregrinos farão excursões e visitas aos arredores Roma Tivoli, Castelos romanos, A sis, Perugia e outros lugares. I mos ainda a Florença e a Monte tini, visitando, em seguida, Pist e o cemitério onde repousam os n sos pracinhas. Teremos também e cursões a Pisa e a Genova, onde embarcaremos para a viagem de r gresso ao Brasil, tocando em M selha, que será visitada, bem co depois Lisbôa, de onde se part para visitar Cintra, Cascais, Esto bem como o Santuário de Fátı em excursão extra. De Lisbôa a T

DORMITÓRIOS

Aqui está um dos vastos dormitórios do navio. Tudo foi prèviamente examinado, renovando-se por completo o material de cada leito, de modo a ser facultado aos peregrinos o máximo confôrto. Será uma viagem durante a qual os nossos patrícios hão de se deliciar com os prazeres da excursão marítima, trazendo, de volta, gratas recordações do que virem





O CONVÉS

Foram êstes flagrantes obtidos quando o «Duque de Caxias» recebia limpeza geral antes de ser colocado à disposição de seus ilustres passageiros. Mostra-nos a gravura, um pormenor do convés, tirado em tarde de sol. Por êle hão de transitar os excursionistas do Ano Santo, e horas inesquecíveis aí serão vividas! Êsse grande convés será um perfeito «boulevard»

nerife, de Tenerife ao Recife, Salvador, Rio e Santos.

A DURAÇÃO DA VIAGEM

Antes de nos despedirmos, agradecendo as atenções com que fomos atendidos, ainda perguntamos a Monsenhor Helder:

— Qual é a duração da viagem?

— Esperamos que a Peregrinação seja feita em dois meses, conforme os cálculos realizados do tempo nela empregado.

A BORDO DO "DUQUE DE CAXIAS

Depois de obtida a necessária licença no Arsenal de Marinha para visitarmos o "Duque de Caxias", o Comandante Nolasco, gentilmente, nos mandou levar, no seu *jeep*, ao cais do Norte, na Ilha das Cobras, onde está atracado o espaçoso navio-auxiliar da nossa Armada.

Apresentamos no portaló as nossas credenciais e o "oficial de serviço" nos mandou apresentar ao Comandante Cap. de Fragata Luís Otávio Brasil, que por sua vez, depois de palestrar conosco sôbre a viagem que iria empreender, designou o jovem Cap. Tenente Palhano para nos acompanhar. Era meio-dia Ia ser servido o almôço. O Comandante, requintando suas gentilezas, nos convidou a almoçar a bordo, fazendo a visita ao navio depois da refeição.

Aceitamos o convite e no salão de jantar fomos apresentados aos demais oficiais entre os quais se achava o Revdº. Capelão Cap. Padre Beranger. Referindo-se à Peregrinação teve êle oportunidade de reafirmar as palavras do Revdº. Monsenhor Helder Câmara declarando:

— Não se trata, é bem certo, de viagem de recreio e muito menos de uma excursão de luxo, e sim de uma peregrinação piedosa, onde cada um fará, de boa-vontade, um pouco de sacrifício, o que a tornará mais proveitosa e edificante.

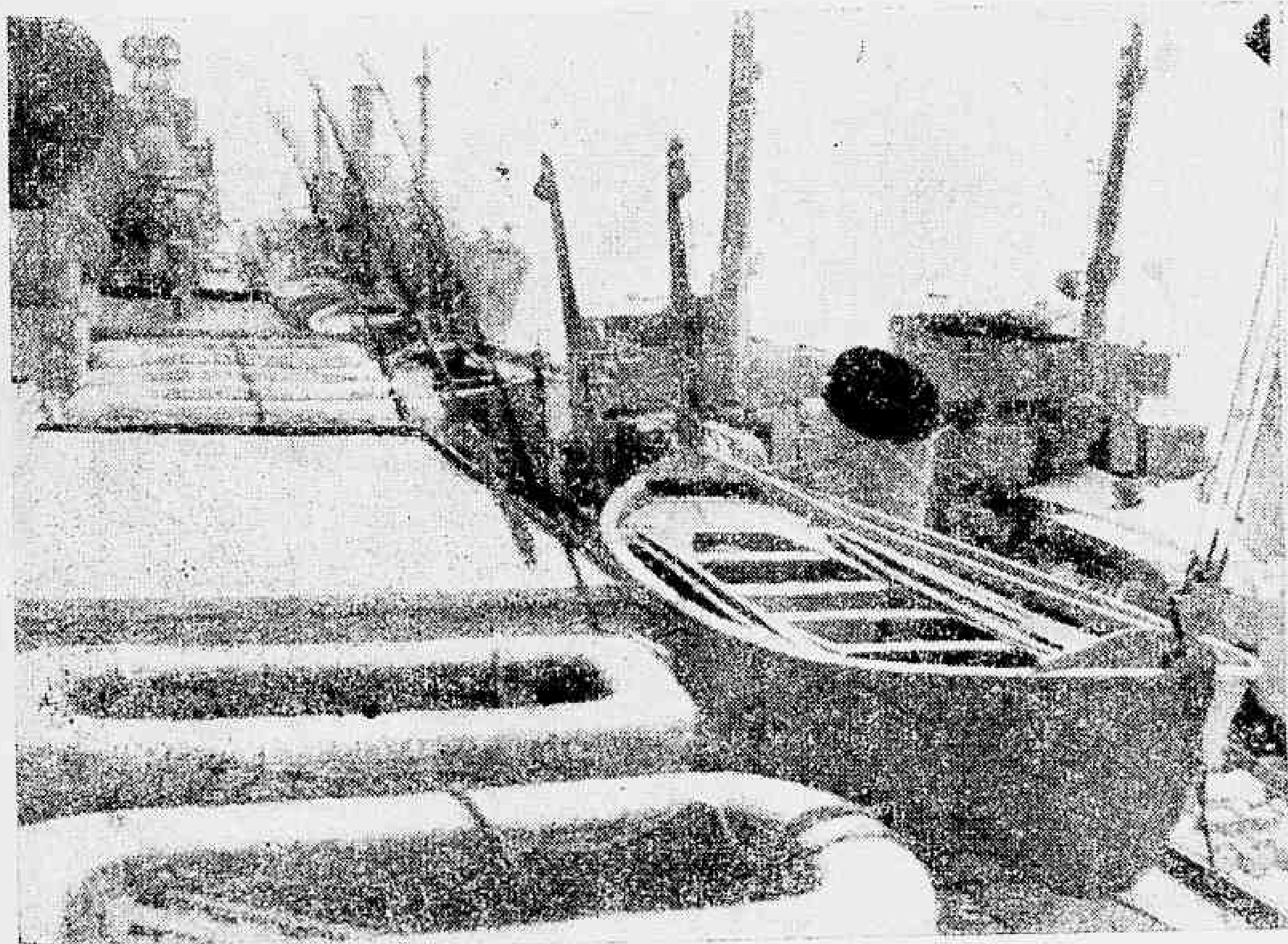
Terminada a refeição percorremos a bela nave que, apesar de estar recebendo ainda os últimos reparos de adaptação, apresenta irrepreensível aceio, com inúmeros banheiros e instalações sanitárias.

Fomos dos alojamentos às espaçosas cobertas, passando pelo salão de cinema e conferências com um confortável auditório e onde será improvisada a capela de bordo para a celebração dos atos litúrgicos.

Na farmácia estava o Capitão médico de bordo, Dr. Max W. Seise, com os seus auxiliares, fazendo uma relação de vultoso estoque de medicamentos.

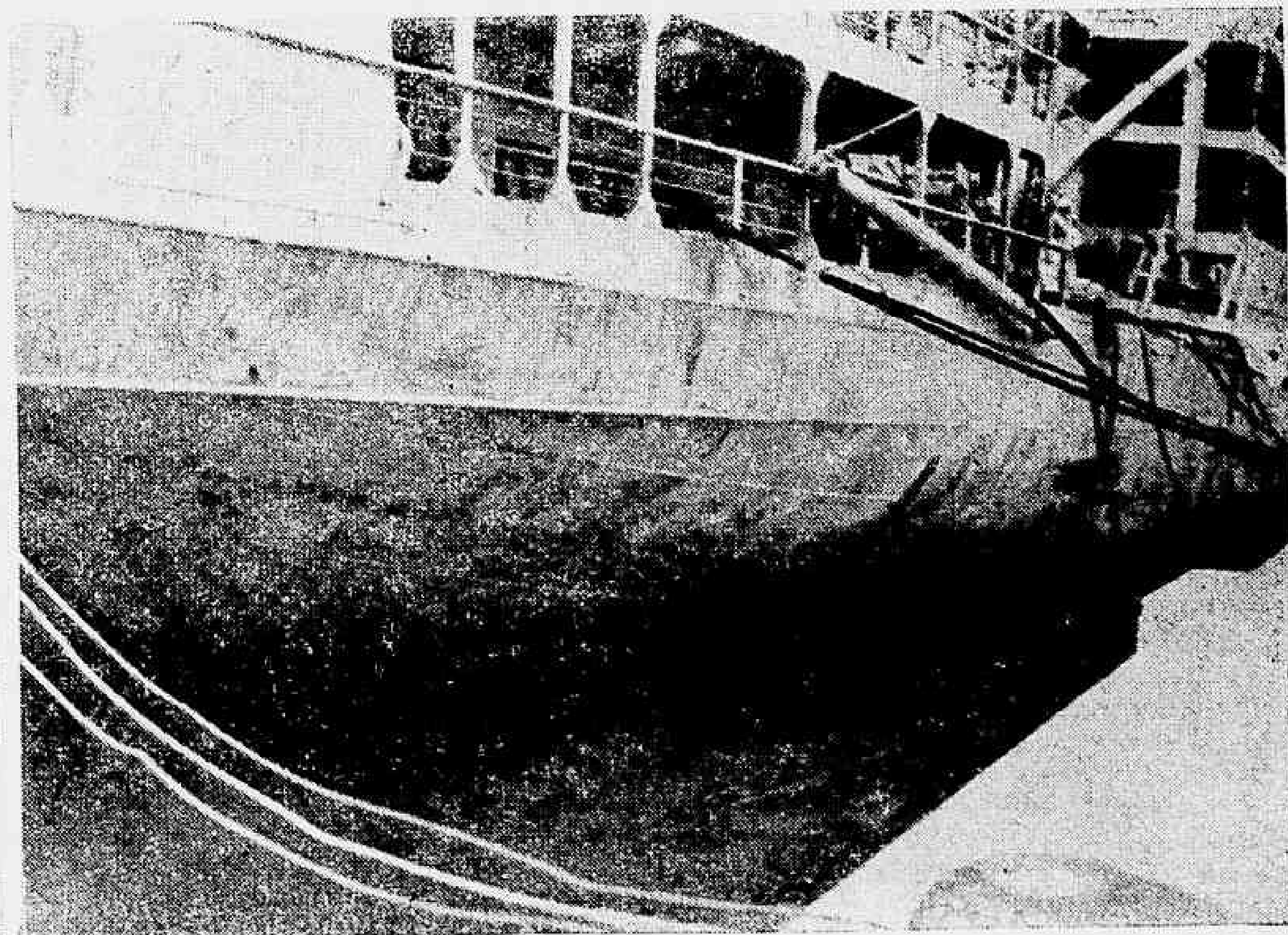
Na "ponte" de comando vimos, ao lado, o camarim de navegação, provida dos mais modernos aparêlhos, assim como instalações de *radar*, encarregando-se da chefia dêsses serviços o Cap. Tte. Palhano. No convés superior se vêem balsas e baleeiras salva-vidas, tudo perfeitamente em absoluta ordem.

Foi a melhor a impressão que recolhemos da visita feita a bordo do "Duque de Caxias", realçando a gentileza da respectiva oficialidade, bem como a discreta atenção de todos os tripulantes, os bravos marujos da nossa gloriosa Armada.



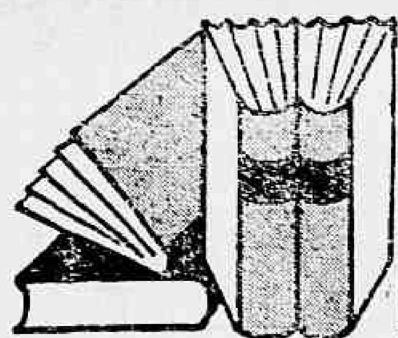
SALVA-VIDAS

Balsas e salva-vidas que se encontram no convés superior. Todo êsse material foi também remodelado para melhor atender às necessidades da grande viagem que agora se empreende

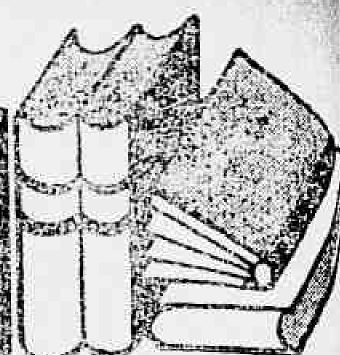


NA ILHA DAS COBRAS

O «Duque de Caxias», ainda atracado ao cáis da Ilha das Cobras, por ocasião da visita que lhe fêz a nossa reportagem. Ultimava-se, então, a limpeza geral para a memorável viagem



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LY

A RESPEITO DE "O TEMPO E O VENTO"

(De SERGIO DE REGIS JR.)



Érico Verissimo

COM a recente publicação do romance «O Tempo e o Vento» foi Érico Verissimo se alinhar, definitivamente, na primeira plana da ficção nacional contemporânea ao lado de José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Otávio de Faria. Em certo sentido Érico os supera com vantagem, pois seu estilo voluptuoso e colorido fala à alma do povo, e sua linguagem é bela, tanto quanto profundamente sugestiva.

Querem uma prova do que afirmamos? Estamos em «O Tempo e o Vento», página 366:

«O médico tornou a olhar para a praça. Viu quando dois guardas fizeram Severino subir os degraus do cadafalso. Dali Winter não podia distinguir as feições do condenado, mas percebeu que os guardas o amparavam para que êle se mantivesse de pé. Ao lado do negro o padre Otero ergueu um crucifixo preto, voltou-se para a multidão e pronunciou algumas palavras que o médico não percebeu com clareza. Começou, então, a erguer-se do povo um clamor unissono, cadenciado e fúnebre. Rezavam o Padre Nosso. As vozes, graves e foscas, enchiam a praça e tinham qualquer coisa que lembrava o som de um órgão. Winter começou a sentir a garganta sêca, a lingua grossa. Agora, um perfume ativo de essência de rosas lhe chegava às narinas, e então êle sentiu, antes de ver, que Luzia estava a seu lado, à janela. Olhou-a de soslaio. Os seios da moça palpitavam, seus olhos estavam fitos no cadafalso, imóveis, arregalados, cheios de uma poderosa fascinação».

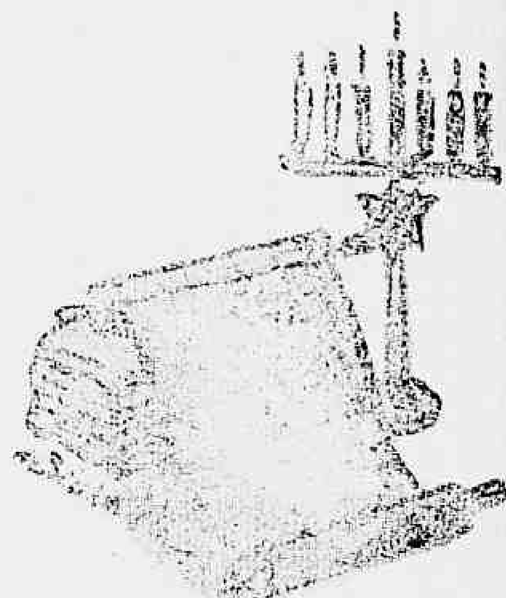
Moysés Velhinho, critico nacional já consagrado nas belas letras de Portugal, referindo-se a «O Tempo e o Vento», asseverou: «o romance está impregnado de matéria épica».

Pela primeira vez, entre nós, um livro de fundo regional movimenta personagens femininas com tanto colorido, vigor e realismo, e isto em contraste visivel com as mulheres de Alcides Mayo e Simões Lopes, que eram meros acidentes na paisagem humana de seus romances e contos.

Era êsse grande livro — frise-se bem «grande» — que Érico Verissimo desejou sempre escrever, embora temesse fazê-lo.

POEMAS ARABICO-ANDALUZES

Alguns poemas arábico-andaluzes antigos, traduzidos da antologia de Emilio Garcia Gomez:



DESCULPA
(Ibrahin Ben Utman)

Não me acuseis de inconseqüente porque meu coração tenha sido insuflado por uma voz que canta:

E' preciso que estejamos sérios, algumas vêzes e que, outras, nos deixemos emocionar, como a madeira, da qual saem tanto o arco do guerreiro como o alaúde do poeta.

NA BATALHA
(Abul-Hasan Ben Al-Qabturnuh)

Lembrei-me de Sulayma, quando o calor da peleja era como o calor de meu corpo, ao separar-me dela.

Pareceu-me por entre as lanças a esbeltez de seu talhe e, quando se inclinaram para mim — abracei-as.

A TÚNICA VERMELHA
(Ben Al-Sabuni)

Sua branca figura avançou coberta com um vestido côr de rosa, como a lua envolta no manto do crepúsculo.

Dir-se-ia que, quantas vêzes derramaram meu sangue os arpões de seus olhos, ela o enxugou, depois, no seu vestido.

OFERECENDO UM ESPELHO
(Do mesmo)

Envio-te um espelho precioso: faz surgir, em seu alto horizonte, teu rosto, lua de bom agouro.

Assim apreciarás com justeza tua for[mo]sura e desculparás a paixão que me c[on]some.

Ah! com ser fugitiva, tua imagem é m[ais] acessivel do que tu, mais benévola e m[e]lhor cumpridora de promessas!

A TEZ BRANCA
(Ben Abed Rabbihi)

Jamais vi nem ouvi coisa como es[ta]: uma pérola que, pelo pudor, se transfor[ma] em cornalina.

Tão branco é seu rosto que, quando c[on]templas suas perfeições, vês teu próp[rio] rosto submergido na claridade dele.

A LUA
(Ben Burd, neto)

A lua é como um espelho cuja limp[idez] foi empanada pelos suspiros das donzelas.

E a noite se veste com a luz de sua lâm[]pada, como a negra tinta se veste c[om] o branco papel.

DEDICATÓRIAS

HÁ um gênero literário que floresceu copiosamente entre nós. Sim, talvez sejamos o único povo escrevente da terra que faz literatura nas próprias dedicatórias dos livros.

O autor, como que não satisfeito de ter já escrito todo um livro de prosa ou de versos, pega na pena e traça para cada amigo, cada confrade, cada crítico, mais uma página especial, autografa, em verso ou em prosa, que talvez os colecionadores um dia disputem a pêso de ouro.

Manuel Bandeira, por exemplo, dedicou um dos seus livros a Murilo Mendes, com êste poema:

Mais te amo, ó Poesia, quando
A realidade transcendes
Em pânico, desvairando
Na voz de um Murilo Mendes!

Não nos lembra nunca ter lido em nenhuma outra lingua mais do que o nome do autor, acrescido do "homenagem" dos franceses, às vêzes com um adjetivo discreto: o "sincerely" ou outro qualquer dos secos advérbios inglêses em "ly", só isso. O cultivo dessa literatura manuscrita, afetiva e laudatória, é só nosso, tudo o indica. Nosso e dos portuguêses, talvez. E' bom que tiremos patente do gênero.

Nesse sentido, o poeta Murilo Miranda fêz na sua "Revista Acadêmica" uma curiosa antologia das dedicatórias. Por ali vimos que há verdadeiros mestres no gênero, entre nós, como o já citado Manuel Bandeira e Oswald de Andrade.

O cultivo sistemático dessas flores das letras que apresentam os livros aos críticos e amigos leva a verdadeiras jóias do gênero que, destacadas do próprio meio — que é a página de guarda ou a do título da obra que credencia — trazem à gente a impressão desconcertante de um anjo surrealista perdido no espaço. Esta, de Guilherme de Almeida, por exemplo, sôlta no florilégio da "Revista Acadêmica", parece um dêsses anjos de três cabeças soltando papagaio:

"Ao Álvaro — o meu Álvaro de sempre — esta saudade verde de agora."

SÔBRE "A CARNE"

HÁ pouco tempo, João Dornas Filho divulgava nos seus "Serões dum alfarrabista" o curioso achado que figura na "Revista Ilustrada", de um registro do aparecimento de "A Carne", de Júlio Ribeiro. Então — isto foi em setembro de 1888 — a famosa revista de Angelo Agostini publicava com certo azedume:

"Júlio Ribeiro, conhecido filólogo, acaba de publicar um romance naturalista, verdadeiramente inimigo da alma — e no qual há a preocupação fixa de descrever coisas más.

A propaganda do "Gil Blas", de Paris, tem feito adeptos. Reconhecemos que uma boa parte da mocidade letrada acha que o meio de vencer o indiferentismo do público é fazê-lo puxar pelo lenço. Daí uma série de obras desagradáveis, traçadas com encarniçamento, e cujo efeito será tornar o público mais indiferente do que é pelos assuntos literários.

Tais tentativas, que não podem ser, de modo algum, poderosas, fazem um certo rumor, mais ou menos forçado durante oito dias, e depois ninguém pensa mais nisso.

Neste romance, "A Carne", o seu autor parece-nos completamente desviado da estrada da sua vocação. Se pudéssemos ser atendidos dir-lhe-íamos: "Basta! Volte aos seus estudos ,tão interessantes, de investigação e aperfeiçoamento da filologia, e, pelo amor de Deus, depois de escrever "A Carne", não nos dê o Mundo e ainda menos... o Diabo...".

O mais interessante — melhor do que essa linguagem desancativa e pitoresca — é mesmo o equivoco em que incorreu o articulista da "Revista Ilustrada", pois "A Carne" não venceu a indiferença do público apenas em 88, mas vem vindo em sucessivas edições, e chegou até êste 1950, para continuar, como um dos mais bem feitos romances brasileiros, malgrado tenha sido uma obra "a programa".

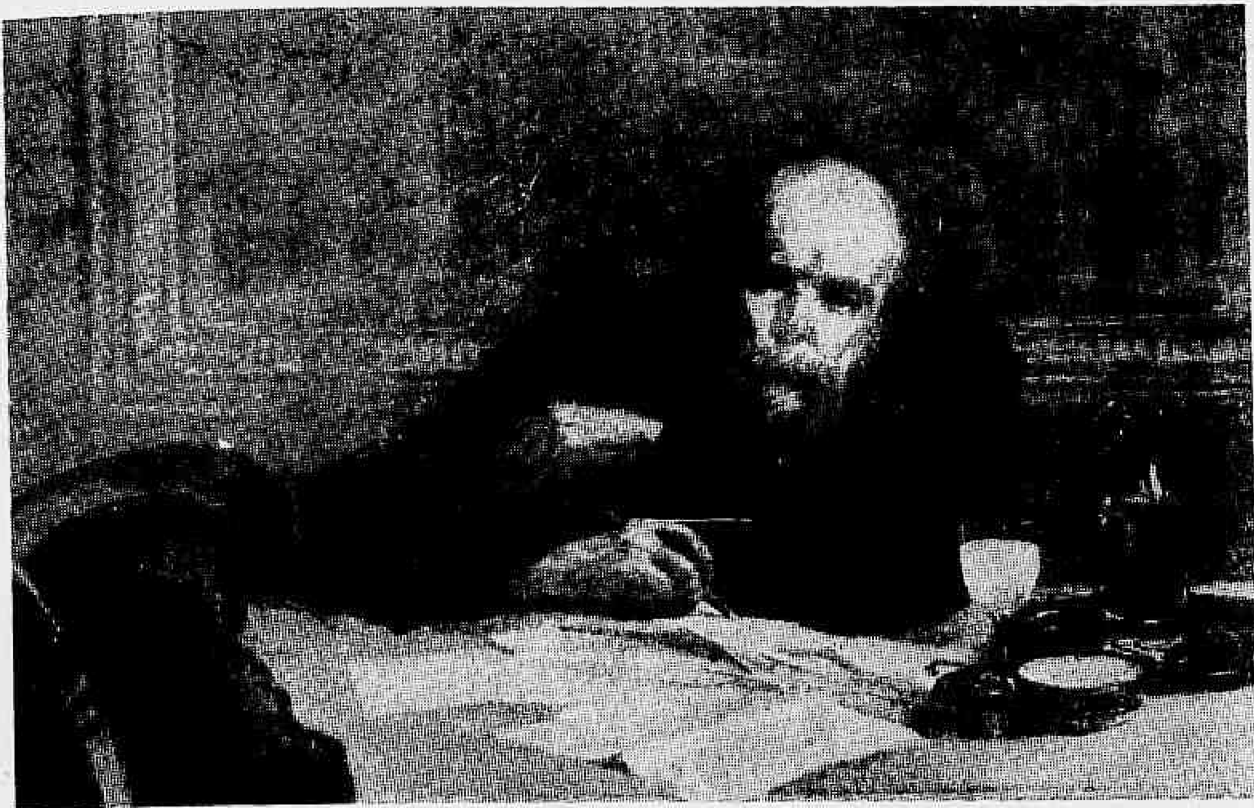
E, note-se: não é só o mal-humorado noticiarista da "Revista Ilustrada" que é contra "A Carne". Críticos e ensaístas interessados em envernizar nomes contemporâneos, têm considerado "A Carne" um mau romance — quando o consideram romance.

GALERIA DE CELEBRIDADES



Dickens — o grande romancista cujos livros emocionantes o cinema inglês vem aproveitando com grande êxito, como ainda agora, "Oliver Twist", de que existe boa tradução brasileira

CANÇÃO PARA VERLAINE (De Murilo Miranda)



Paul Verlaine

Ao vago sonho
Abandonado
Uma voz ouço
Em solidão.

A voz do vento
Que suave chega
Numa palavra
Só de perdão

Ao vago sonho
Abandonado
Uma voz ouço
Em solidão.

A voz do vento
Que suave chega
Chora em silêncio
No coração.

OS ANDAIMES LITERÁRIOS

HÁ um soneto de Olavo Bilac que trata da forma literária, da perfeição, se não nos enganamos. Não sabemos os versos de cor e, aliás, nem que soubéssemos não os transcreveríamos aqui — o Manuel Bandeira sabe por que. Há o soneto. Nêle o vate fala no trabalho do artista que deve ser torturado e minucioso, mas adverte que na obra acabada a forma deve esplender sem mostrar os padecimentos do seu lavor, o monumento deve erguer-se na sua perfeição, sem que sintamos, nêle, a sombra, as marcas enfim, os restos dos andaimes empregados na construção. Não, nada de andaimes!

Pois muito admirado ficaria Bilac se vivesse até hoje para ver o que é que a literatura americana fêz dos seus andaimes. Serve-se dêles para propaganda, como os coladores de cartazes se servem dos outros, dos andaimes mesmo.



Kathleen Winsor

Aqui está o fato na sua emocionante simplicidade.

Apresentando o romance "Forever Amber" — "Entre o amor e o pecado", na tradução brasileira — os editôres resolveram utilizar os andaimes de Bilac para ajudar a glória da autora, Kathleen Winsor, e a venda do livro, principalmente.

Não confiaram só nas quinhentas e tantas páginas formato grande do grosso volume. Não quiseram esperar tudo do estilo da escritora, de sua fantasia, das peripécias em que envolve dona Amber e as outras pessoas que enchem de atribulações no transcurso do volume. Nada disso. Os editôres acreditam na literatura, mas não muito. Sabem que há uma arte de escrever, mas não sabem se os leitores também sabem. Assim, resolveram apelar para a evidência do esfôrço físico, para o palpável trabalho braçal, para o desgaste de músculos e calorias.

Divulgou-se, então, junto com o romance de Amber, o seu rol de roupa suja. Com os sonhos que ela teve a páginas tantas do livro, os vários outros sonhos fuchicados que ela não nos contou e que foram para o cêsto de papéis. Com os capítulos do livro, os fetos não vingaram. Com a obra de Kathleen Winsor, o borrador de sua escrituração literomercantil. Os andaimes do poeta ao lado do edifício do romancista.

Ficamos sabendo, assim, os seguintes dados sôbre esta jóia das letras americanas:

Rascunhos, antes da redação final	6
Total das páginas dos rascunhos	2.941
Páginas de apontamentos	300
Obras lidas, algumas em dois e três volumes	400
Horas despendidas em leituras	1.303
Horas despendidas em apontamentos	380
Horas de trabalho de escrever	3.284
Total de horas gastas para o livro	8.614

Como vemos, um imenso e paciente trabalho o que teve a escritora. Tudo devidamente cronometrado. Diante disso sentimos um frio no estômago. Vertigem. Notem como é comovente o detalhe sôbre as obras lidas, "algumas em dois ou três volumes". Reparem no fato de o livro ter tido meia dúzia de rascunhos, ter sido escrito sete vêzes ,portanto! Notem, finalmente, aquelas 2.941 páginas de rascunhos que a autora, coitada, nem mesmo utilizou para papelotes, com certeza!

Diante de um espetáculo assim, é provável que o interêsse dos leitores degele. E' provável também que muitas vocações de escritoras optem pelo tricô.

E aguardemos que no próximo livro de Miss Winsor ela compute o número de fitas de máquina que gastou, o número de cigarros que fumou — e dos fósforos que riscou para acendê-los também — o número de sanduíches que comeu, enquanto "batia" o livro, o das vêzes que parou para coçar a pontinha da orelha ou para enfiar disfarçadamente o dedo no nariz, como aquêle poeta que Carlos Drummond de Andrade contou que "tirava ouro". Afinal, tudo isso faz parte da elaboração de um livro.

FORA DO PRELO

A MULHER NA POESIA DO BRASIL

Mais uma editôra inicia sua produção em Minas, com o título regional e saboroso de Edições Mantiqueira, vindo cooperar com o meio intelectual montanhês e lançando, em sua primeira tiragem, uma obra por muitos títulos interessante: "A mulher na poesia do Brasil", coletânea organizada por Da Costa Santos, em primorosa obra gráfica, com uma capa assinada por Delpino Filho, um artista com decidida vocação para a ilustração.

Da Costa Santos junta ao bom gôsto, ao espírito crítico, uma sensibilidade de poeta. Assim, a coletânea que organizou resulta numa das mais expressivas que poderíamos ter, sôbre nossos poetas que dedicaram versos à mulher, essa "habituée" de todos os lirismos e que, na poesia brasileira, tão sentimental, amorosa por excelência, desde o cantor de Marília, até os mais atuais modernistas convive com todos, por um ou por muitos momentos, em formas tradicionais ou novas.

À coletânea de Da Costa Santos preside o espírito de seleção mais liberal, inserindo-se, com os sonetistas e trovadores de gesto antigo, alguns dos poetas mais modernos. Assim é que vamos encontrar reunidos, com o mestre dos quatorze versos que é Luis Delfino, o grande Manuel Bandeira, da "Canção de muitas Marias", com o condoreiro Castro Alves, o suave Henrique Lisboa, na lírica aquarela de "Maninha".

Além disso, o livro, que reúne cêrca de duzentos poemas dedicados à mulher, apresenta-nos alguns raros versejadores "poetas bissextos" — na feliz expressão de Manuel Bandeira — como sejam o saudoso pintor Ismael Nery, o romancista ensaísta Gilberto Amado, o historiador João Dornas Filho, o deputado Wellington Brandão, o jurista e prosador Mário Matos, o romancista Aluísio de Azevedo, o banqueiro José Osvaldo de Araújo e outros. São numerosos, também, os poetas inéditos em livro, assinalando-se, entre êles, muitos nomes da nova geração mineira, ao lado de outros já consagrados no registro bibliográfico como Murilo Mendes, Bueno de Riviera, Carlos Drummond de Andrade, Austen Amaro; tantos e tantos mais.

"A Mulher na poesia do Brasil" é, portanto, uma visão panorâmica de instantes líricos na obra variada e pessoal de nossos poetas, antigos e novos, modernos e tradicionalistas, alguns com o sabor e a singeleza dos troveiros e cantadores, outros de forma avançada, todos êles sentindo, através dos prismas mais diversos, a tortura do eterno feminino que, como aquêle esteta das "Lapidárias", melhor diríamos — o efêmero feminino.

MÚSICA DA FONTE

Nito Aparecida Pinto é um novo poeta mineiro que se conservou fiel à poética tradicional. Prefere o soneto, o verso metrificado, a rima — "ce bijou d'un sou". Aí está seu mais recente livro de poemas — "Música da Fonte", em que encontramos um discípulo de Verlaine, desde o título da obra, prêso ao conceito — "de la musique avant toute chose".

Há neste livro belos e comovidos poemas. Sonetos primorosos como forma e inspiração. Por menos que estimemos a nova poesia vestida pelos velhos figurinos — não há como negar a êste poeta real merecimento, pela fôrça de seu estro, e pelo lavor de seus versos.

CHUVA DE ESTRÊLAS

Sôbre "Chuva de Estrêlas", do jovem poeta Kleber Cruz, Agripino Grieco disse predominar — nos seus versos — "a nota de veemente paixão tropical, o entusiasmo das belas mulheres, a festa dos cinco sentidos".

Dentro dessas esferas, o cantor de "Chuva de Estrêlas", conservando as formas tradicionais do verso, em sonetos e trovas, tendo alguns poemas que classifica de "condoreiros" — se exprime com grandiloquência e pomposo rimário, de evidente influência castroalvesca.

Esta poesia é de fato simpática e o



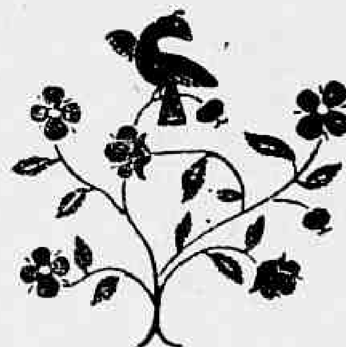
poeta certamente revela qualidades que se afirmarão mais tarde, despidas de alguns preconceitos que ainda impedem mais largos vôos.

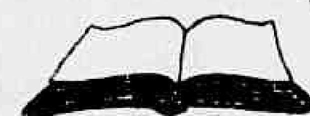
TRÊS TEMPOS DE POESIA

Encontramos em "Três tempos de poesia", de Jorge Rodrigues Coutinho, a história de uma poesia em busca de si mesma. O poeta de uma modernidade sem exageros, reuniu neste volume da Editôra Pongetti versos de três épocas de sua evolução, uma caminhada comovida para fixação da personalidade e até a sua essência lírica. O melhor do livro está, pois, nos dois tempos finais. Mas a inclusão do "Tempo um" serve como documentação de sua poética e mostra a linha de sua evolução natural até ao subjetivismo a que sua arte atingiu, em versos de tocante beleza, de uma harmonia severa, de uma economia vocabular Ys vêzes extraordinária. E tudo simples e transparente, de claras e sóbrias linhas de construção.

LUZ DO PÂNTANO

Bueno de Rivera é um dos grandes poetas atuais. Seu livro de poemas "Luz do pântano" tem belos momentos líricos. Talvez o que mais me interesse em Bueno Rivera seja seu sentimento do trágico cotidiano e sua capacidade de bondade, à cata de solidariedade que traz ao mundo feroz o seu coração de poeta. Mas, lendo-o, o leitor inteligente encontrará por certo muitos outros tesouros de poesia, tanto é estimável e forte esta obra que rompe os montões de livros de versos que todos os dias aparecem para precisarmos ouvir, uma voz nova e significativa das tragédias de nosso tempo.









O TRAPEIRO — Bendita política! Desta vez vou ficar rico . . .

NAS MÃOS DA JUSTIÇA

A PEÇA «O FUNDO DO POÇO»

MOVE A AÇÃO O IRMÃO DE PAULO FERREIRA DE CAMA…

REQUERIDA A PROIBIÇÃO D… PEÇA "O FUNDO DO POÇO"

Matou por amor

ACUSADA A ESCRITORA HELENA SILVEIRA DE TACHAR DE ESQUIZOIDE TODA A FAMILIA DO PROTAGONISTA DA TRAGEDIA DA RUA STO. ANTONIO

DIARIO DA NOITE

"Uma ofensa não sòmente aos mortos, mas tambem aos vivos"

ADMITIDA A HIPÓTESE PELO PROMOTOR PÚBLICO

MORTO POR VIN…

OS JORNAIS de São Paulo repercutem o escândalo provocado pela peça da sra. Helena Silveira, «No fundo do poço», feita em colaboração com Jamil Almansur Haddad. Foram os autores acusados de «uma ofensa não sòmente aos mortos, mas também aos vivos», porque a peça diz-se inspirada em rumoroso crime que abalou a sociedade paulistana há anos atrás

UMA PEÇA QUE FAZ BARULHO!

CELESTINO SILVEIRA

POUCAS vêzes um original de teatro há de ter despertado em São Paulo a curiosidade pública que se está observando com o trabalho da sra. Helena Silveira, intitulado "O Fundo do Poço".

Simultâneamente com a encenação da peça, no Teatro Cultura Artística, pela Companhia Sandro-Maria Della Costa, foi editado o livro. E os primeiros rumores do escândalo surgiram poucos dias depois da "première". Inspirou-se a sra. Helena Silveira, com a colaboração do sr. Jamil Almansur Haddad, para escrever essa obra, num acontecimento policial registrado na capital bandeirante, não faz ainda dois anos: Por motivos até hoje não esclarecidos, um rapaz tirou a vida à própria mãe e a duas irmãs, fazendo-o de maneira requintadamente tenebrosa. Para começar, fêz que as próprias vítimas, elas mesmas se incumbissem de confeccionar as vestes com que deveriam ser sepultadas. E depois de as envenenar, uma após outra, parece que ainda precipitou o desenlace — puro recurso de eutanásia — desfechando um tiro de revólver em cada uma delas. Já então havia mandado abrir no quintal da casa modesta, não muito longe do Viaduto do Chá, um profundo poço, sob o pretexto de faltar água no lugar, desejando portanto obter água pura, limpa, para os arranjos da casa. Mas, uma vez perpetrado o tríplo crime, o rapaz incumbiu-se, pelas próprias mãos, de sepultar as vítimas, escondendo-as no fundo dêsse poço fatídico.

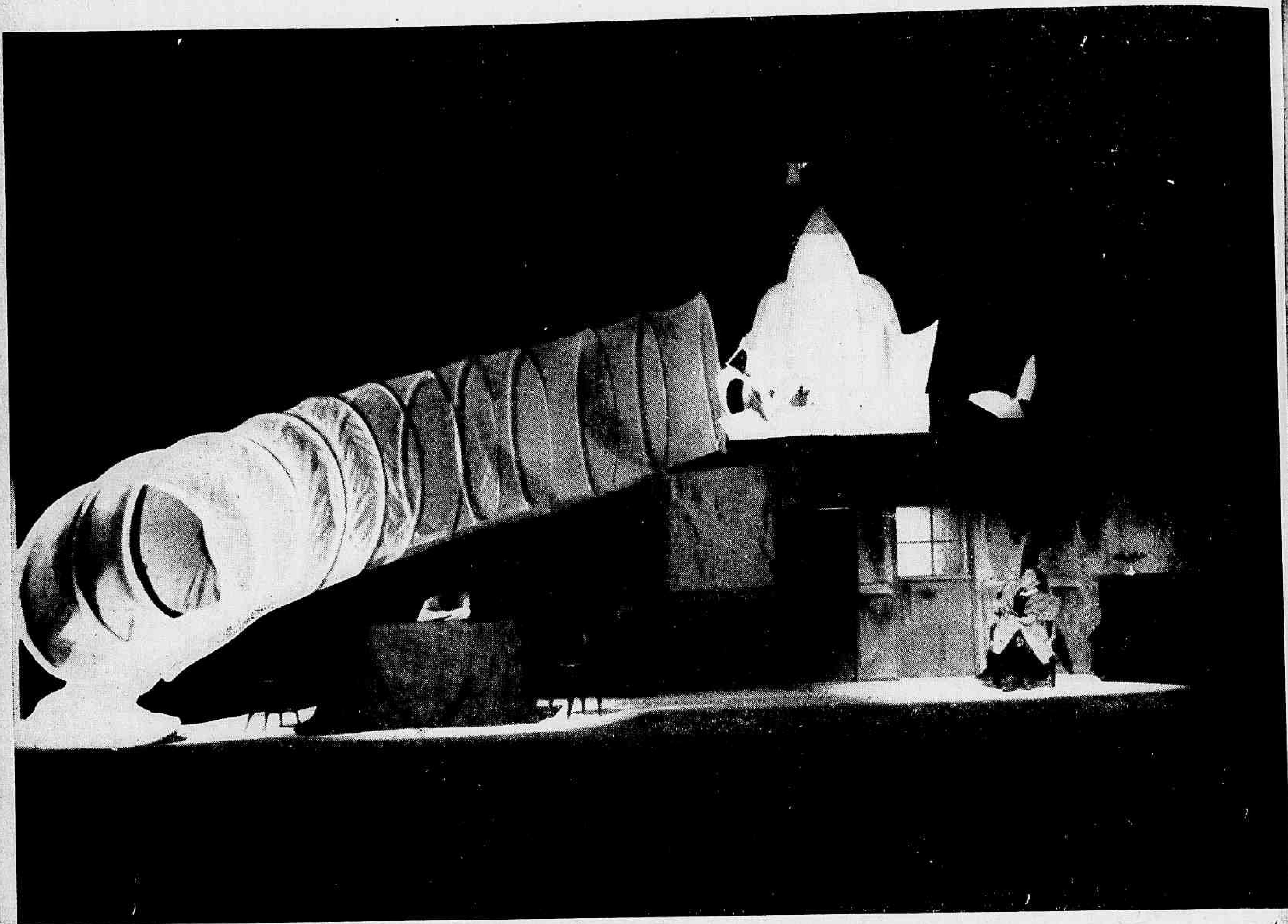
Passaram-se os dias, e talvez o jovem acreditasse ter praticado o crime perfeito, quando um vizinho bisbilhoteiro, arisco, metido a repórter-amador, deu de fazer sindicâncias e ao que se diz, daí vieram as primeiras suspeitas. Por sua vez foi a polícia cientificada do misterioso desaparecimento daquelas três mulheres e as sindicâncias começaram.

Defendeu-se o criminoso alegando terem sua mãe e irmãs sido vítimas de um desastre fatal, em terras do Paraná. Mas a excavação no poço foi levada a efeito e, quando afinal tudo ia ser descoberto, sobreveio o desfecho inevitável: o criminoso suicidou-se com um tiro no ouvido.

★

Como foi recebida a peça pelo público e pela crítica? Da melhor

NA NOITE DA ESTRÉIA, a sra. Helena Silveira, no «hall» do teatro, autografa exemplares do livro que reproduz a peça, vendidos em benefício da Cruz Vermelha Brasileira



O CENÁRIO

É de Sandro Polloni e faz a ação desenvolver-se em dois planos: o subjetivo, ao alto, simbolizando o túnel — o poço em que o protagonista fêz sepultar a mãe e duas irmãs, e o plano real, em baixo, onde transcorrem as cenas objetivas. Na gravura, o investigador aguarda, pacientemente seatado, que Júlio se resolva a confessar o crime. E Júlio, debruçado, evoca...

maneira. Nomes ilustres, como o de Menotti del Picchia, teceram louvores à obra literária da autora estreante — em teatro, bem entendido. Disse Menotti:

"Li por gentileza da autôra o original de "O fundo do poço". Não preciso repetir meu juizo sôbre esta notável escritora. A audácia da tese desafiava uma grande inteligência. Sôbre algo de tremendamente trágico a artista se propôs imaginar os moventes ocultos do drama, justificá-los no seu terrível sentido humano, transferi-los em símbolos para uma angustiante atmosfera de poesia. E' claro que se os atores — parte dêles mortos falando — e o protagonista — um ser bifurcado entre o sentido asfixiante da realidade viva e o mundo criado por sua exaltação mental tão rica de elementos mórbidos — não poderiam ser avatares carnais dos sêres cotidianos. Tudo nêles — gesto, voz, máscara — deveria ser transposto para o campo lírico. O grande símbolo do "túnel" — como o da prisão no "Anjo Negro" — seria o "leit motiv" poético desas almas encarceradas no poço sem saída da sua fatalidade mortal. Helena Silveira tirou magistral partido de todos êsses elementos e encontrou em Graça Melo o grande intérprete do seu "standaliano" Júlio e na graça da compreensiva Maria



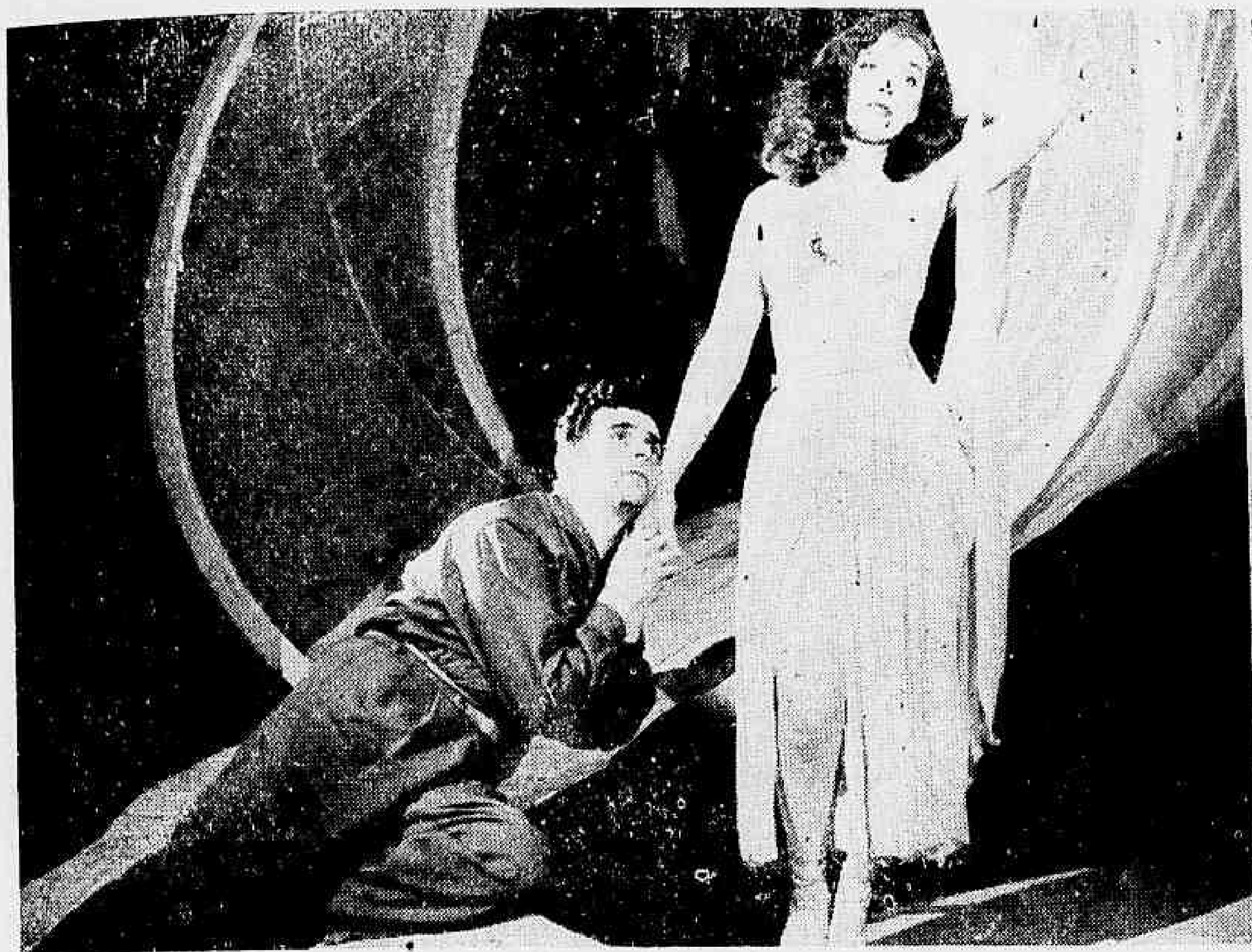
MÃE E FILHOS

Evoca o que se reconstitui no plano superior: a velha Úrsula, ao lado os filhos — Júlio, Cornélia e Conceição — sabe o destino que os espera. Elas mesmas preparam as mortalhas



DENÚNCIA

Talvez o crime triplo ficasse eternamente encoberto, não fôra o vizinho bisbilhoteiro que se lembrou de avisar à Polícia o desaparecimento das três mulheres de maneira misteriosa



DELÍRIO

E a evocação continua. Êle acaricia e afaga: — «Pobre de minha irmãzinha! Perdôe! Você não passa de uma criança infeliz!» E Cornélia: «Somos dois galhos da mesma árvore...»



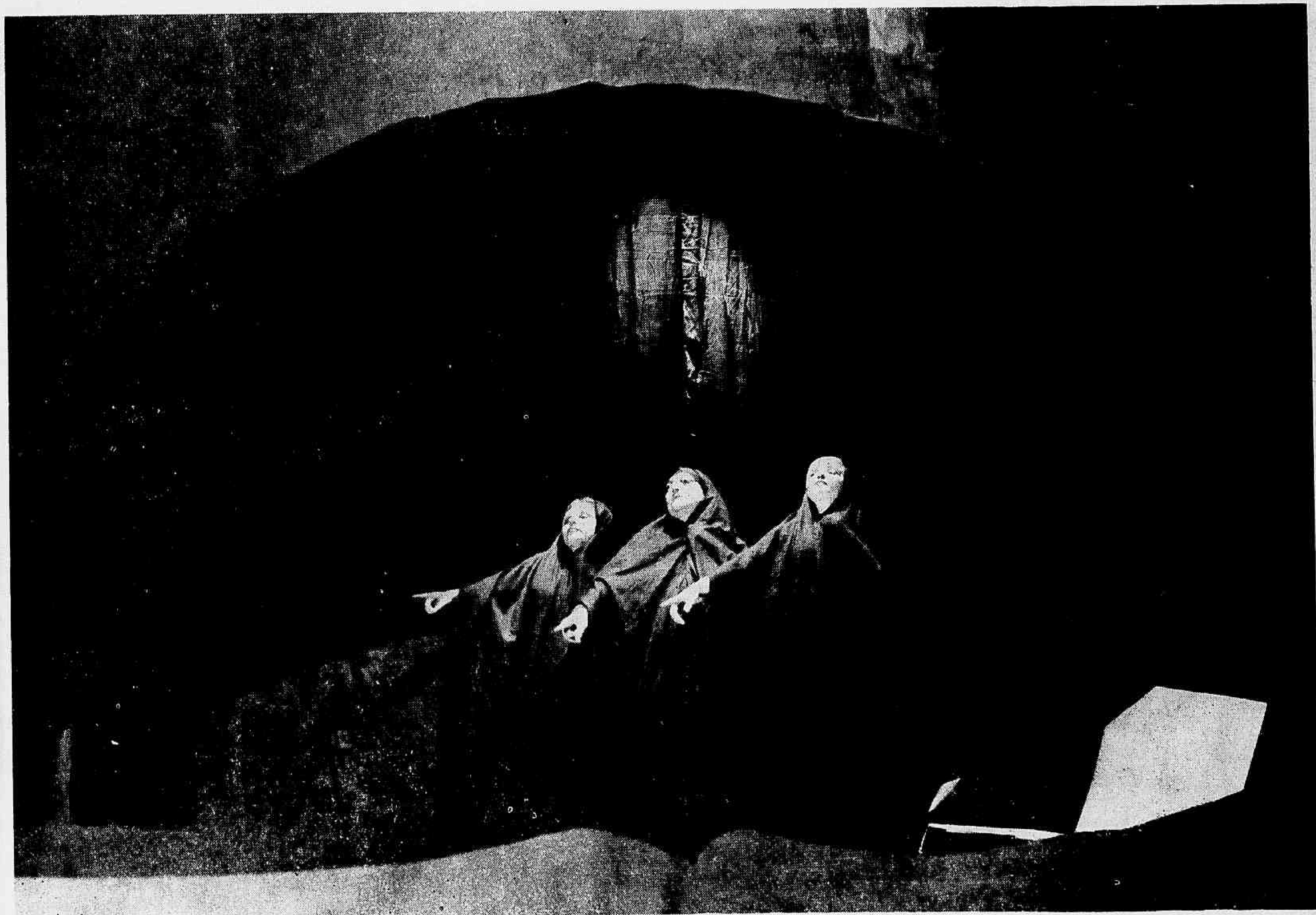
FRAQUEZA

Júlio não consegue iludir o guarda que o vigia. E num transporte mais violento, quando pretende impedir que se reabra o poço, é esbofeteado para se acalmar e talvez confessar

Della Costa e Lídia Vani, as intérpretes das suas tristíssimas irmãs. Itália Fausta e os demais atores mantiveram o nível alto desse espetáculo, que foi bem uma festa de inteligência paulista. Um gôsto amargo fica na nossa bôca ao devorar êsse pedaço de pão negro da vida, que é a motivação freudiana da temática de "O fundo do poço". Sai-se daqui com a já tão presente angústia sartreana. O problema de um determinismo inelutável a compor uma essência trágica e mórbida de dolorosas e fatais vivências é impôsto cruelmente pela dramaturga, sem concessões, sem pena de aflição da platéia, obediente à tremenda pesquisa que fêz de quatro pobres almas "que já se sentem mortas", que sabem que a única saída do seu túnel — saída salvadora — é pela porta da morte. Todo o horror esquiliano ali se condensa sem remissão e sem respiradouros, a sufocar aquelas quatro almas no fundo de um poço que, em última análise, é a expressão fatalizada das suas vidas".

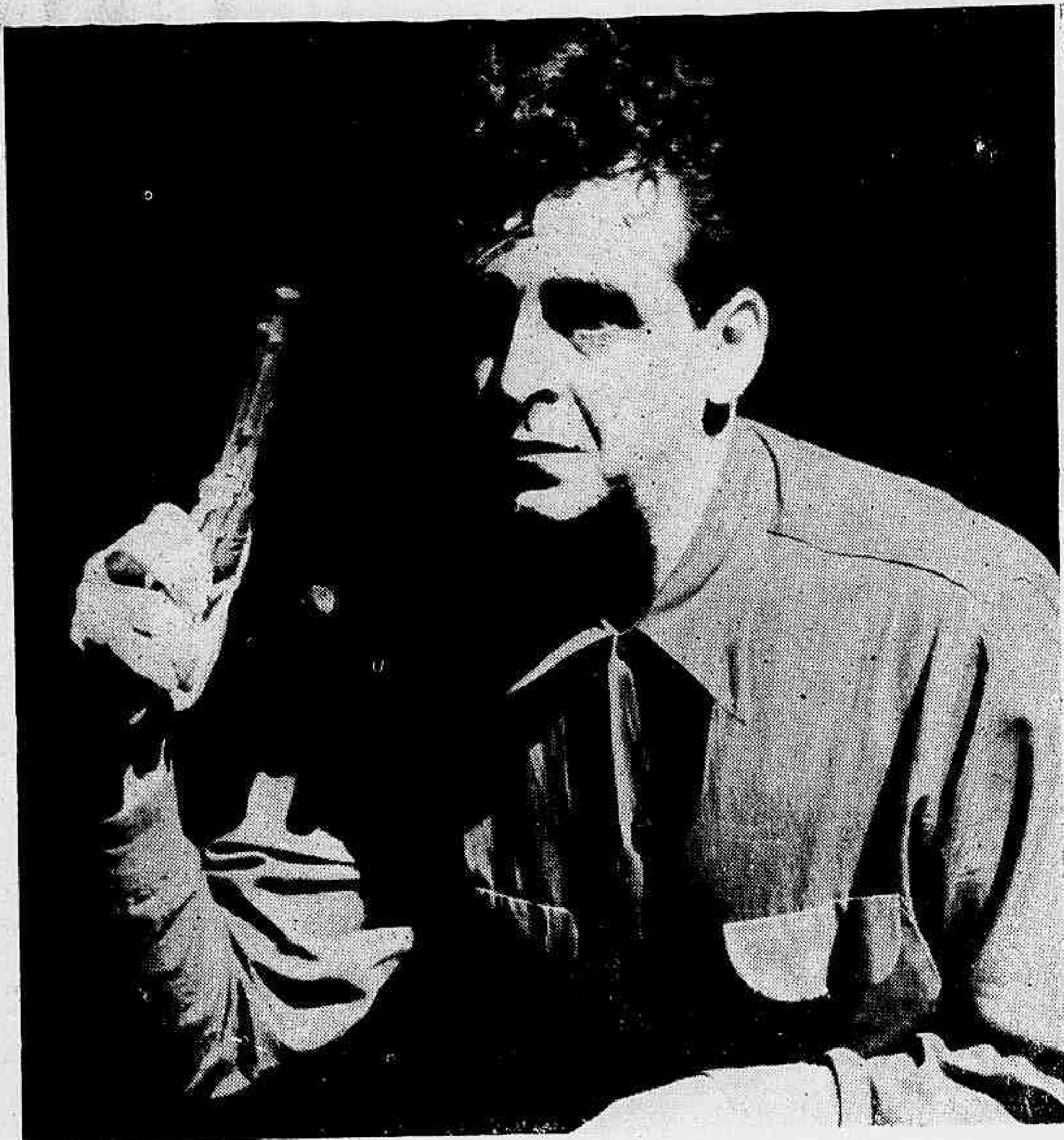
★

Mas se o público e a crítica entenderam o sentido lírico da peça, o mesmo não aconteceu com outros elementos. Parece ter surgido um contra-parente do protagonista, disposto a lavrar o seu protesto, fazendo-o pelos caminhos legais. E apareceu a demanda, enchendo colunas de jornais, travando-se polêmicas, debates em praça pública, enquanto vistosas "manchettes" despertavam o caso já quase esquecido e devolvendo-o à ordem do dia.



TRÊS SOMBRAS

Êle não confessou, mas a tortura o persegue e domina. Quando mais precisa controlar-se, para enfrentar as investigações da polícia, mais se atordoa. E vê, em transe, as três sombras: a mãe e as irmãs que não vivem mais, e que o apontam, do fundo do poço, onde se encontram e onde reclamam a sua companhia. A mãe e as irmãs de Júlio o chamam...



... E O FIM!

Júlio não resiste ao chamado. Êle também sente a atração do pôço, em cujas trevas há de mergulhar, encontrando a paz e o silêncio... Um tiro de revólver — e tudo acabou...

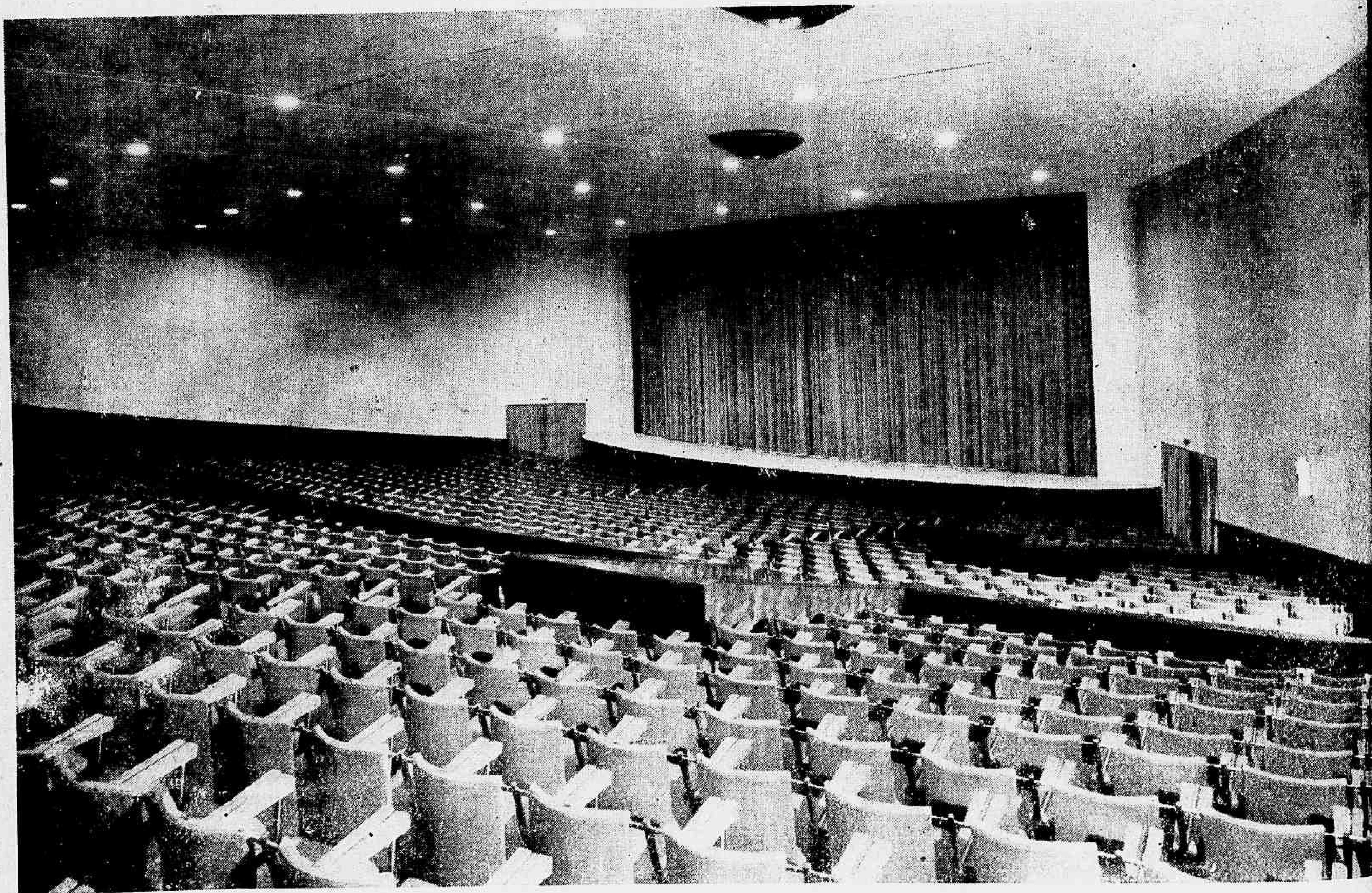


A INTÉRPRETE

Maria Della Costa, intérprete da figura central feminina, papel de alto sentido lírico, me... ceu da crítica paulistana honrosas referências. Ela revelou-se uma comediante de esti...

Novamente os paulistas entraram a pesquisar, a acompanhar os pormenores do crime, do seu aproveitamento lítero-teatral. Com isso é claro que a peça fêz atrair para si mesma uma curiosidade invulgar. E se o sucesso já vinha sendo pronunciado desde a memorável noite em que foi inaugurado o Teatro Cultura Artística, na rua Nestor Pestana — a partir daí a curiosidade, a ânsia de ver se era de fato uma profanação à memória dos tristes heró... passou a levar freqüência mu... maior àquela casa de espetácul...

(*Cont. na pág.* 4...)



O TEATRO

Mil e seiscentas poltronas divididas em duas platéias sobrepostas, constituem o auditório do novo teatro paulistano, talvez o mais confortável do país e do continente, para declamação. É refrigerado, não tem frizas nem camarotes. Foi construído por iniciativa da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, e inaugurado pelo Teatro Popular de Arte



FACHADA DO TEATRO CULTURA ARTISTICA, SITUADO NA RUA NESTOR PESTANA, EM SÃO PAULO. AO ALTO, UM MURAL BEM MODERNO COBRE TÔDA A FACHADA

Novela de NORMA CÂMAR[A]

O FASCÍNIO DO RUBÍ DE PALLAS

— Abram essas malas! Revistem tudo! A senhora, venha por aqui. Precisamos revistá-la. Pode entrar! Vocês duas, dispam essa mulher!

— Absurdo! Não compreendo porque me humilham desta maneira!

— Procure compreender. São as formalidades da lei!

Um vivo rubor de indignação e pudor tingiu de um róseo mais vivo a pele clara da bela mulher que as duas empregadas da aduana descobriam sem nenhum escrúpulo, enquanto as peças de roupa leves e perfumadas caiam sôbre o tapête ordinário da sala onde estavam.

Por ordem da fiscalização alfandegária, todos os passageiros vindos da Itália seriam, de agora em diante, rigorosamente revistados, seus documentos meticulosamente examinados, a bagagem cuidadosamente revolvida. Por isso, as duas moças encarregadas dêsse mister, não perdiam um só ponto, um retoque, um disfarce qualquer na roupa da mulher que desnudavam naquele momento.

— Repare nessa combinação, Rosalinda!

Ouvindo isso, o coração da viajante bateu mais forte, enquanto seus dedos afilados despregavam numa indiferença fingida, numa displicência pouco natural, um lindo camafeu que era o único adôrno do vestido cinzento que ela acabara de apanhar de sôbre o tapête.

— Está tão pesada!...

E as duas, àvidamente, desfizeram os pontos da bainha, rompendo a fina renda, vendo maravilhadas, as mais puras opalas que olhos humanos pudessem imaginar.

— E' isso o que a polícia procura, madame. A senhora não foi bastante perspicaz quando pensou que não seria revistada. Agora, vista-se e vamos para fora.

Nem uma palavra saiu dos seus lábios finos, que tremiam sob a camada de batom de côr viva, dando a impressão de um grande choque que lhe tolhesse as idéias, sem a deixar compreender até onde poderia chegar aquela descoberta da polícia. Seus pensamentos certamente procuravam uma solução adequada, uma explicação plausível que ela teria logo mais de dar, quando fôsse interrogada. Sim, ela deveria ser interrogada; senão, para que a mandavam entrar naquela sala ampla, onde homens indiferentes e autômatos escreviam, conversavam, conferenciavam? Recebeu ordem para se aproximar de uma grande mesa talhada em cedro, onde trabalhava um senhor, novo ainda, que a olhou com grande curiosidade:

— Nome?

— Neiva Frasquini.

— Idade?

— Vinte e oito anos.

— Nacionalidade?

— Italiana.

— Profissão?

— Bailarina.

— Pôrto de embarque?

— Gênova.

— D. Rosalinda, acompanhe esta senhora à sala de reclusão.

Ela saiu silenciosamente, o olhar vago, sem pensar que o homem que a via afastar-se e que a condenava, olhava embevecido para o seu corpo bem torneado, de curvas perfeitas, onde havia harmonia desde a sua nuca de cabelos altos, até o tornozelo fino que denotava flexibilidade sem possuir, entretanto, êsses músculos rijos que afeiam comumente as pernas das bailarinas profissionais.

E, na verdade, ela parecia muito mais uma amadora, tanto o seu aspecto tresandava simplicidade, mas que não deixava de exaltar o desejo e a cobiça dos homens. No momento em que o oficial lhe deu ordem para se recolher, ela abaixou humildemente, quase infantilmente seus olhos castanhos de rara beleza, e por um rápido momento os fixou no camafeu que lhe adornava o término do decote.

Quem poderia supor a trama de mistério e de malícia que baralhava nesse momento o seu cérebro? Que idéias diabólicas encobria aos olhos dos outros, aquela cortina de cílios longos e finos, que descia como uma nuvem de luz negra sôbre os seus pensamentos?

— Então, os senhores acham que essa bailarina seja realmente culpada do tremendo roubo da catedral italiana?

— Tôdas as provas são contra ela. Aqui estão estas opalas que foram encontrádas dissimuladamente na sua roupa de uso. A corôa roubada continha nada menos de trinta e seis opalas inteiramente iguais a estas, de acôrdo com as informações e as fotografias, e um grande rubi de cintilações raras. Por sinal, diga-se de passagem, há uma lenda em tôrno dessas jóias do[...] parecidas: dizem que foram tiradas de [...] templo de Minerva, em Pallas, na an[...] Babilônia e levadas para Roma.

Com a vitória dos cristãos, todos [...] tesouros converteram-se em bens da Ig[...] Católica, mas, acreditavam os antigos [...] essas opalas traziam a má sorte e a [...] graça, enquanto que o rubi tinha a fôrç[...] Minerva e dava a quem o possuisse um [...] der de irresistível fascinação.

Mas isso, são lendas, e não podemos [...] der-nos nessas divagações. O que nos [...] fazer é trabalhar em cooperação com a [...] lícia Internacional para reaver não sòm[...] as outras jóias, como capturar os port[...] res delas. E parece que vamos bem e[...] minhados para a solução final.

Essa mulher vai nos fornecer, por c[...] a chave do enigma.

— Será que ela sabe o destino das ou[...] pedras?

— Veremos. A sua bagagem foi minu[...] samente revistada e nada mais cont[...] Mas temos a certeza de que ela faz p[...] dessa terrível quadrilha de ladrões in[...] nacionais que procura especialmente [...] saltar as igrejas ricas.

— E' pena! Pois é uma bonita mulhe[...]

— Se me permitem, irei falar com ela[...]

Levantou-se o dr. Maier, advogado no [...] de Janeiro, que por acaso se encontrava [...] tratando de assuntos do seu particular [...] terêsse, mas sempre bem acatado em q[...] quer ambiente, pelos seus dotes de retidã[...] honestidade. Era, apesar de moço, um [...] lentoso profissional e o seu espírito curi[...] levou-o a se dedicar a casos intricados [...] sempre exigiam muita argúcia e serenid[...] de julgamento.

Atravessou o corredor estreito e enca[...] nhou-se à pequena sala onde naquele i[...] tante devia estar a bailarina.

Acompanhou-o o guarda encarregado [...] quele setor e atendendo ao seu pedi[...] abriu a porta. Um sentimento inexplicá[...] levou-o até ali.

Quando a porta se abriu, ela estava s[...] tada, a cabeça recostada de encontra à [...] rede, a mão fazendo pala sôbre os olh[...] Êle observou a finura da sua mão, cl[...] e aristocrática, de unhas coloridas com [...] esmalte rosa vivo. Rápido, como um [...] lâmpago, perpassou-lhe no cérebro o q[...] seria a carícia daquela mão macia, nos s[...] cabelos...

Viu-a endireitar-se na cadeira e pou[...] nêle o seu longo olhar.

— Sou Roberto Maier, minha senho[...] advogado, e vim aqui para saber se [...] posso ser útil em alguma coisa.

Alguém se apiedava dela e isso a ench[...] de novas esperanças. Êsse rapaz alto e m[...] reno, cujos olhos pequenos pareciam [...] perscrutar a alma, haveria de ser o s[...] ponto de apoio, e quem sabe, talvez com [...] sua ajuda pudesse se ver livre de taman[...] suspeita.

— Obrigada, dr. Maier. Nada sei da s[...] terra nem das suas leis. Não sei como v[...] ram parar essas pedras na minha roup[...] Sou vítima de abominável atentado e pr[...] ciso me livrar disso, de qualquer maneir[...] Que humilhação maior poderia passar u[...] mulher em terra estranha, sem conhecer ni[...] guém, sem ter para quem apelar! A s[...] presença aqui, doutor, é para mim u[...] dádiva do céu. Não tenho palavras pa[...] agradecer a sua bondade!

— Tenha confiança em mim. Procurar[...] ajudá-la no que fôr possível!

E, sentados ambos naquelas cadeir[...] tôscas, ela lhe contou as dificuldades q[...] passara na Itália por motivo da guerr[...] a necessidade de trabalhar, a impossibili[...] dade de fugir à miséria e à degradação p[...] que fôra obrigada a passar.

O solo árido, as árvores crestadas, os an[...] mais dizimados, enfim... a fome!

E dizia isso, com lágrimas nos seus olh[...] grandes e castanhos que pareciam assi[...] ainda maiores e mais belos, como se fôsse[...] vistos através de lentes.

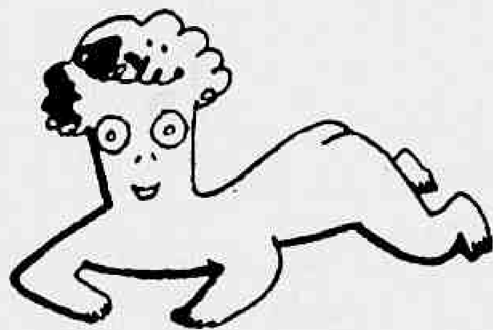
Êle a ouviu a princípio curioso, depois penalizado e por fim, sentindo-se arrastado a prestar a sua ajuda àquela mulher, de qualquer maneira. Acreditou na sua não participação no crime e prometeu ajudá-la no que fôsse possível para a restituição da sua liberdade.

Visitou-a nos dias consecutivos, ouvindo sempre as suas confissões, escrevendo intermináveis notas com uma pontualidade tal, que despertou a atenção do guarda qu[e]

(Cont. na pág. 49)

Nicodemus MOSTRA COMO SE VIVE NOVELICAMENTE EM

DUAS VIDAS...

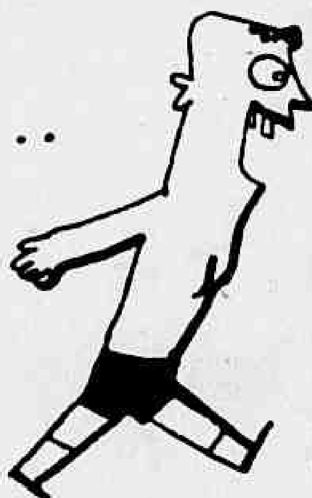


ELA NASCE
ÊLE IDEM ...

A MENINA
QUER A
BONECA
...



O MENINO
QUER
JOGAR
BOLA...





A
MOCINHA
QUER
ESTUDAR
BALLET...
ÊLE
NÃO QUER
ESTUDAR
...



A ADOLESCENTE
QUER
O
ADOLESCENTE...
ÊLE
VICE-
VERSA...

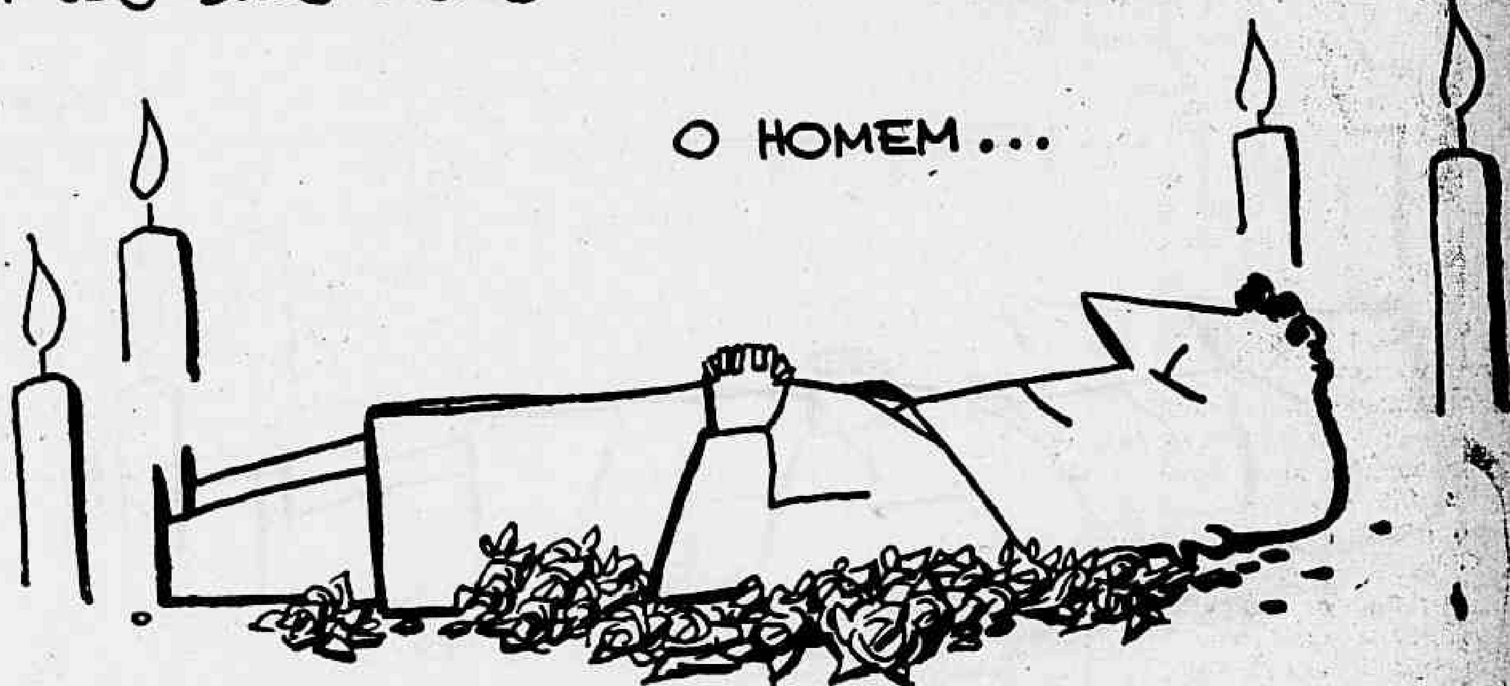


OS PAIS
QUEREM
O CASAMENTO ...



NO FIM DAS DUAS VIDAS
A
MULHER
AINDA
QUER
OUTRO
HOMEM ...

O HOMEM...



... O HOMEM SÓ QUER
DESCANSAR EM PAZ ...

P.D.C. - IGREJA E POLITICA

Nem para a esqueqrda, nem para a direita; no centro, a posição dos democratas-cristãos ★ Acima do poder, visa a defesa dos preceitos religiosos ★ Um dos jovens mais sérios da Câmara... ★ Uma pequena, mas aguerrida bancada ★ Pobres, mas cheios de fé

Texto de CARLOS DUARTE



PADRE ARRUDA CÂMARA

Presidente do partido, «cabeça de ponte» da Igreja no Congresso, lê para o repórter as respostas ao questionário.



JÚLIO LOUSADA

O «reverendo do rádio carioca» — assim é chamado. Será candidato pelo PDC. Outros partidos também o querem...

QUANDO o Brasil voltou à normalidade democrática, em 1945, um grupo de intelectuais católicos ideològicamente aproximados da doutrina social mais avançada da Igreja, nos moldes preconizados pelo padre Ducatillon, famoso dominicano francês, deu por bem fundar uma organização politica que pudesse congregar o maior número possivel de católicos livres dos extremismos politicos, representados pelos comunistas, de um lado, e os integralistas (ou qualquer outro nome que se dê aos grupos totalitários iguais ou assemelhados), de outro. Assim nasceu o Partido Democrata Cristão, simultâneamente em S. Paulo e em Pernambuco, com o prof. Cesarino Jr. e o padre Arruda Câmara, hoje deputado federal, respectivamente. No Rio, o sr. Osório Lopes, falecido às vésperas do pleito de 1947, com outro nome, mas com os mesmos principios, lançou na mesma ocasião, o Partido Popular, PP. Votaram com o general Dutra no pleito de 2 de dezembro. Mas, já estavam então reunidos sob a legenda única — PDC. Além dos já citados, tomaram parte preponderante na formação do partido, os srs. Barrêto Campelo e Andrade Bezerra, em Pernambuco, e Tristão de Ataide (Alceu de Amoroso Lima), em São Paulo. Êste último, por ser na época o presidente da "Liga Eleitoral Católica", em entrevista à imprensa, sôbre a sua participação nessa entidade politica que surgia, declarou agir por motivos apenas de "ordem doutrinária e não partidária"; mas foi das mais importantes a sua contribuição, pois o sr. Tristão de Ataide é o autor do projeto de programa do partido, o que fêz atendendo ao pedido dos democratas-cristãos da capital bandeirante.

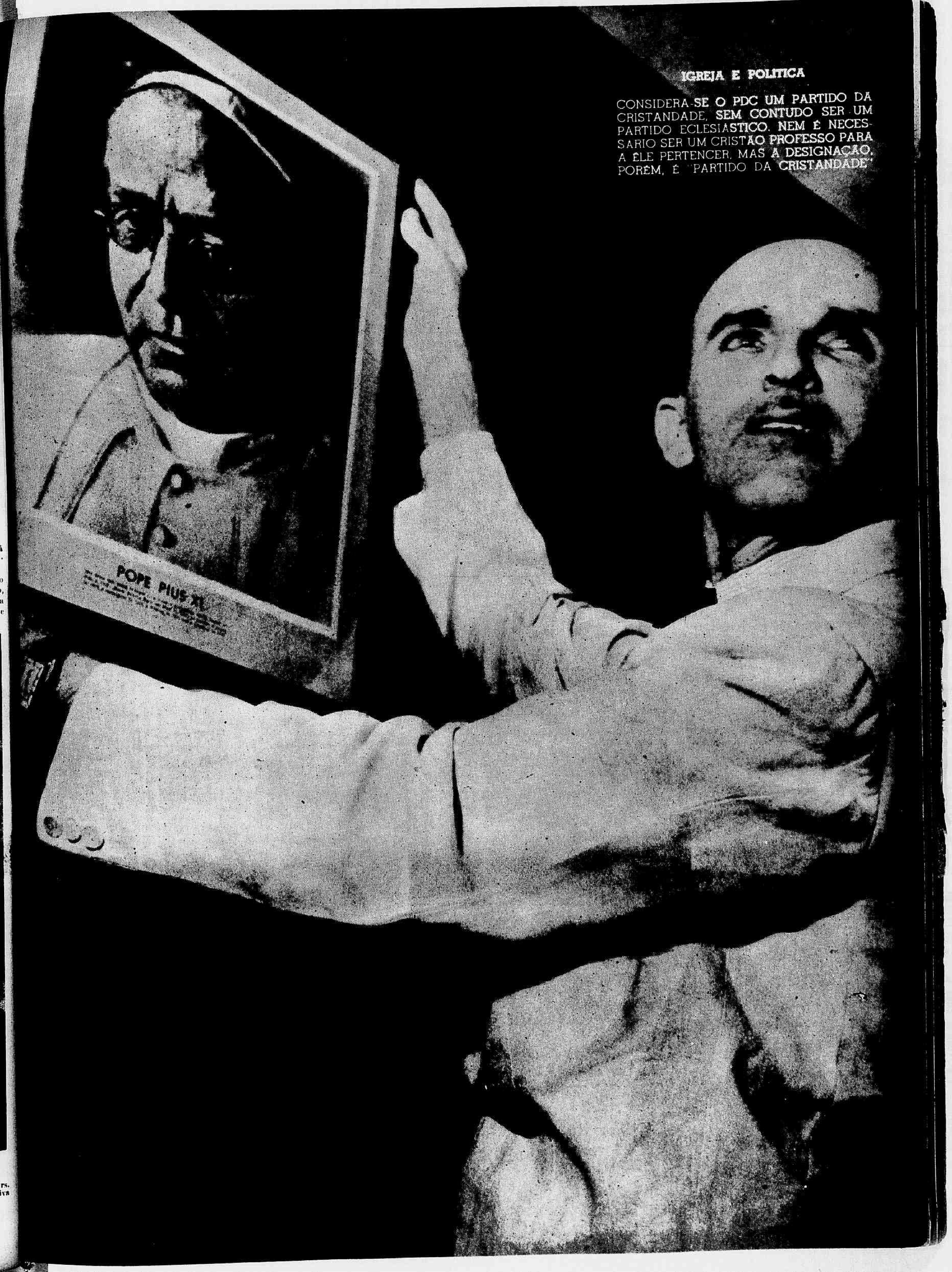
★

Aparecia o PDC, então, como uma fôrça do centro. O mesmo sr. Tristão de Ataide explicou que essa era a linha a ser seguida pelo partido, e dava uma súmula do que êle seria: "*popular*, porque a ascensão das massas é o maior fenômeno social dos nossos tempos; *democrático*, porque essa ascensão se traduz, politicamente, por uma participação crescente do povo no govêrno das nações; e



DIRIGENTES

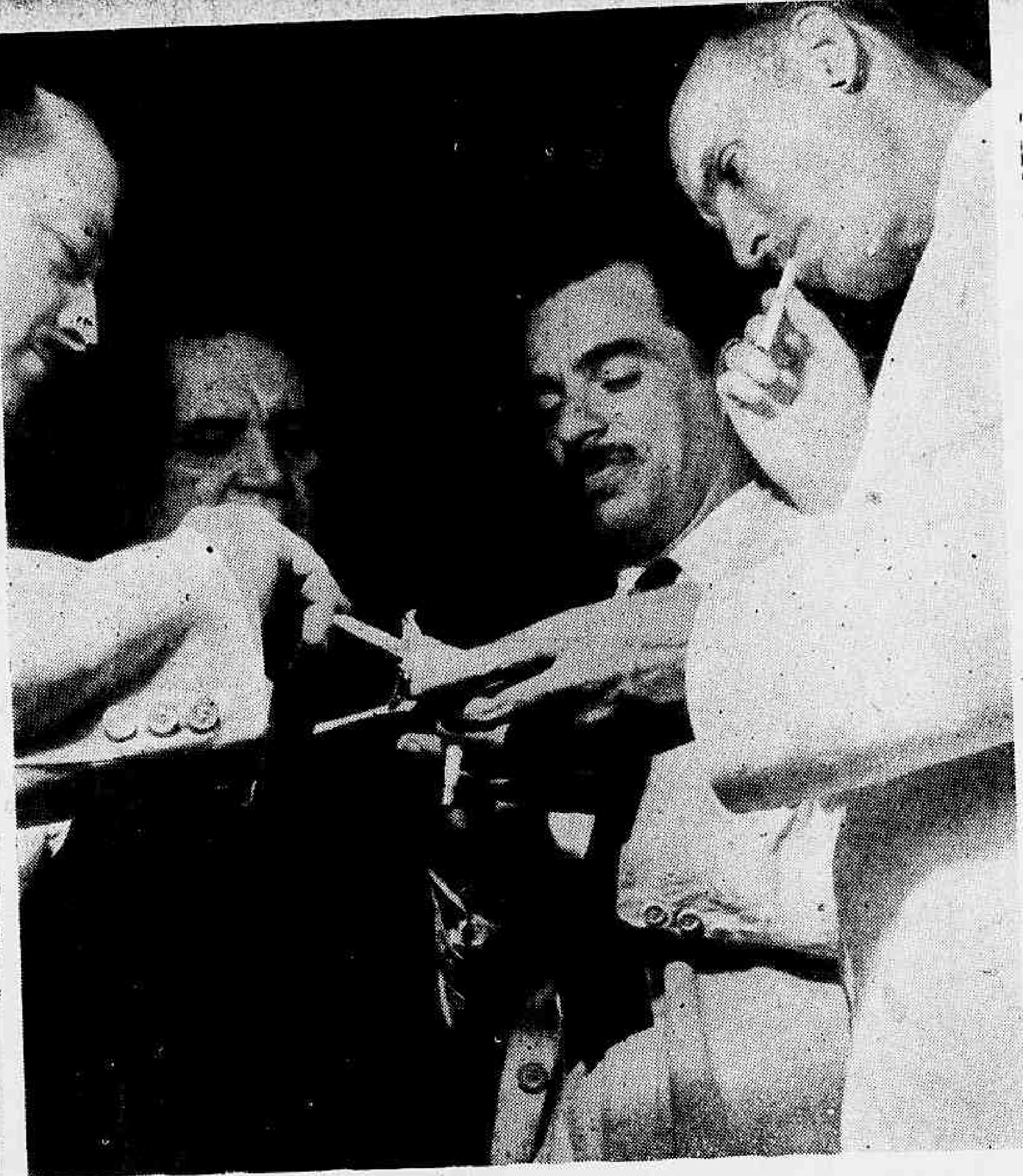
Um grupo de dirigentes do PDC, vendo-se os srs. Hildebrando Leal, Francisco Karan, Teles da Cruz, Aníbal de Sousa, Murilo Pinheiro, João José de Sousa e dois visitantes: os srs. Angelo Maestrelo e Aguiar Lopes, êste último da direção do partido no Estado do Rio. Quando se aproxima a campanha presidencial, a reunião dêsses dirigentes é muito expressiva



IGREJA E POLITICA

CONSIDERA-SE O PDC UM PARTIDO DA CRISTANDADE, SEM CONTUDO SER UM PARTIDO ECLESIASTICO. NEM É NECESSARIO SER UM CRISTÃO PROFESSO PARA A ÊLE PERTENCER, MAS A DESIGNAÇÃO, PORÉM, É "PARTIDO DA CRISTANDADE"





NOVO ADEPTO

O alistamento já está sendo feito, como nos demais partidos. Vemos aqui um novo demo- /reta-cristão. Contam seus dirigentes conseguir 450.000 votos nas próximas eleições

UM CIGARRO E A SUCESSÃO...

— Qual será o candidato do PDC? — perguntamos. Alguns de seus dirigentes preferiram fumar um cigarrinho antes de responder. Quando acabaram de fumar, desconversaram...

istão, porque essa ascensão das massas e a instauração e uma democracia de direito e de fato só se podem perar benèficamente se repousarem sôbre uma base ética, acional e evangélica."

Justificando o nascimento do partido, um manifesto por te lançado então, refere-se ao aparecimento do movimento democrata-cristão na Europa, mais precisamente na França, em 1845, com o objetivo de encontrar uma solução para a pendência que reinava entre as duas correntes que se formaram depois da Revolução de 1789, isto é, entre o corpo de idéias e reivindicações populares trazidas pela Revolução e as tradições religiosas do povo francês. Hoje, como naquela época, os democrata-cristãos acham que, com a sua politica equidistante dos extremos, podem resolver não só os problemas politicos e administrativos do nosso país, como também preservar a doutrina da Igreja dos ataques que, de modo crescente, lhe afluem hodiernamente. Nesse sentido, os democrata-cristãos, embora favoreçam a iniciativa privada, não se opõem à nacionalização e ao planejamento social onde se tornem necessários à boa marcha da vida e da sociedade. Dizem ainda que a distinção entre direita e esquerda pelo prisma econômico ou pela fórmula simplista de considerar *de esquerda* a classe trabalhadora, e *de direita,* a classe empregadora, é demasiadamente rigida. Os cristãos-democratas não se consideram nem uma coisa nem outra, mas ambas, e situando-se no centro, como êles próprios proclamam, "podem trabalhar tanto com a direita, como com a esquerda, conforme os casos e as circunstâncias". Na essência, a posição dos democrata-cristãos se define pela defesa da *cristandade* como base e medida para a vida pública.

O P.D.C. considera-se explicitamente *cristão,* não querendo significar com isso que seja um partido eclesiástico, ou que fôsse necessário ser cristão confesso para a êle pertencer.

★

No seu programa, o P.D.C. propõe lutar pela democratização moral, juridica, politica, econômica e cultural do Brasil, mediante uma politica em tôrno de principios e não de pessoas e cargos, e assim chegar à solução dos grandes problemas nacionais, dentro do clima de liberdade e respeito aos fundamentos cristãos dos homens, da familia e dos povos. Dentre as reivindicações imediatas que levantou, o partido propugna pelo aperfeiçoamento da nossa legislação social; pelo melhoramento dos nossos indices de sanidade e natalidade; elevação do nivel de vida dos trabalhadores do comércio, indústria e dos campos; luta contra os açambarcadores e intermediários inúteis; organização de um sistema nacional de armazenamento, transporte, beneficiamento e financiamento dos produtos agricolas de primeira necessidade; educação personalista, doméstica, orgânica e cristã; ensino religioso; e substituir por elites de valor próprio as falsas elites da fortuna, dos favores e dos privilégios.

★

Ideològicamente, assim se apresenta o P.D.C. Na prática, o partido aparece apenas através da atuação de seus dirigentes e representantes eleitos, isto é, não se trata de um partido de massas, de grandes movimentos de opinião

DEPUTADO COSTA PÔRTO

E'o maior amigo da indústria do caroá. E já houve quem o classificasse «um dos jovens mais sérios da Câmara»...

PROF. HILDEBRANDO LEAL

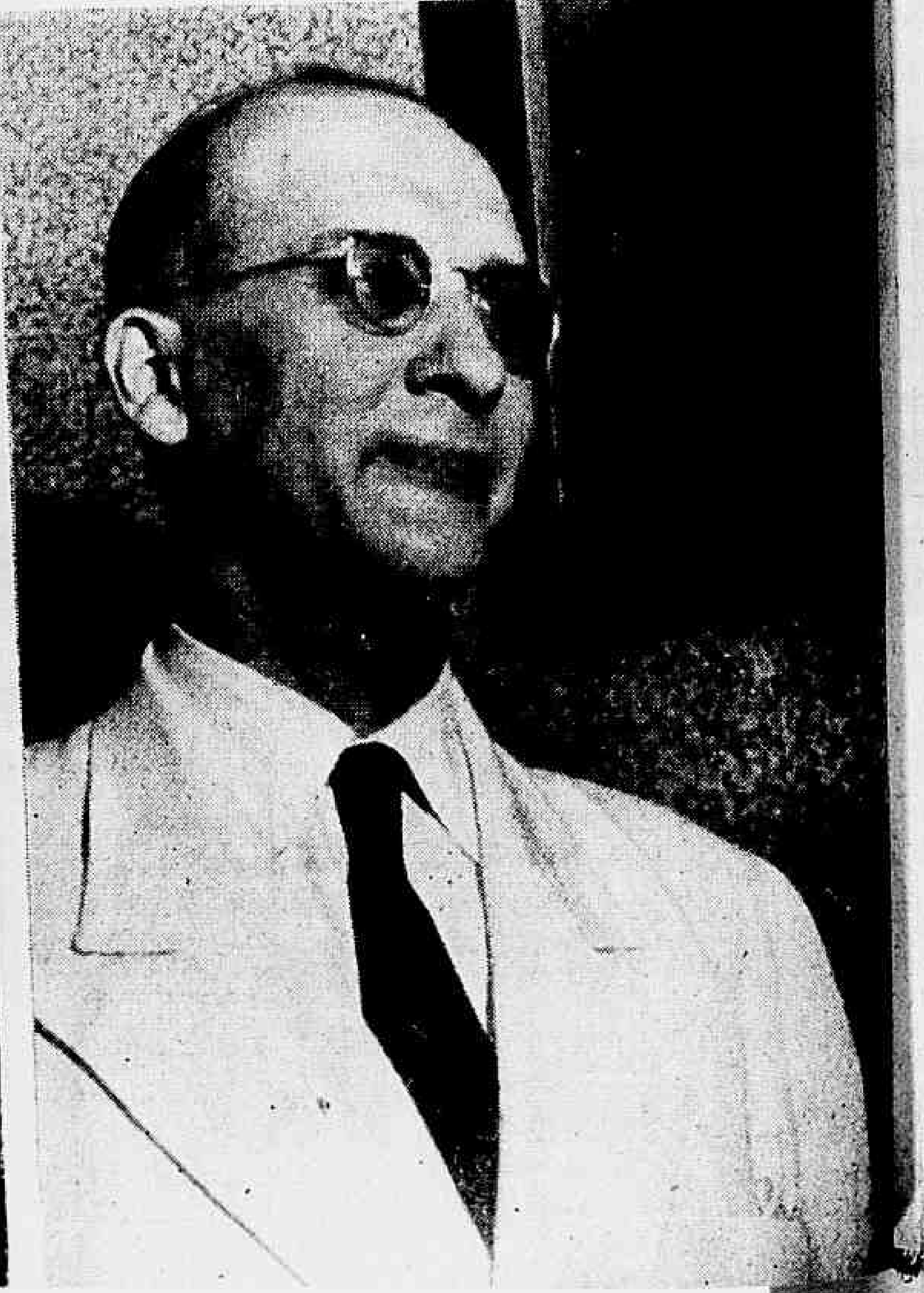
Conceituado mestre da Universidade Católica, ex-presidente da Liga Eleitoral Católica e candidato à Câmara

SR. FRANCISCO KARAN

Jornalista, diretor de «A União», vice-presidente do Partido. Cantólico fervoroso, é também um provável candidato











O SECRETÁRIO E A LEGENDA

O sr. Teles da Cunha é o secretário geral. Um homem ativo que dá vida ao partido. No momento, lia o boletim do PDC de Minas. E o lema do partido é: «Nem para a esquerda, nem para a direita: para a frente e para o alto». Lema que tem atraído muitos simpatisantes, embora outros o considerem nem pão, nem carne. Mas os adeptos estão muito satisfeitos

organizada. Segundo nos informou a sua direção, dentre as leis pelas quais o partido mais se tem batido constam as do montepio dos oficiais, sargentos e praças das fôrças armadas, o repouso remunerado, a participação dos empregados nos lucros das emprêsas, a validade do casamento religioso e o decisivo combate às tendências e tentativas de facilitação da dissolução do vínculo matrimonial, à equiparação dos filhos naturais à prole legítima e da companheira à espôsa. Conseguir isenção para a pequena indústria de rêdes e amparo à indústria do caroá e do sisal. Deve-se ainda ao P.D.C. a indenização de 50 milhões de cruzeiros pagos ao Estado de Pernambuco pela alienação da ilha de Fernando de Noronha, hoje Território Federal. Lutou também pelas reivindicações dos trabalhadores da Pernambuco Tramways e da Great Western, defendendo-lhes o aumento de salários, e através de seu presidente, monsenhor Arruda Câmara, tem conseguido numerosos créditos de auxílios ou isenções de impostos para a Santa Casa da Misericórdia de Recife, Igreja dos Capuchinhos de Recife e Rio, seminários, colégios, hospitais e outras instituições desta capital e do interior do país.

Dentro do seu programa de acérrimo combate ao comunismo, a pequena bancada do P.D.C. fêz valer todo o seu empenho por ocasião do projeto de cassação dos mandatos dos representantes comunistas. Não há dúvida, porém, que muitos de seus projetos têm passado, não pela fôrça da bancada, que se compõe apenas de três deputados, e dois senadores, mas pela evidente afinidade de princípios que há entre todos os partidos que têm assento no atual Congresso.

Nas eleições de 1945, o partido elegeu dois deputados federais, srs. Manoel Vitor, por S. Paulo, e monsenhor Arruda Câmara, por Pernambuco, e o senador Mário de Andrade Ramos, em coligação com outros partidos. Da mesma forma o deputado Beni de Carvalho. Posteriormente, incorporaram-se ao partido, deixando o P.S.D., o senador Novais Filho, e o deputado Costa Pôrto, considerado "um dos jovens mais sérios da Câmara". Fêz ainda o partido deputados estaduais em Pernambuco, São Paulo, Minas e Espírito Santo.

Mantém o P.D.C. um Diretório Central no Rio e Diretórios Regionais em S. Paulo, Minas, Santa Catarina, Espírito Santo, Pernambuco, Estado do Rio, Ceará, Amazonas e no Distrito Federal, achando-se em formação os Diretórios de vários outros Estados. O Diretório Central se constitui dos srs. monsenhor Alfredo de Arruda Câmara, presidente; Francisco Karan, Hildebrando Leal, Antônio Vasconcelos, João Castela Padim, Max do Rêgo Monteiro e Mércio Ferraz Alvim — vice-presidentes; José Teles da Cruz, secretário-geral; Abner Coelho de Freitas, Manoel Alfredo Rodrigues Pinheiro, Luiz Sebastião Guedes Alcoforado, Artur Barreto Coutinho, Antônio de Aguiar Lopes e Nilo de Alvarenga — secretários; Darcy Ornelas de Oliveira — tesoureiro geral; James Ferraz Alvim, Lourival Pinto Cordeiro de Sousa, Joaquim Novais Banitez, Martinho Calado Jr. e Antônio Ponzio Hipólito — tesoureiros; Artur Machado Paupério e Fernando Rabelo — vogais.

(Cont. na pág. 50)



O QUE SE DIZ

O que a imprensa publica sôbre o PDC é recortado pelo funcionário da secretaria, e cuidadosamento arquivado!



ANÉSIA PINHEIRO MACHADO, pioneira da aviação civil no Brasil e a mulher que, desprezando os velhos preconceitos que encerravam a mulher num círculo de ferro, montou à [s]cele de um teco-teco e se largou para o nordeste, fazendo proezas e despertando os mais justos e entusiásticos aplausos de suas patrícias. E isso foi há vinte e cinco anos passad[os]

A MULHER DOMINANDO OS ARES

A nossa aviação Civil, mantida pelo Aero Clube do Brasil, muito se tem destacado, enaltecendo o nome do Brasil em países da América do Sul, devido aos "raids" aéreos feitos por aviadoras patrícias

Texto de MOACYR DE LACERDA
Fotos de ROGER PARDINI

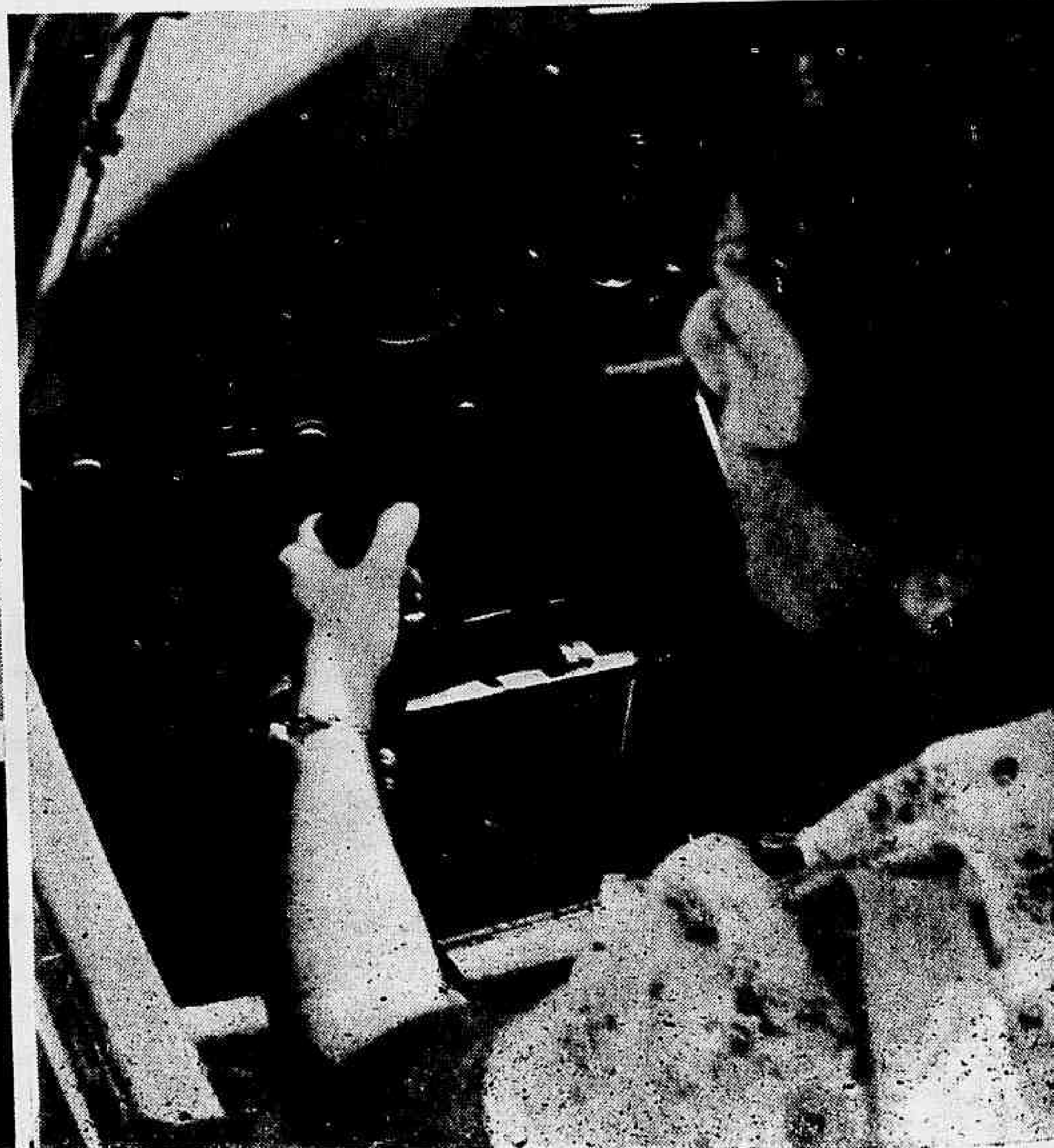
QUANDO participei pela primeira vez do vôo a vela, que está representado oficialmente no Estado de São Paulo, pelo Clube Politécnico de Planadores, pude sentir uma grande emoção e ao mesmo tempo avaliar com mais experiência o que significa a Aviação para o heróico idealismo dos homens que a escalam. Não temem as alturas ou o tempo, não receiam as inconveniências ou os perigos que lhes podem suceder. Seus pensamentos estão voltados para uma palavra trissílaba que significa perigo e heroismo: escalar. Por êsse nome, muitos e muitos jovens se têm sacrificado, entregando-se a êsmo para satisfazer seu idealismo, e nele, centenas de rapazes e moças têm encontrado um fim trágico. Outros, talvez, mais felizes por destino ou sorte, são glorificados pelo heroismo, ficando se[us] nomes gravados na lápide da Aviação como pi[o]neiros do ar.

Nossa Aviação Civil, ou melhor, a Aviação Ci[vil] do Rio de Janeiro, mantida pelo Aéro Club [do] Brasil, está fixada com um relêvo de inigual[á]vel valôr, não só pela eficiência de seus serviç[os] como também pelo alto destaque que possui [em] todo o território nacional.

Conta atualmente o Aéro Club do Brasil ma[is de] um ano de beneméritos serviços prestados [na] formação dos nossos jovens aviadores, instrut[o]res e paraquedistas, sendo suas provas instit[uí]das num extenso Campo de sua propriedad[e] situado na Avenida Brasil, mais conhecido co[mo] Campo de Manguinhos.



MARIA EUGÊNIA, ótima aviadora e campeã de esgrima, serve-se do isqueiro de sua colega de vôos, Fujita Ribeiro, que também é jornalista e entusiasta dos passeios aéreos



Antes de decolar é preciso examinar o painel de comando, a fim de evitar surpresas de[sa]gradáveis e por vêzes fatais. Esta aviadora já pronta para levantar vôo, acha tudo O.[K.]

DIVA CARNEIRO DA CUNHA É UMA JOVEM QUE, PELO NOME, TRAZ NO SANGUE OS HEROÍSMOS PERNAMBUCANOS. NÃO SATISFEITA DE CONQUISTAR OS ARES, CURSA O PARAQUEDISMO. QUE SEXO FORTE, ÊSSE FRACO!







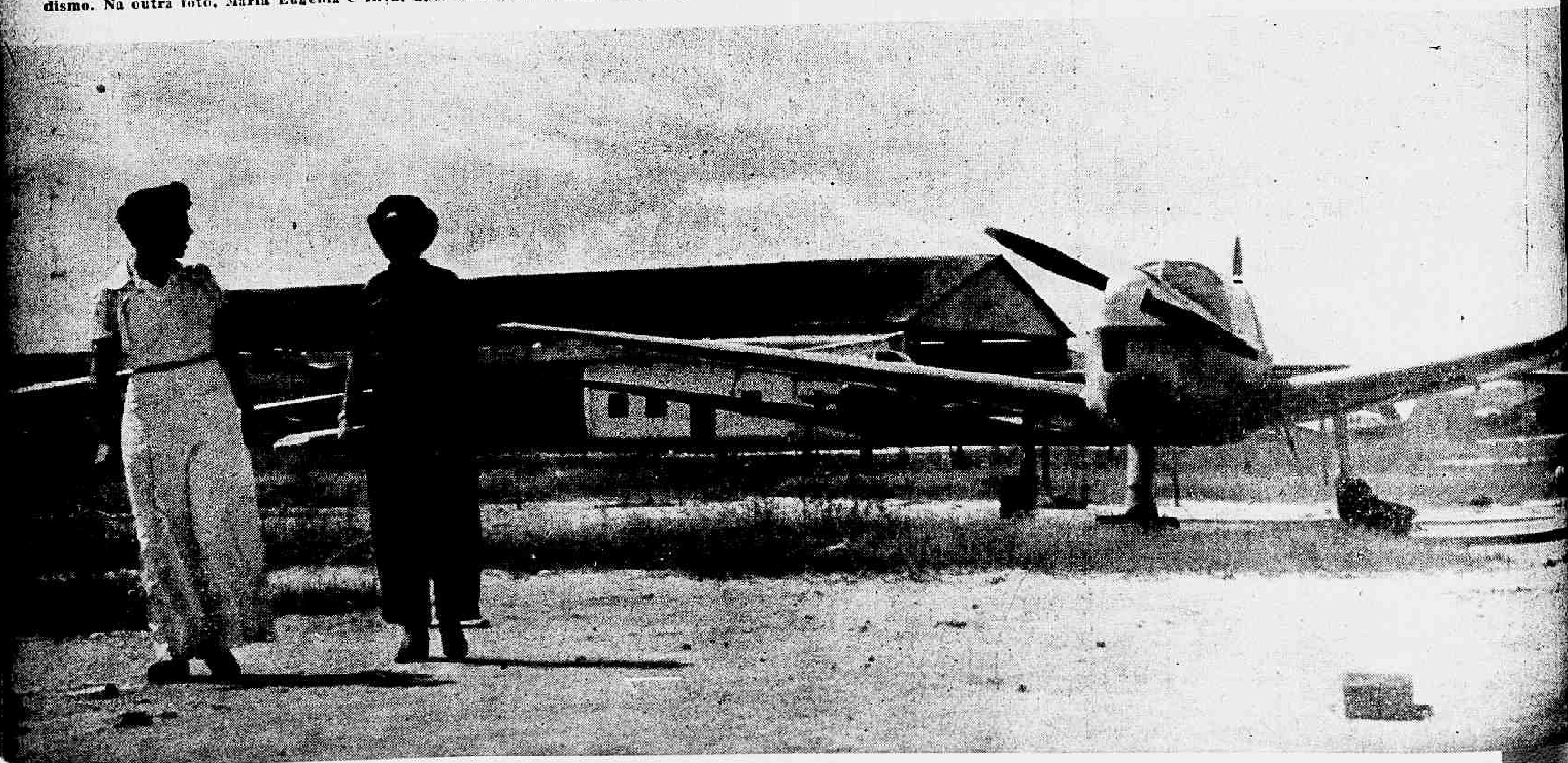
EDMÉIA DEZONNE, voluntária socorrista da Cr[illegible] ... Edméia Dezonne pretende tomar parte no Ter[illegible]

Sua história — a de Manguinhos — é de carácter todo peculiar que lhe é conhe ao mesmo tempo complicada. Atravessou fases de prodigiosos empreendimentos av desde que fôra fundado, em outubro de 1 tando algum tempo instalado no Cam Afonsos. Passou então, alguns anos depo Av. Brasil onde atualmente se encontra.

Aos domingos, hábitualmente, ali são dos os cursos de aeromodelismo, paraqu etc. No ano corrente, em Março, as pr aeromodelismo foram instituidas, na qual, observar uma exibição que despertou viva sidade das pessoas que ali estavam. Um modelista exibiu um avião a jato, o que v *tecipar* um dos aparelhos da Era-atómica sil... embora em miniatura...

No ano passado foram cinquenta e sete primários brevetados em Manguinhos, sen te e um instrutores e onze paraquedistas. êstes cursos no Distrito Federal. O curso d modelismo, para os principiantes com a i ção de cursos mensais realizados naque dromo, conseguiu o Aero Club do Brasil ressurgir no D. Federal, a prática do inter e utilíssimo esporte das miniaturas.

Três heroínas do espaço: Maria Eugênia, Diva C. da Cunha e Fujita Leite Ribeiro, já consagradas aviadoras, são fãs do paraquedismo. Na outra foto, Maria Eugênia e Diva, após evoluções, deixam em sossêgo o seu elegante aparelho e vão reunir-se às colegas





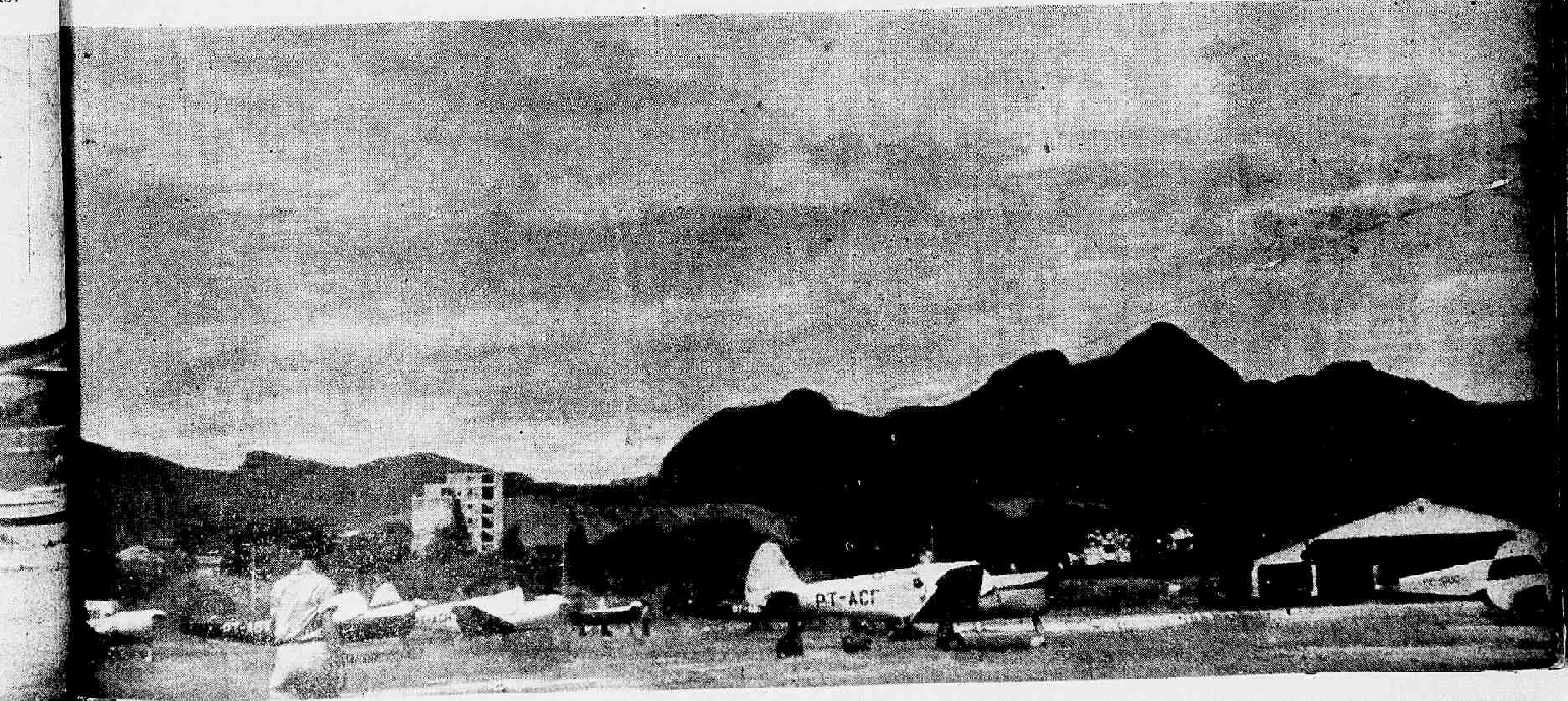
...silleira, é bancária e aviadora há cêrca de ... anos. ...eronáutico a realizar-se ainda este mês, em S. Paulo

Um dos fatores de grande importância do Aero ...b do Brasil, e que desde há muito vem sendo ...orado com o máximo de esfôrço por parte ...seus sócios na formação de aviadores e para...edistas, é o curso para moças, aliás, bem an...o nesta Capital e pouco conhecido de nossa ...nte. Muito se tem falado e escrito sôbre a ...iação Civil dos Estados de São Paulo, Minas ...rais e Rio Grande do Sul, que sem dúvida al...ma tem desenpenhado um papel verdadeira...nte admirável na parte aviatória em nosso ...s. O Aero Club do Brasil, por sua vez, conta ...m um número satisfatório de aviadores civis, ...do que algumas delas estão fazendo o cur... de paraquedismo. São moças que exercem ...vida comum as mais variadas profissões. Ban...rias, jornalistas, professoras, etc. Aos domin...s dedicam-se ao esporte-aviatório, reunindo-...no "hall" do hangar de Manguinhos para sa...tisfazer aquela vontade indômita de voar...

... assim a nossa Aviação Civil vai ganhando ...na, açambarcando centenas de jovens para o ...s belo *esporte* criado pelo homem, instituin...os cada vez mais e tornando-os, talvez os ...turos defensores dos céus do Brasil.



ATÉ JÁ! Exclama a aviadora Maria Eugênia à sua colega de traquinadas celestes, Fulita L. Ribeiro, quando esta inicia a ligação do motor, impulsionando a hélice do avião. Em baixo, vista panorâmica do Aero-Clube de Manguinhos. Ao fundo, a serra da Tijuca





PEPINA

CONTO DE MARIA DA C. P. GAMA

A mão descarnada e amarelecida insinuou-se entre nós ao mesmo tempo que a voz, pedindo uma esmola pelo amor de Deus. O meu amigo, incontinente, apresentou-lhe uma moeda. A esmolante recusou-a. Fiz-lhe sinal para que guardasse i dinheiro. Adquiri biscoitos num bar próximo e dei-os à mendiga. Ela agradeceu humildemente. Sentou-se à beira da calçada e pôs-se a comê-los.

Meu amigo ficou surprêso com a cena. Como?... Por que a pedinte não quis a minha moeda?

— E' que tem verdadeiro horror ao dinheiro — respondi. — Não lhe toca por nada. Dinheiro e desgraça são sinônimos para ela. E tem razão! Foi uma vítima sua. Esta mulher, apesar de seu mau aspecto, foi protagonista em sua vida de uma grande tragédia...

Olhamos a mendiga. Uma feiura extrema marcava-lhe todos os traços, ainda mais acentuada pela miséria. A bôca, que ia quase às orelhas, parecia repartir-lhe o rosto em duas porções. A parte inferior, vista de perfil, era como se traçássemos uma linha oblíqua da bôca ao pescoço. Não tinha queixo. Na parte superior brilhavam os olhos negros, esbugalhados e redondos, coroados por sobrancelhas largas, cerradas, que lhe tomavam metade da testa curta. Chama-se Pepina. No entanto, apelidaram-na de "Pepina, bôca de sapo", por causa de sua semelhança com aquêle réptil. Veja que o espírito popular foi justo em sua observação!

Vendo a curiosidade de meu companheiro, sentamos à mesa do bar e pus-me a contar a história da mendiga.

— Aquela casa em ruínas ao lado da Igreja, há anos passados, era uma boa casa, apesar de modesta. Na parte da frente, o irmão de Pepina negociava e vivia nos cômodos do fundo com a irmã.

"Seu" Júlio (assim se chamava o irmão), ia bem de vida. Não sei se possuía boas qualidades. Tinha uma péssima: era um somítico. De olhar sempre velado, pouco falava. Alto, sêco, vestido com umas roupas surradas, já no fio, êle só se animava à vista de um bom freguês a entrar-lhe pela loja. Então mudava! O seu rosto mumificado enrugava-se e duas fileiras de dentes amarelos, grandes, saltados, se mostravam num arremêdo de riso. Ligeiro espalmava o dinheiro de sôbre o balcão. Os olhos embaciados adquiriam luz, enquanto êle contava e recontava o produto da venda...

Na cidade todos sabiam de seus hábitos e manias. Conheciam a vida de miséria que levava e impunha à irmã... Falavam até que êle já tinha uma fortuna acumulada.

Pepina, apesar de moça, estava sempre só. Não tinha amigas. Parecia sentir a repulsa que seu aspecto causava às pessoas. Vivia, contudo, muito bem na companhia do irmão.

Por êste tempo apareceu na cidade um desconhecido. Viriato era o seu nome. Não se sabia donde vinha, nem o que fazia. Insinuante nos modos... Bom companheiro de copo!... Dentro de pouco tempo conhecia quase a todo o mundo, sabia de suas vidas. Interessou-se especialmente pela história de "seu" Júlio e da irmã. Ambicioso, tinha grandes planos para o futuro, mas não gostava de trabalhar.

— "A vida é muito curta para perdê-la com o trabalho; o melhor é encontrar um prato feito" — dizia êle com um riso alvar. Fêz seus cálculos. Indagou. Pepina assumiu aos seus olhos o aspecto de um "prato feito e bem farto". Apesar do ridículo que o casamento com ela lhe traria, ainda valia a pena... "Seu" Júlio já estava mais que regasto para agüentar o batente por muito tempo! Ficaria então senhor de uma ótima situação! Quanto à Pepina, depois de tudo saberia com facilidade arredá-la de seu caminho, assim o quisesse. Seria apenas um instrumento para apossar-se do dinheiro.

Viriato não sentiu vergonha ao arquitetar planos tão baixos e não hesitou em pô-los em prática. Começou a procurar Pepina, agradando-a, etc. Esta, a princípio espantada, fugia, chegando mesmo às vêzes a atirar-lhe pedras...

Mas Viriato foi persistente e jeitoso; comprou-lhe presentes; deu-lhe um colar de missangas coloridas que a encantou. Fêz despertar em seu peito a vaidade, esta companheira inseparável da mulher. Parecia humanizar-se. Achou que afinal não era tão feia como parecia! Capaz, como as outras moças, de despertar o amor num homem. Sentia um alvorôço por dentro e uma sensação gostosa ao encontrar Viriato. Êle tornou-se um Deus para ela. Entregou-lhe sem resistência o coração.

Viriato foi apertando o cêrco... Insinuando-a na idéia do amor e do casamento, coisa com que ela jamais sonhara.

— "Seu" Júlio ficou furioso quando soube do caso. Proibiu a Pepina de encontrar-se com Viriato. Ela teimou e não obedeceu. Numa vida tão vazia de carinhos e afeição como a sua, recusar uma nova amizade que aparecia, era impossível. Resistiu corajosamente ao irmão, até que êste, enraivecido, trancafiou-a num quarto.

Viriato não ignorou a oposição que surgia. Precisava anular esta ameaça aos seus planos. Não trepidou. Começou a falar com Deus e todo mundo que se "seu" Júlio não consentisse no casamento êle o mataria! "Isto eram favas contadas" — dizia êle pelos botequins. Não tinha mêdo de nada!

Tantas ameaças, que não passavam de fanfarronadas, amedrontaram "seu" Júlio. Vendo também a obstinação da irmã, resolveu consentir no casório.

Um ódio surdo, tremendo, instalou-se em seu peito contra os dois. Compreendeu, perfeitamente, os planos de Viriato! Jurou, porém, consigo mesmo, que êles não se realizariam.

— "Que se case com Pepina será minha vingança! Veremos quem leva a melhor."

No dia seguinte Viriato e Pepina casaram-se. Ficaram morando na mesma casa.

Viriato tinha lábia. Estava certo da vitória final. Encheu o velho de atenções, procurando conquistá-lo. "Seu" Júlio, porém, ignorava-o com a mais profunda indiferença. Não falou mais com Pepina.

— A confiança que Viriato depositava em si começou a abalar-se após os primeiros meses de casados. Não era para menos! Pepina, feliz como nunca fôra, enchia-lhe de carinhos que o repugnavam. Tudo ali medido e contado por "seu" Júlio, tornava-se mesquinho. Da falada fortuna não vira sinal. Começou a desconfiar que a fortuna só existia na imaginação do povo. Tornou-se mau-humorado; uma sensação de ter sido logrado invadiu-lhe o pensamento.

"Seu" Júlio não dizia uma palavra mas percebeu, satisfeito, a decepção do cunhado. Um dia, sem rodeios, avisou-lhe que desse jeito de trabalhar. Não podia sustentar malandros!

Viriato não esperava por aquela... Numa explosão de raiva súbita, há muito contida, deu um ponta-pé na cadeira próxima enquanto um palavrão escapava-lhe dos lábios.

Assustada, Pepina correu para o marido querendo acalmá-lo.

Êste, bruscamente, repeliu-a, berrando que se afastasse e, perdendo o contrôle, numa ânsia de vingar-se, disse, aos gritos, tudo o que sempre sentira por ela:

— "Causa-me asco! Seu contacto me é nojento e repulsivo! Não é à-toa que lhe chamam de "Pepina, bôca de sapo"! Se me sujeitei a casar com você foi ùnicamente pensando que tivessem dinheiro. Não julgue que vou trabalhar para sustentá-la! Oh! Isto é que não!..."

— Pepina transformara-se. Era a expressão da dor. Gaguejando, como se as palavras fizessem mais sangrar seu coração ferido, falou:

— "Viriato! Acho que vou ter uma criança!"

Uma gargalhada sarcástica cortou-lhe as palavras.

— "Um filho. Oh! Era o que faltava! Deverá ser um bicho como você. Eu vou é pôr o pé no caminho! Você que se arranje!"

Começou a juntar suas roupas, guardando-as numa mala.

Ela estava muda, sem côr; sentia uma dor aguda no peito e uma sensação de ter caído de muito alto, do céu para o inferno... Queimava-se nas labaredas do ódio contra êle, que a enganara... Contra ela que acreditara...

— Um espêlho à parede parecia absorver tôda a luz do aposento. Aproximou-se. Mirou demoradamente a imagem que êle refletia... Passou os dedos sôbre os lábios grossos e, sùbitamente, num incontrolado gesto, enterrou-lhe as unhas negras... Um gemido, misto de dor e de amargura, descerrou-lhe os lábios que sangravam. Ela procurava, em vão, na escuridão de sua mente, uma réstea de luz que a guiasse e em sua angústia encontrou uma inspiração naquela porta trancada do quarto do irmão... Um brilho mau de vingança apareceu em seus olhos e uma resolução súbita fê-la atravessar, rápida, a sala atrás do marido que já saíra... Estava a uns vinte passos da casa. Chamou-o. Êle nem se voltou. Galgou correndo o espaço que os separava, pegou-o pelo braço, dizendo-lhe que voltasse.

— Com desdém, êle puxou o braço para continuar o caminho.

Pepina firme naquela idéia que lhe surgira na mente, disse-lhe duas palavras ao ouvido. Viriato estacou. Voltou célere.

Mal entraram, soltou a mala ao chão. Segurando Pepina pelo braço, numa ansiedade incontida, interrogava-a febrilmente:

— "Dinheiro? Onde? Por que não me disse?..."

Pepina, sopesando seus sentimentos, falou com tôda calma:

— "Sim. Terei muito dinheiro futuramente. E' de meu irmão. Já o vi muitas vêzes e ajudei-o a contar. Êle o guarda bem escondido!"

— "Mas — disse Viriato o que adianta, se a mim êle não dá coisa alguma e o esconde como um cachorro esconde o osso?!"

Pepina, abaixando a voz, disse: — "Êle não anda bom... Não demorará muito..."

Viriato ouviu atentamente. Com voz contida, roufenha e um sorriso a tremer nos cantos dos lábios, falou:

— "Que espertalhona disfarçada em tôla!... Você me surpreendeu!... Pois bem, Pepina, acho que vale a pena ficar, esperar o dinheiro". — Apanhou a mala e foi guardá-la. Pepina acompanhou-o com os olhos. E, entre dentes, falou:

— "Sim, Viriato, é bom que espere o dinheiro!"

Se êle volvesse os olhos espantar-se-ia com a expressão da mulher: as faces convulsionadas pelo ódio estavam lívidas, terríficas, a prometer vingança.

★

A vida de miséria dêles não se alterou quando, meses depois, nasceu um menino. O pai nem lhe prestou atenção. Deixou-o e à Pepina passarem por tôda sorte de necessidades. Naquela casa o ódio impregnava o ar que se respirava. Para minorar aquêle estado d'alma e à espera, vivia nos botequins a beber.

Seu Júlio ignorava propositadamente tudo. Tôdas as noites após fechar a loja, regressava ao quarto onde se trancava. Como se fôsse um ritual, contava o seu dinheiro que vivia bem fechado num cofre, guardado no fôrro do teto. Que prazer não usufruía ao mergulhar os dedos nos montes de moedas frias e ao sentir o roçagar das cédulas nas mãos!... Em seus olhos boiavam a volúpia e o prazer de uma bacanal, enquanto de seus lábios entreabertos escorriam fios de baba. Ria sòzinho, um riso bestial... E num caderno anotava as parcelas que se acumulavam. Naquilo consistia sua vida, sua felicidade. Em cada moeda êle via um prazer metamorfoseado. Só gastaria aquela fortuna quando soubesse que o fim estava próximo... Gastaria então moeda por moeda... Desapareceriam com êle.

O organismo de "seu" Júlio, porém, estava bastante combalido. Nunca se tratara. Sofria os efeitos de uma subnutrição. Da noite para o dia sentiu-se tão doente que procurou o médico. Ficou abatido com o resultado. Estava muito mal, tinha de se

(Cont. na pág. 46)

ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATTOS



Grupo tomado na intimidade do lar feliz do inesquecível intelectual patrício. Entre a espôsa e a filha queridas. Era nesse ambiente privilegiado que Belmonte encontrava o clima apropriado para trabalhar e produzir, oferecendo às letras e às artes nacionais, os fulgurantes produtos de sua inteligência de escol e de sua bondade de apóstolo e de santo

GLÓRIA A BELMONTE NO TERCEIRO ANIVERSÁRIO DE SUA MORTE!

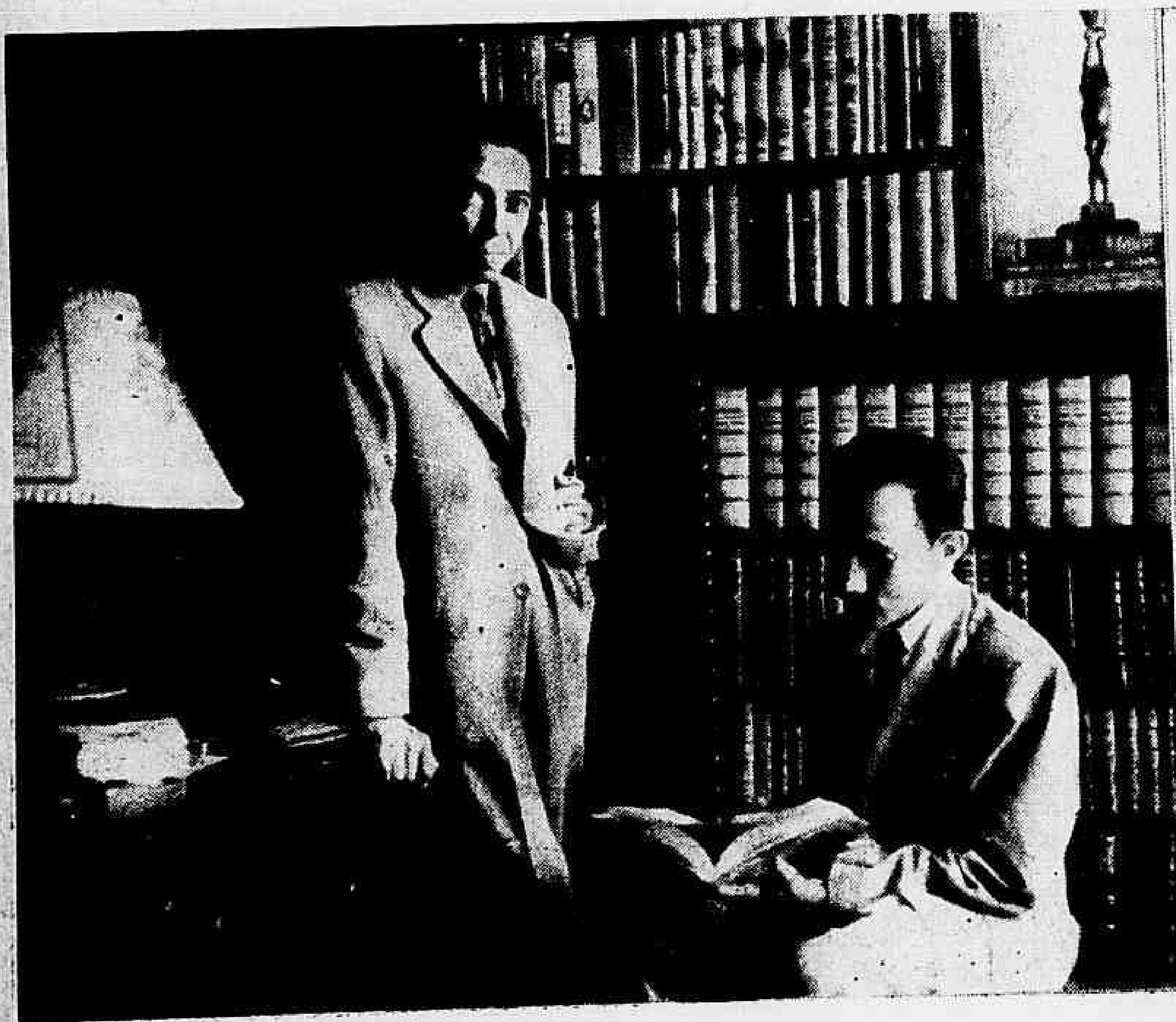
Ninguém amou e trabalhou mais por São Paulo ★ Dívida dos paulistas com o seu maior artista ★ Ergamos o monumento a Belmonte ★ Um pouca da vida dêsse grande herói que tanto lutou pelas causas justas

Texto de ARMANDO PACHECO
Fotos de ARNALDO VIEIRA e ABEL LOPES

ESTÁ fazendo anos, três anos, que Belmonte morreu. Com êle se foi o último remanescente de uma gloriosa geração de artistas e intelectuais de S. Paulo. Belmonte veio da época da Paulicéia desvairada pela mania do progresso, do café a pêso de ouro, dos fazendeiros que acendiam charutos com cédulas de 500 mil réis, dos palacetes na Avenida Paulista, dos "tilburys" sugerindo romances, dos boêmios que bebiam absinto e que liam e pensavam em francês, enfim da juventude dourada. Belmonte, o grande e saudoso artista, veio dessa época e viveu até nossos dias batalhando heròicamente pelos direitos públicos. Um de seus bonecos, o internacionalmente famoso "Juca Pato", foi o maior advogado, o maior e o melhor apóstolo das causas coletivas de S. Paulo que êle tanto e tão estremecidamente amou e glorificou.

GLÓRIA A BELMONTE, O ARTISTA TOMBADO!

Poucos, muito poucos paulistas (com todo seu visceral bairrismo), amaram mais S. Paulo e trabalharam mais pela sua grandeza do que Belmonte. Através de seus



Em seu confortável gabinete de trabalho o repórter destas páginas examina magníficos originais de Belmonte, que está de pé, e que se destinavam a obras literárias ainda inéditas



Estudioso dos assuntos de arte, dos problemas humanos e das necessidades do país, Belmonte passava horas e horas em sua biblioteca a revisar trabalhos, a lutar por sua terra



BELMONTE SABIA APRECIAR OS BONS VINHOS E, QUANDO CHEGAVA O MOMENTO DE SAUDAR OS SEUS AMIGOS NAS VISITAS COTIDIANAS, EI-LO NA ADEGA BEM SORTIDA, PRAÇA DE GUERRA DE BOM ANFITRIÃO

livros, de suas crônicas, de seus artigos, de suas "charges", de tôda sua obra e de tôda a sua vida. Belmonte serviu a São Paulo. Era isso seu vício, sua virtude, sua religião, a razão de ser de sua existência fecunda e modelar. Glória, pois, brasileiros, a Belmonte, o artista que tombou na luta, lápis em punho, misto de Sancho e Quixote do sonho pelo engrandecimento da terra paulistana! Três vivas a Belmonte neste terceiro aniversário de sua morte!

DÍVIDA SAGRADA DOS PAULISTAS PARA COM SEU ARTISTA

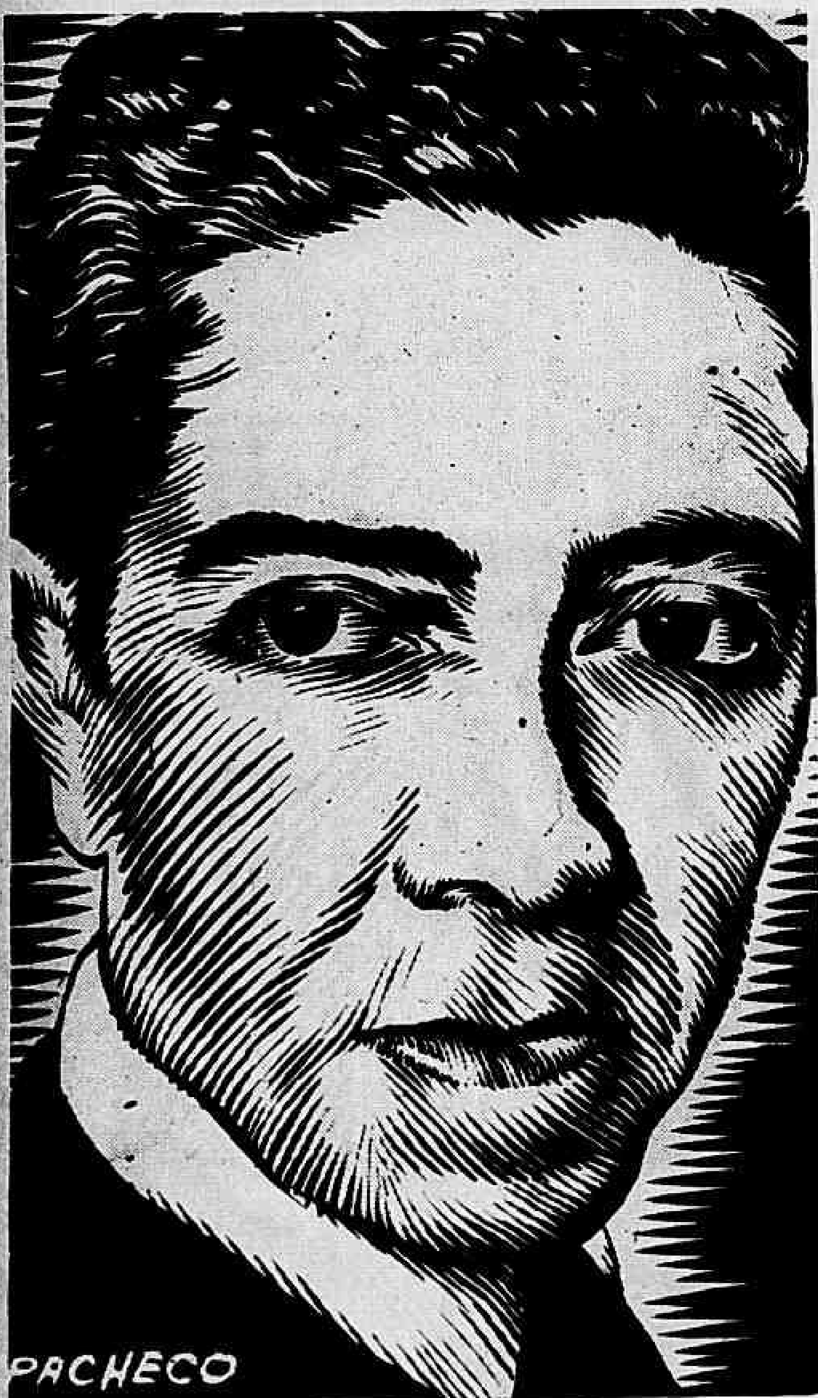
Foi Monteiro Lobato, seu amigo e companheiro de sonhos de mocidade quem levantou a idéia de se construir um monumento a Belmonte. E a dívida dos paulistas para com o seu maior artista ainda não foi objeto de atenção da parte do govêrno, ao qual também êle tanto auxiliou com as suas luzes. Ninguém trabalhou mais por São Paulo do que Belmonte, e resta agora, a esperança de seus amigos no cumprimento da promessa feita à beira do seu túmulo. A obra de Belmonte é vária, vasta e preciosa, tôda ela tem como "leit motiv": São Paulo. Historiador, pintor, jornalista, escritor, caricaturista, vivendo todos êsses papéis na vida pública, outra preocupação terrena não teve o mestre da sátira, o grande ironista de espírito, do que lutar pela sua terra e sua gente. Portanto, já é tempo de se erguer o prometido monumento a Belmonte como magnífica lição às gerações vindouras, exemplo de muito amor e labor fecundos.

JUCA PATO, ARAUTO DAS ASPIRAÇÕES PAULISTANAS

Recentemente foi publicada a quinta edição de seu esplêndido trabalho "No tempo dos bandeirantes", onde êle estudou com maestria a epopéia dos construtores da brasilidade. O livro tem alcançado crescente sucesso e os leitores disputam os volumes com soberbas ilustrações, frutos do talento polimorfo do excelso artista. A velha São Paulo dos Campos de Piratininga muito deve a Belmonte, e se êle não tivesse a bagagem literária e artística que legou à posteridade, bastaria recorrer-se às coleções de jornais e revistas onde, durante quase meio século pugnou maravilhosamente. Em S. Paulo, no Rio, por todo o Brasil e no estrangeiro seu nome cobriu-se de glórias, mas a sua modéstia, sua simplicidade de hábitos, sempre o prendeu ao hospitaleiro "bungalow" da rua Atibaia, nas Perdizes. Ali era seu mundo e êle nunca o trocou pelas mais sedutoras propostas de mu-

(*Cont. na pág.* 46)

Na sala de refeições de seu «bungalow» da rua Atibaia, nas Perdizes, o criador de «Juca Pato» se via, às vêzes, cercado de amigos, distribuindo as cintilações do seu espírito, narrando episódios de sua vida de artista e de patriota entusiasmado por sua terra!



Retrato do artista, criação do autor desta reportagem, em homenagem ao espírito que encheu de luzes uma época



Grupo à entrada da residência de Belmonte vendo-se o artista ladeado por Nelson Wayne (à esquerda) e Pacheco



«Charge» do saudoso artista oferecida ao autor destas linhas, e que tanto vem agora aumentar as nossos saudades









MODELOS LIGEIROS Com a reabertura das Universidades e o reinício das aulas, as preferências pelos modelos simples e pelos vestidinhos de fácil execução voltam a predominar. Para auxiliá-la na confecção do seu guarda-roupa mais ligeiro apresentamos, nesta página, quatro encantadoras sugestões. À esquerda, de cima para baixo, temos: Peggy Dow, com um modêlo em três peças, blusa em sêda branca, colete em veludo e saia em casemira cinza; Peggy Dow, modêlo em lã escocesa, vermelho, cinza e azul; Debbie Reynolds, modêlo em lã cinza, com vivos, punho e gola de veludo azul-marinho; finalmente, à direita: Doris Day, um modêlo para passeio, em linho preto e branco. (Fotos Universal-International).

PARA SER UM BOM MARIDO

O ator George Brent fêz divulgar — ou a publicidade divulgou em seu nome — o decálogo do bom marido que contém alguns achados realmente interessantes. Sãoos seguintes êsses dez mandamentos de George Brent: 1.º — Evite contar à sua espôsa, minuciosamente, seus embaraços comerciais. É certo que o homem necessitado de confôrto e simpatia pode encontrá-los no próprio lar; mas, buscando essas consolações ali, corre êle o risco de destruir essa felicidade doméstica; 2.º — Se possível, evite também relatar seus "heroísmos" e "golpes de inteligência". Na hipótese de que você seja mesmo o "tal", sua espôsa acabará por sabê-lo, de modo que essa auto-propaganda, longe de ser eficiente, poderá até deitar tudo a perder; 3.º — Nada diga à sua espôsa se alguma vez você "bancar o otário". Provàvelmente ela o adivinha sem que seja preciso você falar; e se se mantiver num discreto silêncio, é porque não deseja agravar sua "tragédia". 4.º — Se você não gostar do novo vestido de sua espôsa, faça com que ela não o note. Leve-a a uma casa de modas e compre um outro, que seja do seu gôsto. Ou, então, fique calado. 5.º — Faça possível, e mesmo o impossível, para não dizer nada à sua espôsa na hora em que ela tiver alguma coisa para lhe dizer. 6.º — Não demonstre impaciência ou contrariedade quando sua espôsa contar pela terceira vez um mesmo caso insignificante. Nas palestras conjugais, a repetição é inevitável, e você, provàvelmente, já incorreu em inúmeras infrações dêsse gênero. 7.º — Por medida de prudência, não elogie a beleza de uma mulher cujo tipo seja inteiramente diverso do de sua espôsa. Afinal de contas, ela, sua espôsa, tem o direito de presumir seja o seu ideal de beleza. 8.º — Não há necessidade de você "amolar" sua espôsa despejando-lhe profundas reflexões sôbre finanças e política, uma vez que você descobriu que ela é alérgica a êsses assuntos; 9.º — Ainda que você esteja com a razão, não empregue palavras descorteses ao se referir à sua sogra, cunhadas, etc. É possível que sua espôsa reconheça que você foi insultado em primeiro lugar, mas é dela que devem partir os comentários "azedos", não de você. 10.º — Nada diga à sua espôsa que lhe possa ser desagradável, a não ser que seja alguma coisa que ela tenha mesmo de saber. Aí está o decálogo de George Brent, que talvez possa ser útil a algum marido ou, principalmente, a alguma espôsa. Entretanto — "mot de la fin" — é bom que se saiba que George Brent, num filme em que representa o papel de bom marido, se divorcia dois ou três meses depois do casamento. E esta é que talvez seja a grande lição do decálogo: os maridos modelos não servem. As senhoras gostam das imperfeições para corrigi-las. Com um homem perfeito o que é que vão fazer? — *LYSE.*





EM cima temos um original e gracioso vestido com duas vistas. A gola é dupla e as mangas franzidas e justas nas bocas. Pode ser usado com um bolero em fazenda lisa, abotoado em baixo, formando então outra vista. À esquerda: para um passeio à tarde, elegante modêlo em «pois» enfeitado com fazenda azul marinho, as mangas são japonesas e a saia franzida, cinto em couro também azul marinho. Finalmente, em baixo: dois vestidos sóbrios, confeccionados em fazendas pesadas, corte simples, mas modernos, poderão servir para a tarde ou noite.

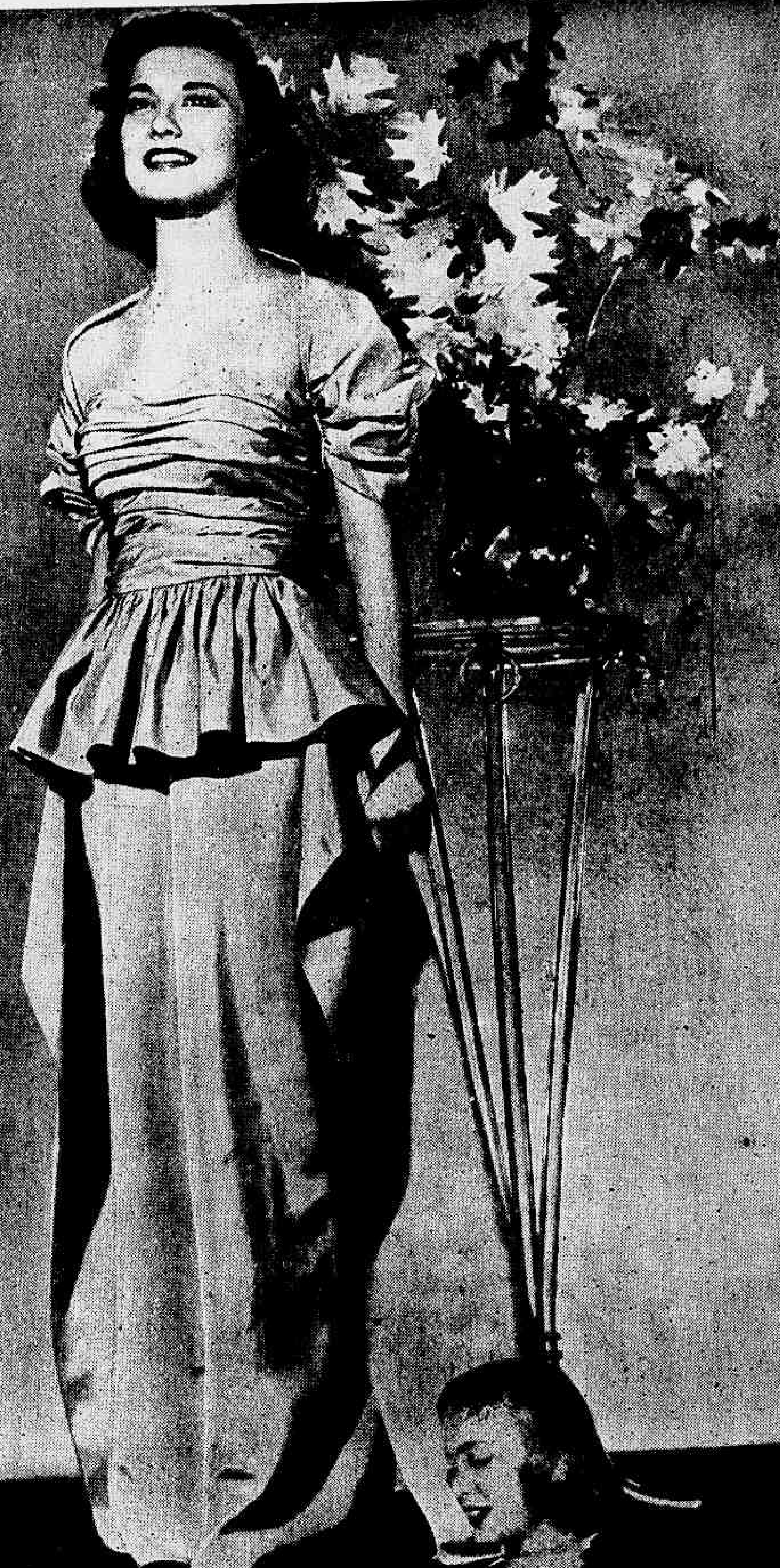


PRÁTICOS E ELEGANTES

A sabedoria da mulher está em escolher modeos elegantes, de linhas modernas mas ao mesmo tempo práticos, que sirvam para diversas ocasiões. Êstes modelos estão aptos a preencher plenamente o gôsto da mulher elegante.











EM TAFETÁ

O tafetá é um tecido aproveitado em tôdas as estações e se presta para qualquer feitio. Quando se pensa em fazer um vestido toilette ou um simples modêlo juvenil, o tafetá é logo lembrado, e conforme a sua qualidade, empregado na confecção do vestido. Ao alto, à esquerda: conjunto de duas peças, o bolero tem as mangas japonesas e bem franzidas. A saia é justa e forma dois bolsos embutidos. A gola e os punhos são em sêda. À direita, lindo modêlo para noite, de Peggy Dow, em tafetá cinza. Ao centro: aqui aparece o tafetá em outro estilo de vestido: o costume. Modêlo próprio para mocinhas, saia bem justa, casaco de mangas compridas formando recortes dos lados. Em baixo: interessante combinação de tafetá liso e listado aparece neste vestido de saia franzida, abotoada do lado, formando uma espécie de bolso, com duas abas. Vestido de alças, com o corpo recortado e o bolero em sêda.







MODELINHOS

ESTA coleção de modelinhos é dedicada às crianças de dois a seis anos. Para elas é sempre difícil encontrar um modêlo gracioso e adequado para a idade, êstes vestidinhos e casacos são encantadores e bem de acôrdo para as idades.



À esquerda: os dois irmãos vestem casacos quase iguais, sendo que no da menina a gola de trás é de veludo. Modêlo de casaco em xadrez, cortado godê e formando sôbre os ombros uma espécie de capa com duas pregas. Ao alto: o mesmo modêlo pode ser usado pela mamãe ou pela garota. Vestido de alças com a saia em estampado e o corpo liso, enfeitado também com estampado. O vestidinho pode ser usado com um casaco igual ao da mamãe. em baixo, à esquerda: dois vestidinhos brancos bordados com motivos de corações. O bordado pode ser feito em várias côres ou em linha de uma só côr. Casaquinho azul, bem subido, com a gola e os botões brancos.







CHAPÉUS DE HOLLYWOOD

NOVOS e encantadores modelos de Hollywood em chapéus, são aqui apresentados para sua apreciação. Em cima: Marta Toren, da Universal-Interational, com dois sugestivos modelos em que predominam as flores, especialmente no primeiro. Em baixo, Donna Martell, também da Universal-International apresentando três modelos sugestivos, em feltro, tendo dois deles, como enfeite principal, o véu, e o último, bastante simples, com aba bem larga.











OS drapeados dão graça e elegância aos movimentos e maior beleza aos tecidos. De Paris nos vêm estas sugestões que serão de utilidade para as futuras toilettes. Ao alto, a esquerda: três elegantíssimas sugestões para a noite, criações dè Lanvin; à direita: para um vestido de noite, original écharpe em dois tons, bem larga e comprida, caindo em todo o comprimento do vestido. Em baixo: Marcel Rochas põe tôda a graça dêste vestido de jersey no drapeado das costas, formando um capus. Cristian Dior apresenta êste corpo de vestido de noite, em veludo, formando interessante drapeado. Grès, o rei das sugestões elegantes, exibe esta saia, cujo drapeado vai se estreitando e termina por um nó. Outra sugestão interessante nos vem por intermédio desta sôbre-saia godê, em tafetá, que pode ser usada sôbre um vestido de alças ou ainda como capa.

NOVOS DRAPEADOS E ÉCHARPES









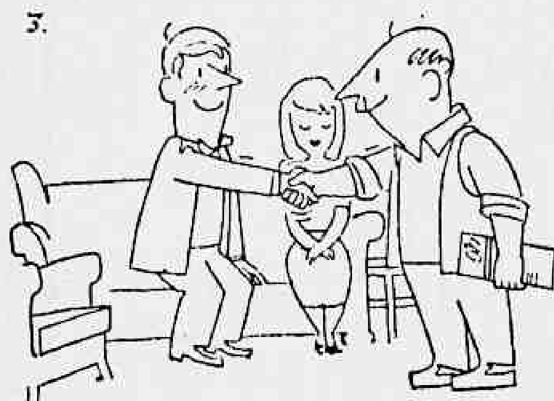


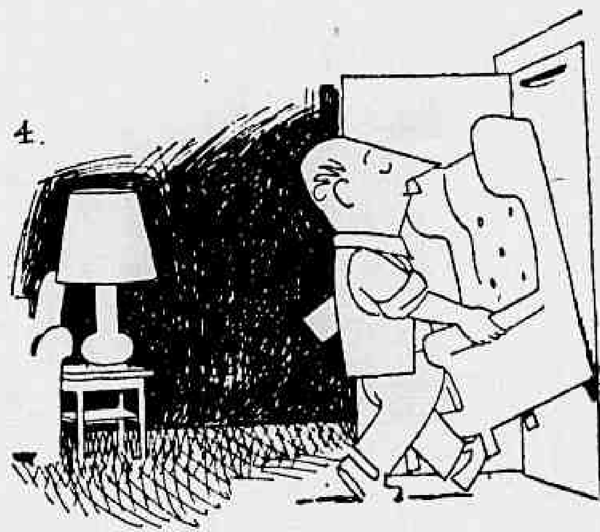
BOM HUMOR

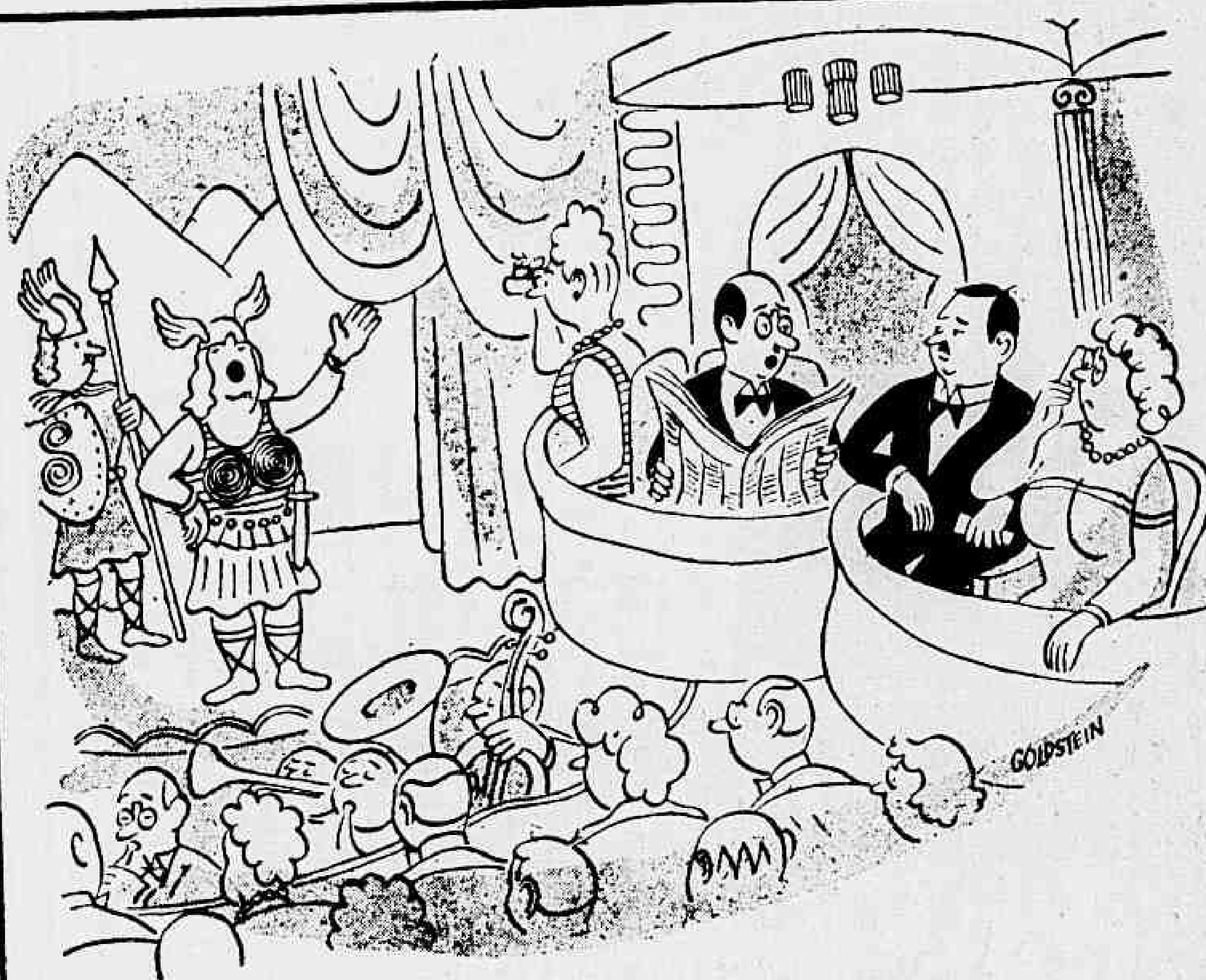








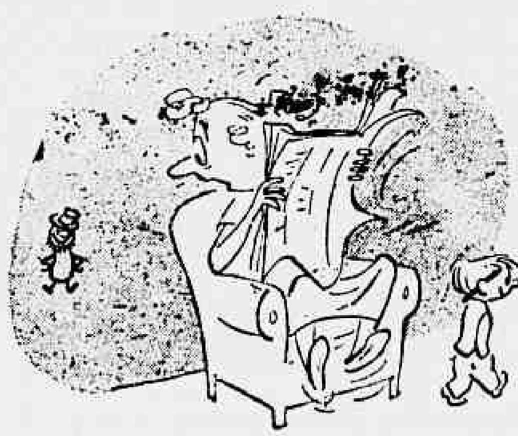


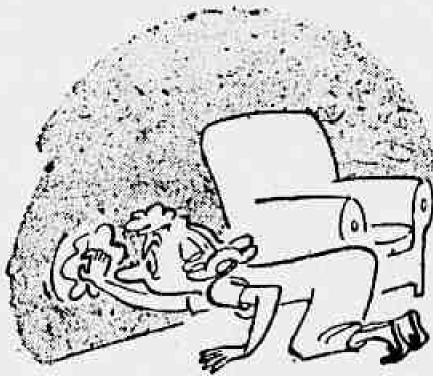


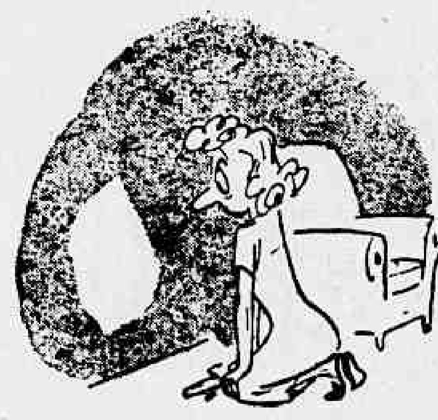
— Aceita um pedaço do jornal?...

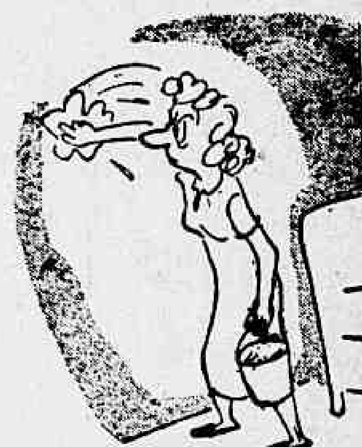
LAR, DOCE LAR...





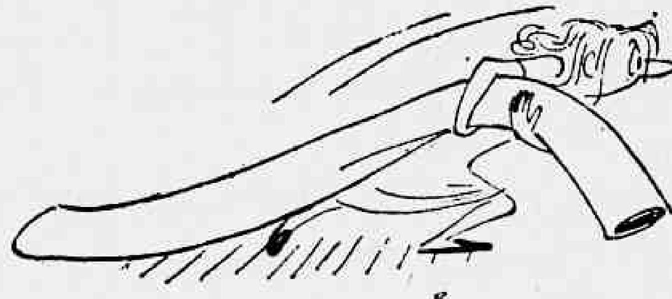




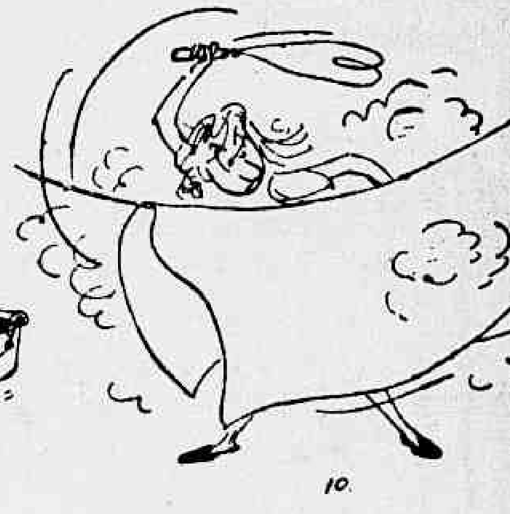




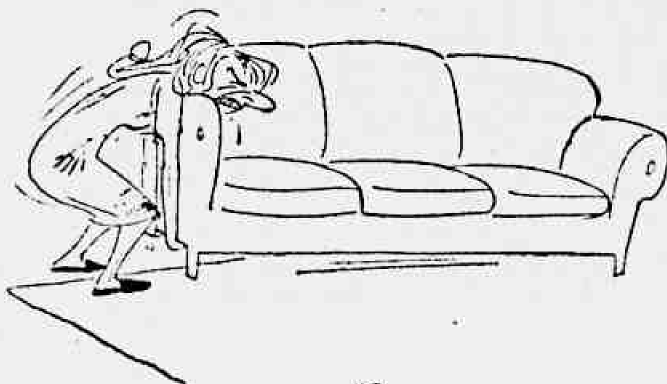


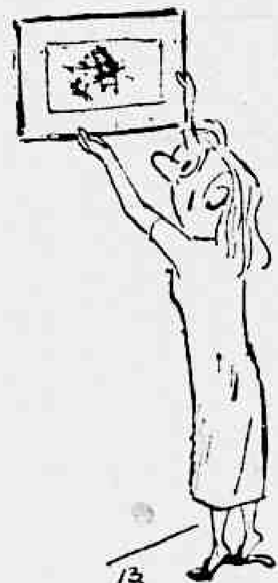




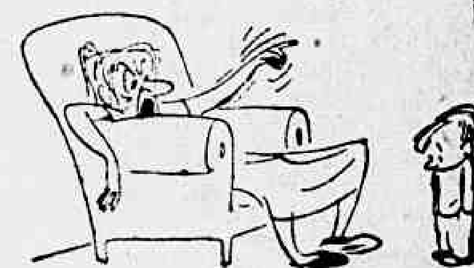














atenda-o com

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

Máquina de tricot ultra rápida "Veloz"

Vendas a vista e em suaves prestações.

150 MALHAS EM 30 SEGUNDOS.



- *ultra-rápida*
- *lições gratuitas*
- *facil de manejo*
- *mais de 100 desenhos*
- *qualquer objeto de tricô*

REPRESENTAÇÕES ARAPONGA LTDA.
Informações e Demonstrações:
Rua Buenos Aires, 323 — Rio de Janeiro — Tel. 43-9422 — C. Postal, 4042
Aceitamos representações no Estado do Rio



COMO APRENDER A DANÇAR
AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing e Samba, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira.

Método de ritmos modernos pelo **Professor Gino** Fornaciari, Diretor e professor de "Aulas Práticas de Danças Ritz". Aulas particulares e a domicilio

RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 41,00 — Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor — CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO



WEEK- A COZ



OVOS ESTRELADOS A ESPANHOLA

Cortam-se ao meio alguns tomates que se temperam com sal, pimenta e salsa picada. Levam-se ao forno para assar um pouquinho. Em seguida cobre-se cada meio tomate com um ôvo frito, cujos bordos se aparam para que êle fique do tamanho do tomate. Sôbre cada ôvo coloca-se um pouco de cebola frita em azeite.

OMELETE COM QUEIJO

Prepara-se a massa de omelete, à qual se juntam 1 colher de queijo ralado e um pouquinho de pimenta. Frige-se a omelete, enrola-se e polvilha-se com queijo ralado.

TORTA DE PÃO PRÊTO

150 gr. de manteiga, 5 ovos, 125gr. de açúcar, 1 ponto de faca de canela e de cravo em pó, 125 gr. de farinha de batatas, 1 colherinha de fermento em pó, 125 gr. de farinha de pão prêto embebida em vinho branco.

Juntam-se as gemas e os temperos à manteiga batida como creme; adicionam-se as claras batidas em neve, a farinha de batas com o fermento e a farinha de pão.

Enche-se uma fôrma, bem untada com manteiga, e leva-se ao forno médio por espaço de 40 a 50 minutos.

Embebe-se essa torta em 3/4 de litro de vinho de maçã, às colheradas, e, depois de fria, cobre-se com creme Chantilly ou enfeita-se com frutas em compota.

CARACÓIS RECHEADOS

Massa: 500 gramas de farinha de trigo, 1 xicara de leite, 80 a 100 gr. de manteiga, 1 a 2 ovos, 50 gr. de açúcar, 28 gr. de fermento fresco, 1 pitada de sal e uma casca de limão.

Aquecida a farinha de trigo, coloca-se em uma vasilha de antemão aquecida.

Junta-se o fermento fresco, com um pouco de açúcar, metade do leite morno despeja-se no meio da farinha de trigo, cobre-se esta, tapa-se a vasilha e deixa-se descansar em lugar quente e livre de corrente de ar. Depois de 25 a 30 minutos, esquenta-se a manteiga, juntando-se ao açúcar, os ovos, o sal e a casca de limão; despeja-se esta mistura sôbre o fermento, põe-se a farinha, junta-se o leite, mexendo-se com as mãos, batendo-se até que a massa apareça lisa e brilhante, despegando-se em bolado do fundo da vasilha. Polvilha-se então com farinha, cobre-se e deixa-se crescer novamente em lugar quente. Ocupa-se depois de ter crescido 2 a 3 dedos.

Recheio: Mistura-se bem 100 gr. de nozes raladas, 100 gr. de açúcar, 1 ôvo, 1 colher de sopa de manteiga e 1 colher de sopa de passas. Estende-se esta massa na espessura de 1 cm., corta-se em tiras de 3 cm. de largura, espalha-se sôbre elas o recheio, enrola-se, leva-se a uma assadeira untada, aperta-se um pouco por cima, deixa-se crescer e assá-se em forno regular.

DEDAL DE PREGUIÇOSA

Tome 2 xicaras rasas de farinha, 1 ôvo, 1 colher de sal e vá amassando com manteiga até poder enrolar. Deixe descansar 1 hora. Enrole da grossura de um dedo, corte em rodelas de 1 cm., coloque em cima do dedo, dê a forma de um dedal, e vá colocando num tabuleiro polvilhado com a abertura para baixo e leve a assar em forno brando. Depois de frios, encha com qualquer recheio doce ou marmeladas.

SALADA EVA

Toma-se um tomate bem maduro, do qual se corta uma tampinha. Tira-se as sementes com uma colherinha e enche-se o tomate com as seguintes saladas. Cozinha-se um aipo em água com sal. Depois de cozido, pica-se êste, juntamente com uma maçã, em quadradinhos bem pequenos. Misturam-se êstes quadradinhos com maionese e com êles se enche o tomate, cobrindo-se com mais um pouco de maionese e por fim a tampinha do tomate. Guarnece-se êste último com um raminho de salsa e coloca-se sôbre uma fôlha de alface.

TORRADINHAS COM GELÉIA E ÔVO

Torram-se fatias de pão às quais se dá uma forma oval. Sôbre cada torrada, se coloca um ôvo "poché". Guarnecem-se em seguida as torradas com fatias de tomate e presunto. Sôbre estas fatias, despejam-se duas colheres de geléia de carne e colocam-se os pãezinhos em lugar fresco a fim de que a geléia endureça. Quando estiver gelada, põe-se mais uma ou duas camadas de geléia. E' preciso ter o cuidado de deixar endurecer cada camada de geléia antes de acrescentar outra.

OVOS "POCHÉS"

Tomam-se ovos bem frescos que se quebram cuidadosamente sôbre água fervendo na qual se deitou um pouco de vinagre (para 1 litro de água, 1 xicara de vinagre). Deixa-se que os mesmos cozinhem durante 3 minutos em fogo brando, tiram-se com uma escumadeira, colocam-se sôbre torradinhas e servem-se. Êstes ovos podem ser servidos cobertos com geléia de carne ou servem para guarnecer pratos com espinafre.

Os ovos "pochés" também se servem frios, sôbre tomates cortados ao meio e cobertos com maionese.

Pode-se também servir os ovos "pochés" colocando-se sôbre torradas de pão de fôrma, cobrindo-os então com mólho de tomates. Neste caso, devem ser servidos quentes.

BATATAS COM QUEIJO

Um quilo de batatas cozidas, 150 gr. de queijo ralado, manteiga ou gordura. Cozinham-se as batatas com a casca que se tira enquanto elas estiverem quentes. Cortam-se as batatas em rodelas que se misturam com o queijo e que se frigem em gordura ou manteiga quente.

TORTA BRANCA

1½ xicara de açúcar, ½ xicara de manteiga, 3 xicaras de farinha de trigo, 1 xicara de água, 3 colherezinhas de fermento, baunilha e sal à vontade e 3 claras em neve. Derreta a manteiga, junte aos poucos o açúcar, e sempre batendo adicione o fermento, a baunilha e a água aos pouquinhos. Por último acrescente as claras e despeje em 2 fôrmas. Forno brando durante os 5 primeiros minutos, depois aumente o calor e deixe por mais 15 minutos. Sirva simples ou recheada e coberta com glacê.

A COZINHA

LULAS RECHEADAS

Lave 1 quilo de lulas e retire delas os olhos, as penas e os dois saquinhos de tinta e areia — como diz o povo. Deixe-as de môlho na água e depois junte ½ quilo de camarões descascados, e leve tudo ao fogo, num bom refogado, molhado com 1 xicara de água. Estando macias, destaque os envólucros — uma espécie de sacos compridos — e guarde. Tome os restos das lulas e os camarões, bata bem picadinho e adicione ½ xicara do caldo coado, ½ xicara de leite, ½ colher de manteiga, 2 gemas, umas 2 colheres de farinha de trigo, e leve ao fogo, para que fique um crême espêsso. Encha os envólucros com êste recheio, passe em ovos batidos, em pó de pão torrado, e frite na banha quente, ficam como croquetes. Se não tiver camarões, aumente o recheio com pão molhado no leite. Arrume as lulas num prato travessa e enfeite com um tufo de salsa numa das cabeceiras. Sirva com arroz sôlto à parte.

CONSERVA DE BETERRABAS

Quatro xicaras de beterrabas aferventadas, frias e cortadas em fatias, um pouco de vinagre. Mergulhe uma vasilha de bôca larga em água quente, escorra bem a água, passe a vasilha por álcool e arrume as fatias de beterraba. Despeje por cima o vinagre prèviamente aquecido. Deixe descansar 36 horas, antes de servir, sé quiser, poderá juntar também uma ou duas rodelas de cebola.

OVOS COZIDOS COM TOMATES

Cortam-se os tomates no meio, tiram-se-lhes as sementes, temperam-se e, querendo, assam-se ao forno com um pouco de azeite. Em seguida recheam-se os tomates com ovos mexidos, colocando-se uma rodela de cebola frita sôbre cada um. Pulverizam-se os tomates com pimenta paprika (pimenta vermelha em pó).

MACARRÃO com TOUCINHO DEFUMADO

250 gr. de macarrão, 2 a 3 colheres de toucinho defumado frito, cortado em quadradinhos, ½ xicara de rigota, 1 xicara de nata. Mistura-se o macarrão cozido com o toucinho frito. Arruma-se num prato e sôbre o macarrão esparrama-se a rigota regando-se tudo com a nata.

BOLSINHAS DE REQUEIJÃO

250 gr. de requeijão (rigota), 1 ôvo, 1 colher das de sopa de manteiga, 80 gr. de açúcar, 2 colheres de passas, 1 colher de sopa de cidra cristalizada picadinha e 1 pitada de sal.

Faz-se uma massa, estende-se na grossura de ½ cm., corta-se em quadradinhos de 10 cm., passando-se gemas batidas nas beiradas. Faz-se um creme com os ingredientes e mistura-se com o requeijão esfarelado. Põe-se uma colher de café dêsse creme no centro de cada quadradinho; viram-se as 4 pontas sôbre o recheio e apertam-se. Pincela-se com gema, assa-se em forno quente e depois de frio polvilha-se com açúcar.

PALMITOS COM ANCHOVAS

Cozinhe uns 3 palmitos em água, sal e limão, ou use os de lata. Corte em rodelas 4 ovos duros e 3 tomates grandes. Compre 1 vidro de anchovas. Arrume cada pratinho com uma grande rodela de tomate no fundo, em cima 3 rodelas de palmito cercando, uma de ôvo, com uma anchova no meio. Regue tudo com o seguinte môlho: 2 gemas duras, desmanchadas em 1 colher de vinagre branco, 2 colheres de azeite e sal.

PÊSSEGOS À BORDALESA

Tome 1 dúzia de bonitos pêssegos, bem maduros, corte ao meio, tire os caroços e leve a cozinhar numa calda feita com 2 xicaras de açúcar e 1 cálice de Kirsh. Conserve morno. Ponha numa caçarola 100 gr. de farinha de trigo, 100 gr. de açúcar, 3 gemas e 1 clara. Bata muito bem para formar uma pasta lisa; depois vá molhando com ½ litro de leite quente e leve tudo ao fogo até ferver. Junte ½ colher de manteiga e retire do fogo. Deite o creme num prato côncavo, arrume os pêssegos por cima e regue com a calda que cozinhou os pêssegos.

CROMESQUIS DE FRANGO

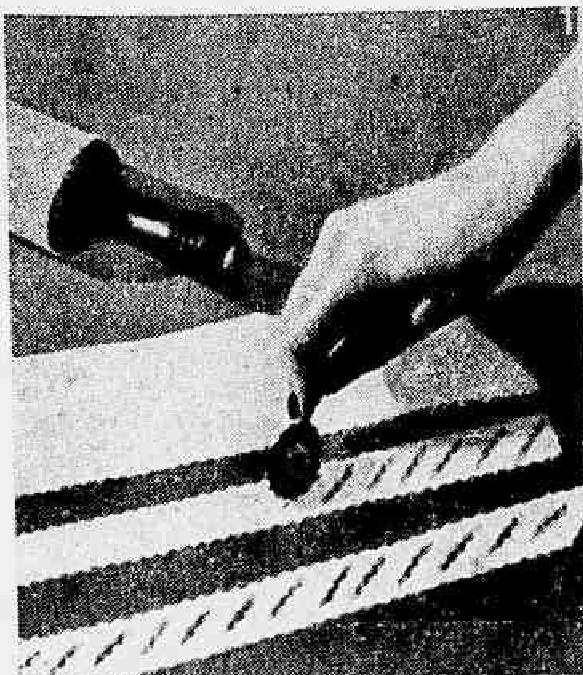
Ensope um frango, limpe a carne de ossos e peles, a passe na máquina. Faça um creme com 1 xicara de farinha de trigo, 1 xicara do môlho do frango, ½ de leite, ½ colher de manteiga e sal. Quando despejar do fundo, junte logo a carne do frango e 2 gemas. Despeje sôbre 1 tábua polvilhada, enrole da grossura de um dedo e corte em pedaços de .5 cm. Passe pela massa de fritar, frite bem torradinhos em banha quente e deite a escorrer sôbre papel pardo.

BÔLO DE FARINHA DE RÔSCA

½ xicara de farinha de rôsca, 1 xicara de nata, 6 ovos, sal, pimenta, noz-moscada, manteiga. Mistura-se muito bem a farinha de rôhca, a nata, as gemas, o sal, a pimenta e a noz-moscada. Juntam-se em seguida as claras batidas em neve. Põe-se esta massa em uma caçarola untada com manteiga, que se leva ao fogo, tapada. Deixa-se corar, vira-se com bastante cuidado para corar o outro lado.

MINGAU DE SEMOLINA

2 litros de leite, 200 gr. de semolina, 6 colheres de açúcar, um pouco de sal. Leva-se o leite ao fogo, com açúcar e sal. Quando estiver fervendo, junta-se a semolina e deixa-se cozinhar durante 15 minutos, mexendo-se sem parar. Querendo-se melhorar o gôsto, juntam-se 2 colheres de amêndoas picadas e um pouco de manteiga, ates de servir, pulveriza-se com açúcar e canela.

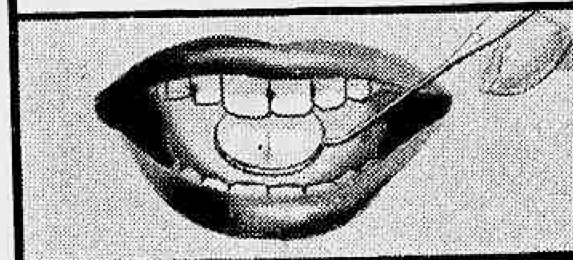




SAUDAVEL E ALEGRE É O SORRISO DA KOLYNOS-ISTA!

MAS, VEJA ESTE CONTRASTE...

olhe os dentes de outra boca.. cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diario de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. **ELIMINANDO** OS ÁCIDOS DA BOCA

Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. **DESTRUINDO** AS BACTERIAS

A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos científicos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. **LIMPANDO** PERFEITAMENTE

A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as partículas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova película. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante! E ECONÔMICO TAMBEM: Basta 1 cm. na escova seca.



McCANN

Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-302

DESODORIZE O SUOR

ANADORAN

tem um total efeito desodorante sôbre o suor e não impede a transpiração. Não mancha os tecidos, por mais delicados que sejam. Ideal para axilas e pés.

ANADORAN

SEREIA

o desodorante perfeito

Pedidos à Perfumaria Sereia Ltda. República Perú, 326 - Rio

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

CASPA

QUÉDA DOS CABELOS

CALVICIE

JUVENTUDE ALEXANDRE

Faz cessar a quéda dos cabelos

Evita os cabelos brancos

Evita a prematura calvicie

GLÓRIA A BELMONTE...

(Cont. da pág. 36)

dança de terra e de situação. Belmonte era a bondade em pessoa. Foi mesmo um homem puro e bom, coisa tão rara neste vale de lágrimas pródigo em monstruosidades e ingratidões. Se fôr verdade que existe céu ou paraiso, Belmonte na certa lá estará. Deus o permita, pois êle merece, por todos os titulos dos titulos!

Sua casa era um asilo de bondade e os amigos eram recebidos festivamente. O autor destas linhas; o Manoel Mendes (amigo de Belmonte durante 50 anos), professor e escritor ilustre; Mário Cordeiro, Nelson Vainer; o jovem André (sobrinho predileto do artista); o estudante Gabriel Cury, um dos líderes universitários da tradicional Faculdade de Direito de São Paulo; o espirituosíssimo Monroe Ney Martini, "can-can" do bairro do Canindé; e o Almeida Santos com a espôsa, éramos os mais assíduos aos almoços e feijoadas caprichosamente providenciados pela Dalila, cara-metade do Belmonte.

Às vêzes o Mendez e a Emilia iam daqui do Rio, o Caymmi idem, para as festas belmontinas. O lar das Perdizes engalanava-se todo então. E' com profunda, imensa saudade que hoje voltamos nossos pensamentos para êsse mais do que artista, êsse autêntico herói tombado.

Muitas e muitas vêzes na nossa presença Belmonte criava Juca-Pato, seu célebre personagem, seu querido boneco, verdadeiro arauto das aspirações e reivindicações do povo bandeirante, Juca-Pato, que mereceu xingamentos da Rádio de Berlim, verrinas do dr. Goebbels e dos escribas alugados em Roma e Tóquio para os insultos ao Brasil que lutou contra o nazi-nipo-fascismo. Também pela causa das Nações Unidas Belmonte muito colaborou. Glória, pois, ao artista!

UM ASOMBRA NO PÁTIO

(Continuação do número anterior)

A cabeça também pesava, cheia que estava de pensamentos ruins. E no resto da casa, excluido o rumor monótono dos armadores de minha rêde e os gritos infantis que me chegavam da rua, um silêncio profundo de morte. Sim, escurecia. Um mundo de sombras indecisas começava a descer, a tomar conta de tudo, pouco e pouco. Se abrisse a janela, veria uma infinidade de morcegos se cruzando, varando o céu já noturno em todos os sentidos. Senti mêdo. Mêdo de quê? Da noite? Dos morcegos? De Damião? Da sombra do pátio? Não sei. Mêdo de tudo e de todos. Mais prenúncio de uma catástrofe, de uma grande desgraça. Digo melhor: pêso. Talvez que o mundo viesse a ficar silencioso, deserto, e os primeiros raios de luar depois daquela hora mostrassem o ventre infernal de uma noite sem luz. A terra novamente juncada de cadáveres, em profusão, embaralhados, uns sôbre os outros. E não era morte parcial. Era total. Destruição a todos os homens, a tôdas as casas. O corpo inanimado de Damião sôbre o de Maria Helena. Não. O de Maria Helena sôbre o de Damião. Piorou. Angustiavá-me. Ah, o de Maria Helena sòzinho, distante do de Damião. O meu no meio para os separar. Lembrei-me de repente, em meio a êsse delirio, a essa indecisão sem motivo que me assaltava, de chamar Maria Helena. E antes não a tivesse chamado:

— Maria Helena, onde está você, minha filha?

Silêncio. Dança de sombras pelo quarto. Quis me levantar. Um menino gritou forte lá fora. Assustei-me. Novamente me nasceu o desejo de investigar o que havia na casa. Mas a silhueta de Damião me tomou a porta, como um obstáculo fantástico:

— Dá licença, meu patrão? — era uma voz cavernosa, rouca, voz que parecia esconder um mistério. Seria mesmo o negro?

— Pode entrar — retruquei indeciso, desorientado.

— Preciso falá muito com vosmicê!...

E o negro contou a história tôda. Quase que repetiu as palavras da negra velha que terminei por dispensar. Falou-me de Maria Helena, de seus enxerimentos. Afirmou que não queria, que sempre evitara. Disse-me mais que ela fôra embora, por ordem dêle. Iam agora viver juntos, numa casa que êle tinha alugado com dinheiro do coronel. Dentro de mais alguns meses, ela ia ser mãe de um filho dêle. E a declaração que eu temia, que eu não desejaria ouvir, terminou por espoucar da bôca do cabra, dos seus beiços grossos e caidos os beiços também caidos, o semblante conjá ferido:

— E a sombra do pátio era eu, meu patrão! Era eu apaixonado pela menina!

Petrificado, sem ação, os olhos imóveis, os beiços também aidos, o semblante contraido numa convulsão de chôro que fôra estrangulada pela inércia total, vi o negro ir-se confundindo, de quando em quando, com as sombras do quarto. Sua voz rouca foi-se tornando distante, distante, e nesse estado de prostração fisico-mental não sei quantas horas durou o discurso do cabra, nem quais foram suas últimas palavras. Sei apenas que em dado momento, levantou-se, ficou parado próximo à minha rêde como se me inquirisse, e depois se foi afastando de costas, de costas, desapareceu no corredor ainda de costas, como se temesse uma traição.

E a silhueta fugidia do negro no escuro do quarto, era precisamente do mesmo tipo da que eu imaginava existisse no pátio, tôdas as noites, numa ronda sinistra e silenciosa.

PEPINA

(Cont. da pág. 33)

internar num hospital, fazer um grande tratamento. Hidropsia era a sua doença. Resolveu passar o seu negócio. Depositaria o dinheiro no Banco... Não! Bancos não lhe mereciam confiança! O dinheiro precisava estar em lugar seguro, longe de Viriato.

"Seu" Júlio pensou, pensou muito e depois teve a seguinte idéia: abriu dois travesseiros, tirou uma porção de paina e dividindo o dinheiro em dois embrulhos, enfiou-os por dentro dos travesseiros, respectivamente, costurando-os bem. Com a fronha grossa, bem posta, não se percebia nada. Ficou exultante. No dia seguinte internou-se no hospital levando consigo, além da mala, os dois travesseiros.

★

Pepina era perspicaz... Pela paina que achou no chão adivinhou o que havia acontecido. Nada falou, porém.

Viriato alegrou-se ao saber que o cunhado estava doente. Fazia votos que êle esticasse logo as canelas.

"Seu" Júlio não obteve melhoras após dois meses de tratamento. Cada vez se agravava mais seu estado. Sempre recostado nos travesseiros, não consentia que lh'os tirassem, apesar do desconfôrto que lhe traziam.

Vendo o fim que se aproximava passava as noites cheios de febril angústia. Sentia-se lesado pela sorte. Sacrificara o Deus verdadeiro aos pés do deus-dinheiro. Confôrto, amizades, todos prazeres que a vida podia oferecer-lhe... E agora, via que seu deus tinha os pés de barro, caira por terra! Mas ninguém, ninguém aproveitaria do seu dinheiro! — bradava furioso...

Naquela preocupação, começou a delirar. Sonhava que estava sendo roubado por Viriato. Tinha verdadeiras alucinações! Acordava suando, agarrado aos travesseiros.

Os enfermeiros riam-se do delirio daquêle doente tão miserável que vivia sonhando com dinheiro...

Um dia "Seu" Júlio amanheceu mudado. Tinha se lembrado de Pepina e do filho. Êste, talvez nem vingasse... Um remorso insinuou-lhe no peito... Mandaria chamá-la! Que viesse só, sem que Viriato soubesse! Dar-lhe-ia os travesseiros com a fortuna. Afinal, ela era sua irmã. Quem sabe Deus não se lembraria dêle com aquela caridade?...

Feliz com aquela resolução que tomara "seu" Júlio adormeceu, não sem antes mandar chamar Pepina. Ela recebeu o recado. Olhou o filho que, de tão débil, não vingaria. Sabia o que o irmão iria dar-lhe... Não queria! O dinheiro não lhe traria felicidades! Sorriu ao lembrar-se de Viriato! A desforra estava próxima!... Pensou em "seu" Júlio... Duas lágrimas rolaram-lhe pelas faces murchas. Garatujou um bilhete com a resposta:

"Júlio. Não irei. Nada quero. Deus que dê paz à sua alma. Pepina."

Um sorriso amargo encrespou os lábios do doente ao ler o bilhete. Chamou o enfermeiro. Com voz fraca, já dificil, disse-lhe:

— "Dar-lhe-ei êste relógio se quiser prestar-me um obséquio após a minha morte."

O enfermeiro, meio atrapalhado, quis confortá-lo com um protesto. "Seu" Júlio não ligou ao que êle dizia. Voltou a fazer o pedido:

— "Quando morrer quero ir com êstes travesseiros amaciando o meu colchão...

(Cont. da pág. 49)

Música

ORQUESTRA SINFÔNICA DO RIO DE JANEIRO

COMPETIÇÃO E PROGRESSO ★ KRUGER E XANCÓ

ROBERTO LYRA FILHO

PROSSEGUEM os preparativos para estréia da Orquestra Sinfônica do de Janeiro. A imprensa tem public notas oficiais da diretoria daquela or nização, citando o nome de regentes instrumentistas estrangeiros contrata para a temporada dêste ano. Entre os in cados, encontramos alguns, já conheci aqui no Rio, como Horenstein e Krug maestros, e o violoncelista Xancó.

Registramos, com satisfação, a ativi de da Orquestra Sinfônica do Rio de neiro que, segundo parece, pretende, ag cumprir, realmente, as suas promessas, zendo com que seja esquecido aquêle mentável episódio do ano passado, qua se anunciou, insistentemente, o lançam to do novo conjunto, sob a batuta de Ste berg, e se deixou êste ilustre regente espera de uma orquestra que não chego ser formada... O artista, indignado, de regressar aos Estados Unidos, declara do que jamais voltaria ao Brasil.

E' natural, portanto, que, com êsses tecedentes, haja uma certa hesitação desconfiança. O público quer ter a cert de que, desta vez, os compromissos, qu to à apresentação da Orquestra, serão, tivamente, cumpridos, na data e com os tistas mencionados.

Acreditamos que, mais precavida e gura em suas promessas, a Orquestra S fônica do Rio de Janeiro, desta vez, faltará ao prometido.

É claro, porém, que o estímulo e o ap dos habituais frequentadores de concer só se manifestará, decisivamente, quan os excelentes projetos da Orquestra transformarem em realizações, desment do o ceticismo pessimista.

CONCORRÊNCIA E PROGRESSO

Se, porém, essa nova orquestra se m trar à altura do que o seu departame de publicidade vem anunciando, ela trará como um elemento de progresso nosso meio musical.

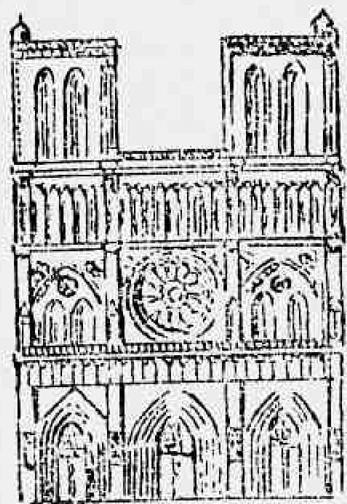
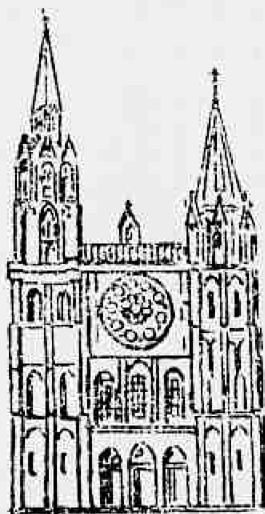
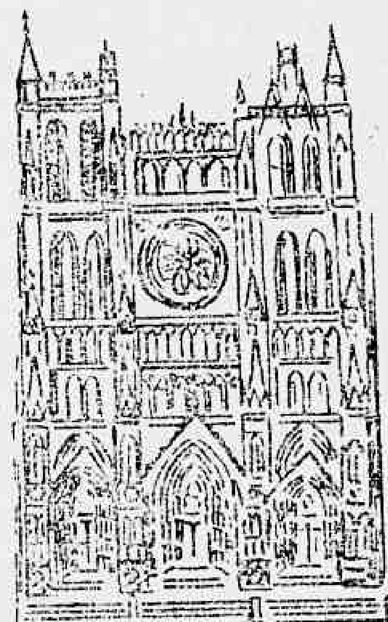
Diz-se que já temos a Orquestra Sin nica Brasileira e a Orquestra do Tea Municipal e que a criação de um no conjunto virá prejudicar os já existent pois não há público para três orquest no Rio de Janeiro.

E' verdade que, tanto a O.S.B., com corpo de professores do Teatro Municip têm contribuido para desenvolver o gô pela música sinfônica, atraindo um p blico considerável. Merecem, portanto, a paro especial pelos seus esforços no se tido de elevar o padrão artístico do no meio musical. Mas não acredito que a fo ma adequada de se dar apoio a essas or nizações seja sufocar uma iniciativa sem lhante.

Acho, pelo contrário, que a competiç fará com que cada orquestra melhore seus programas e a interpretação dele oferecendo, ainda, novas atrações, com quais cada conjunto disputará a preferê cia do público. Intensificando as atividad musicais, uma terceira orquestra de relê contribuirá para a elevação geral do nív artístico. Além disso, a existência dela a mentará, com novas inscrições em s lista de sócios, o número dos que frequ tam concertos sinfônicos. Também se diz quando se fundou o primeiro conjunto, não havia público suficiente e que, no concertos, haveria maior número de músi cos, no palco, do que de assistentes, n platéia... Apesar de tôdas as dificulda que teve de enfrentar, a OSB provou qu êsse público existe e que as crises só sur gem quando a administração da orquest não consegue manter a boa organização conjunto, ou o rendimento artístico dês decai. O problema não é encontrar que ouça boa música: é oferecer boa músi aos ouvintes. A afluência do público d pende da qualidade dos concertos. Kou sevitsky esgotou lotações. As emprês que trouxeram elementos de valor ver compensados os seus esforços com o s cesso do seu empreendimento.

Ano Santo

VISITE A FRANÇA



e admire nas Catedrais, a contribuição do gênio da escultura francesa, ao patrimônio comum da Cristandade !

Notre Dame • Chartres (Eure-Et-Loir) • Amiens (Somme) • Reims (Marne)

SERVIÇOS OFICIAIS DE TURISMO FRANCÊS

370, Praia do Flamengo - Rio de Janeiro - 45-0565

VOGA PUBLICIDADE

A SAÚDE DO BEBÊ

AVITAMINOSE B

DR. SABOIA RIBEIRO

SENDO os efeitos da avitaminose B, necessàriamente, relacionados com os diferentes fatores que, reunidos, formam o chamado **Complexo B**, e de vez que, na criança, o quadro da mesma assume as formas mais diversas, e não raro, muito sutis, que apenas é dado desconfiar, apelando para o tratamento para confirmá-la ou não.

Sem dúvida, sendo a sua principal fonte as frutas cítricas, a banana, o abacate, a uva, os grãos de cereais (êstes sobretudo), para o fator B1; a laranja, o tomate, e o fígado, o ovo, o leite, para o fator B2, é fácil concluir que hão de resultar sempre como uma ameaça de suas manifestações, tôda vez que o regime do lactente não sofrer as modificações que a boa puericultura aconselha, e que consiste na subministração de suco de frutas e sopinhas aí por volta do 3.º e 6.º mês, respectivamente.

E' certo que o leite encerra a vitamina B (aliás o **fator B1**); porém, e os demais? Tanto basta para logo se ver que uma alimentação prolóngada pelo leite há-de acarretar, eventualmente, os distúrbios integrantes do quadro da avitaminose B na criança.

A prevenção, portanto, dos danos decorrentes da avitaminose B consiste principalmente, no emprêgo das substâncias ricas dos diversos fatores, o que necessàriamente ocorre quando o regime alimentar da criança não fica por assim dizer, imobilizado no uso indefinido do leite, senão que sofre as modificações adequadas que lhe garante a introdução oportuna de frutas, legumes, cereais, visceras.

Observações meticulosas já se fizeram mostrando as diferenças com uma alimentação da criança exclusiva pelo leite, e com o leite adicionado de vitamina B1 e B2.

No primeiro caso, as crianças apresentavam diarréia, nos faringites e eczemas do rosto e do ouvido. Se, entretanto, depois de diluído e adoçado levemente o leite, junta-se-lhe uma colhérzinha de café de fécula de batata, e mais 1 miligramo de tiamina (Vit. B1) e 1 miligramo de riboflavina (Vit. B2), com essa simples modificação corrigem-se os distúrbios anteriormente observados na criança, que cura da sua diarréia, nesofaringite e eczema do rosto e do ouvido.

O conhecimento mais moderno da avitaminose B confere uma importância extraordinária à presença dêsse complexo no regime alimentar, pois lhe são atribuídas muitas manifestações assim da pele e das mucosas, como do aparelho digestivo e do sistema nervoso.

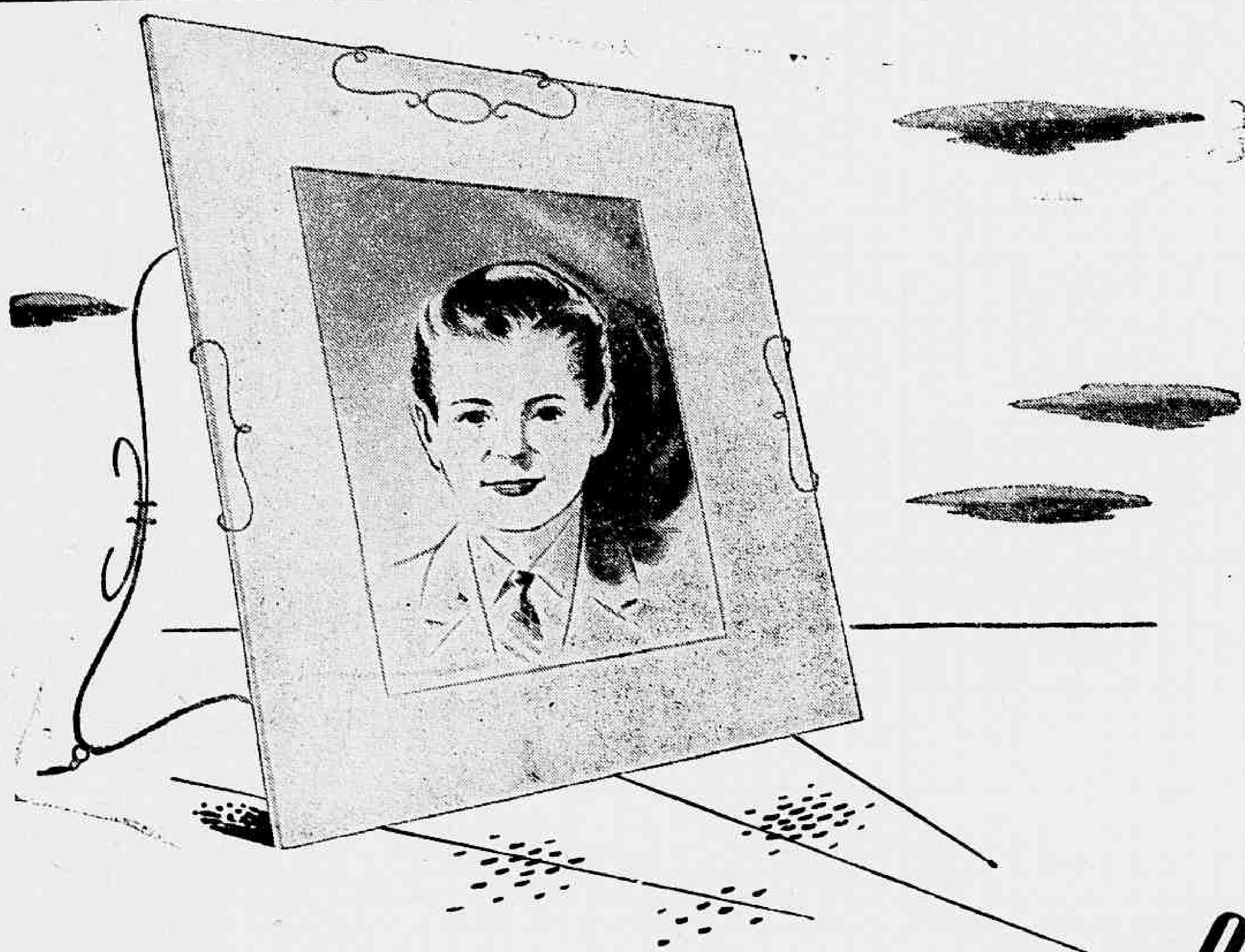
Sensação de prurido nos olhos, ardor e secura, às vêzes acompanhando-se de congestão e secreção — não tem outra significação, muita vez, que não carência avitaminótica B.

A falta de apetite da criança é outro sinal que põe na pista da avitaminose, não raro revelada após o uso prolongado do leite, mas corrigida se se introduzem no regime os farináceos e as féculas. Nesse particular existem observações muito interessantes que fazem recomendar as sopas de aipim como capazes de consertar êsse e outros distúrbios atribuíveis à falta de vitamina B nos regimes da criança.

Ainda dentre a sintomatologia da esfera da nutrição, ligada à deficiência da vitamina B, arrolam-se certas formas de prisão de ventre por preguiça do intestino, vômitos habituais, diarréias ácidas sem sangue nem muco. A ação sôbre a prisão de ventre explica-se, naturalmente, porque essa vitamina exerce uma ação motora notável sôbre a musculatura lisa do aparelho gastro intestinal. A seu turno, os bons efeitos sôbre os vômitos se justificam devido ao fato que, na digestão dos farináceos, a vitamina B impede a formação de produtos ácidos no sistema nervoso a que se deve o estado de intoxicação provocador da perda do apetite, náuseas e vômitos, etc..

Interesante observar que, nas manifestações da avitaminose B, das mais encontradiças são as lesões bucais ou de trato digestivo, com atrofia da mucosa da língua que se torna vermelha e dolorosa, e generalizando-se à de tôda a cavidade oral fissuras nos ângulos da boca, etc.

Por outro lado, certas manifestações de anemia (a chamada **anemia macítica** dos médicos) são hoje consideradas dependentes da avitaminose B, devido a um fator anti-anêmico (ácido fólico), particularmente existente no fígado cru, que valoriza seu valor como componente obrigatório na dieta da criança anêmica em tôdas aquelas formas.



Que será seu filho AMANHÃ!

advogado
engenheiro
médico ou . . . ?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

O SÊGREDO DE SUA MOCIDADE!...

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saude. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente **revigorizado**, tendo voltado, portanto, a sua côr **natural**. **Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:**

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARRÔZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE ! NAO ESPERE ENGORDAR DEMAIS. TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARA O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

Remetemos pelo Reembolso

UMA PEÇA QUE FAZ...

(Cont. da pág. 20)

Conversamos, a respeito, com Sandro Polloni, o ator-empresário a quem se deve êsse cometimento artístico:

— Não tive o menor propósito de fazer escândalo com a peça da sra. Helena Silveira, mas apenas fui movido pelo desejo de lançar uma nova escritora. E nesse particular sinto-me compensado, porque não resta a menor dúvida, a literatura teatral do Brasil conta, a partir de agora, com um novo e acreditado elemento. Não posso ser culpado pela repercussão dêsse espetáculo, que já completou um mês de cartaz. Tenho pronta para estrear outra peça, "A Família Barrett", meu contrato com o Teatro

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos, passe levemente, com uma flanela, óleo de peroba.

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super ...	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30.00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmim Super	10,00	22.00	30,00
Violeta B — Super ..	13,00	22,00	30,00
Q. Fluers — Super ..	15,00	25.00	35,00
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super	18,00	25.00	35,00
Arp. 5 — Super	20,00	35,00	40.00
Tabac B — Super ...	21,00	35.00	40.00
Tabul — Super	25,00	35,00	40.00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40.00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40.00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40.00
Narcisse N — Super..	25.00	35.00	40.00
Preix — Super	35,00	45.00	55.00
Rumores — Super ...	35.00	45.00	55.00
Escandalo — Super ..	35,00	45.00	55,00
Tabul GR — Super ..	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70.00
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70.00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF..	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF ..	85,00	105.00	105.00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105.00	105,00
Despesas Reembôlso..	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

Cultura não vai além de três meses, e todavia vejo-me impedido de retirar de cena, contra a vontade do público, a peça que tantas discussões vem provocando. O resto é com a lei.

★

Quando ia mais acesa a polêmica em tôrno a "O fundo do poço", foi realizada na platéia do teatro, após a representação, uma palestra com a presença do público, de intelectuais, travando-se debates inflamados. Lá estavam expoentes da literatura bandeirante, e a verdade é que na sua maioria, começando por Osvald de Andrade, colocou-se na defesa da autôra. Antes da estréia, já o autor de "Marco Zero" havia declarado, após a leitura dos originais da peça:

— "A cidade que deu um grande crime deu uma grande escritora".

Mas os debates prosseguem, no tribunal e pelas colunas dos jornais, quando redigimos estas linhas. Afirma-se, por exemplo, que a proibição da peça não poderá ser consumada, mas quando muito cancelada a circulação do livro que a publica. Outros adiantam que nem uma nem outra coisa pode ser feita.

A escritora Helena Silveira nasceu na capital de São Paulo e pertence a uma família de escritores — filha do erudito Alarico Silveira, sobrinha de Valdomiro Silveira, grande contista, irmã da romancista Dinah Silveira Queiróz, prima de Mirocl da Silveira. Estreou na literatura em 1944, com o volume de contos "A Humilde Espera", ingressando no ano seguinte, na redação da "Fôlha da Manhã". E' por muitos considerada a primeira contista de São Paulo. Em 47 representou o Brasil num congreso universal feminino pró-paz reunido em Paris. Em 48, a Academia Paulista de Letras premiou seu livro inédito de contos — "Mulheres, freqüentemente".

E' ela, no momento, a mulher mais discutida em sua terra. E os artistas que interpretam a obra pômo de discórdia, a peça que faz barulho no rádio, na imprensa e na Justiça, tem concentrada para suas pessoas o máximo de curiosidade e interêsse por parte do grande público.

PEPINA

(Cont. da pág. 46)

Sempre dormi com êles... Não quero que faltem no meu último sono... Faça também o meu entêrro; o preço do relógio compensará tudo."

E' claro que o enfermeiro jurou cumprir o pedido. E cumpriu mesmo. "Seu" Júlio foi enterrado com os dois travesseiros.

★

Quando Viriato soube da morte do cunhado, êste já tinha sido enterrado. Correu ao hospital para reclamar a mala do defunto.

Arquejante, feliz, chegou em casa carregando o que julgava ser o depósito de sua fortuna. Uma decepção o esperava! Não havia dinheiro dentro. Correu ao quarto do morto. Revirou tudo. Abriu o colchão, arrombou o armário. Nada encontrou. Alguns objetos de uso lá estavam como a zombarem dêle.

A cólera tomou conta de seu ser. Procurou a mulher. Aos gritos perguntou-lhe:

— "Onde está o dinheiro daquele coruja? Diga-me! Sabe onde o escondeu?" — disse êle sacudindo-a violentamente pelo braço.

Uma gargalhada gritante, prolongada, foi a resposta. Pepina se torcia tôda, num riso convulsivo... — "O dinheiro!... Sim, o dinheiro! Com certeza levou-o para a sepultura! Está bem guardado, bem a salvo de suas garras!..." — Ah! Ah! Ah! Ria-se ela. — "Estou vingada! Bem vingada!"

Um murro violento emudeceu-a. Correndo; como louco tomou o caminho do cemitério. Indagou do guarda pela sepultura do cunhado, marcou-a bem. Num arbusto do lado de fora escondeu-se e esperou que o guarda se fôsse... Já era noite quando êle pulou o muro para o cemitério... O que se passou lá, ninguém sabe...

Horas depois um vulto atravessou a cidade numa corrida desabalada e tomou a estrada: era o Viriato. Dizem que tinha os olhos arregalados de pavor, os cabelos eriçados e da bôca retorcida saiam sons guturais.

Como apareceu, também desapareceu daqui. Nunca mais se ouviu falar nêle.

Pepina viu seu filho morrer poucos dias depois. Tanto sofrimento afetou-lhe a razão. Conserva, porém, como lembrança de tão triste passado, um verdadeiro horror ao dinheiro, apesar de nunca o ter possuído.

O FASCÍNIO DO RUBI...

(Cont. da pág. 22)

não compreendia porque essas mãos entrelaçadas, êsses olhares lânguidos, essas despedidas tão demoradas...

Na sua simplicidade êle compreendia um contrato judicial, mas de outra maneira. Enfim... Sua missão era apenas vigiar e não se intrometer na vida dos reclusos com seus respectivos advogados. Por isso, continuava a andar de um lado para o outro, vendo através das grades estreitas da porta, os mesmos gestos, as mesmas conversas em surdina, e uma tarde, um demorado beijo na mão da italiana que deitava ao doutor, olhares cheios de promessas... Abria sempre a porta para deixar passar o advogado e se afastava, indiferente, continuando o seu infindável passeio pelos corredores estreitos, ouvindo o mesmo tilintar monótono das chaves penduradas no seu cinto.

Na manhã do quinto dia, a servente que trazia as refeições à reclusa, correu alarmada ao gabinete do diretor:

— "A italiana não estava lá! A cela estava vazia! Ninguém sabia como, ela havia fugido!"

....

Se algumas suspeitas surgiram em tôrno do nome do dr Maier, quanto à sua conivência com a fuga da artista, foram desde logo obscurecidas, levando-se em conta o passado insuspeito do profissional.

MALZBIER da BRAHMA

enriquece qualquer refeição!

É verdade! Malzbier da Brahma duplica o valor nutritivo do seu lanche... enriquece o seu almoço... e valoriza o seu jantar... Rica em malte, Malzbier da Brahma tem alto valor energético. É uma cerveja preta, ligeiramente adocicada. Pelo seu baixo teôr alcoólico é a cerveja preferida de tôdas as famílias. Enriqueça suas refeições com a saborosa Malzbier da Brahma!

GARRAFAS OU ½ GARRAFAS

OUÇA as transmissões esportivas da Rádio Nacional, aos domingos, à tarde, em ondas curtas e médias.

Record 3223

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A.

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.

Mas tôdas as pesquisas foram improfícuas para descobrir o paradeiro da mulher que tão hàbilmente havia burlado a vigilância da polícia. Esta, continuava, porém, vigilante e quando, algum tempo depois, deveria zarpar para Buenos Aires um grande transatlântico, foram apreendidos os documentos apresentados por um jovem moreno, de feições delicadas, ninguem poderia supor que o insigne dr. Maier, advogado acatado no Rio de Janeiro, usasse de um nome suposto para viajar. Por quê? Isso fêz aumentar as suspeitas em tôrno da sua pessoa e inteligente, um policial secreto seguiu as suas pègadas.

Desta vez falhara o seu dom de argúcia e sagacidade. Êle, que para os seus clientes sabia resolver as questões mais esdrúxulas, cometera um êrro inqualificável quando se tratara de si próprio.

O amor, fôrça indômita que faz as grandes ações e promove as mais brilhantes vitorias, cria também, às vêzes, êsse estado de embotamento cerebral que faz o amante cometer as maiores sandices...

Inteiramente despreocupado, desembarcou na cidade portenha, sempre seguido, de longe, pelo policial. Hospedaram-se ambos no mesmo hotel, e seus passos foram devidamente controlados, até que nesta mesma noite, êle entrou num Cassino.

E, no ambiente escuro, onde haviam apenas luz para se distinguirem as silhuetas negras, todos os seus gestos foram observados pelo guarda.

Um foco de luz branca pôs em destaque uma bailarina morena que dançava alucinadamente rumbas e guarachas, ao som da maravilhosa orquestr.

Qulquer coisa de anormal se passava ali, pois o advogado ficara agitado, sorvera de um só trago a bebida que havia no seu copo e seus olhos não se desfitavam da bailarina irrequieta.

Quando o foco de luz desapareceu e as palmas ecoaram no salão da minúscula "boite", o advogado levantou-se. Disfarçadamente, o investigador seguiu-o.

Um homem apaixonado é prêsa fácil para um observador, mesmo sendo êste pouco argúto... Quando, lá fora, os amantes se encontraram e o policial pôde comparar as fotografias da bailarina desaparecida, deu-se por feliz, de ter obtido êxito na sua missão.

Deu-lhes ordem de prisão e não foi sem dificuldade que conseguiu algema-la, quando ela procurava evadir-se num assômo de desespêro e violencia. Ele permaneceu calmo, apesar das suas mãos estarem visivelmente trêmulas. E, diante do espanto dos presentes, foi mandada retirar a maquilagem escura que a fazia passar por cubana, enquanto um carro os levava para o destino conveniente.

Voltando ao Rio, ela foi submetida a contundente interrogatório, onde deixou trans parecer novas pistas para a obtenção da jóias e dos seus responsáveis. Foi sumária mente deportada para a Itália, onde devera cumprir a pena judicial. O dr. Maier, te cassada a sua carta profissional e perde parte do prestígio que desfrutava no me jurídico. Mas nada disso pudera abalar violência da paixão que aquela mulher l inspirara e êle, novamente, faria os mai res sacrifícios, tanto da sua honra, com da sua vida, até que conseguisse realiz o seu sonho de amor. Iria para junto de de qualquer maneira. Tentaria uma no vida num lugar distante, longe de tod e de tudo, contanto que lhe fôsse dado us fruir a delícia de uma aproximação co aquela criatura irresistível. Já agora, que valeria a existência sem ela, sem o c rinho daquelas mãos finas e aristocrática

Escreveu-lhe longas cartas, cheias de d sespêro e angústia...

(Cont. no próximo númer

NEM SÓ DE PIANO...

(Cont. da pág. 59)

nista, nem por isso Muraro deixa de ser um dos maiores pianistas da atualidade. Com seu nome difundido além fronteiras, suas audições ao microfone da Rádio Globo constituem momentos de verdadeira elevação espiritual. Artista cem por cento, jamais se desviou da Arte, a ponto de firmar-se como um dos mais perfeitos intérpretes ao piano de nossas melodias populares. Também no clássico não é menos grandioso. Basta dizer que, quando de sua "tournée" à Europa, conseguiu arrebatar a platéia de Milão, executando a "Protofonia do Guarani".

ATLETAS PARA OS...

(Cont. da pág. 10)

Basquetebol masculino: Clube Municipal e São José dos Campos.

Tênis de mesa masculino: Newton Silveira Filho, do Clube Municipal, e feminino: Maria Abreu, do Clube Atlético Mineiro.

Hipismo: Tenente Ibércio, montando "Seidéu" e sargento Lauro, montando "Corisco".

As provas de natação ofereceram os seguintes resultados:

50 metros — nado de costas — petizes — Ademar Sérgio, do Cambuquira Tênis Clube, em 49,2.

100 metros — nado de peito — aspirantes — Manfredo B. Pádua, do Varginha Tênis Clube, 1.31.

50 metros — nado de peito — infantis — Mauro Frota, do Varginha T. Clube, em 49,5.

50 metros — nado de peito — petizes — Rinaldo Ferreira, do Cambuquira Tênis Clube, em 58".

100 metros — nado de costas para homens — Antônio Romão Filho, do Varginha Tênis Clube, em 1,21.

100 metros — nado de peito — para moças — Hilda Nogueira, do Cambuqui Tênis Clube, em 1.42,5.

100 metros — nado de peito — juven júnior — Antônio Maia Filho, do Can buquira Tênis Clube, em 1.32,2.

50 metros — livres — petizes — Adema Sérgio, do Cambuquira Tênis Clube.

100 metros — livres — para homens - Varginha Tênis Clube.

O Esporte Clube Pinheiros, de São Paul foi proclamado o campeão absoluto do Jogos Abertos de 1949. A ginkana automo bilística foi vencida pela dupla carioc Rui Ribeiro, do Tijuca Tênis Clube, e s nhorita Sônia, do Botafogo de Futebol Regatas.

P. D. C., IGREJA E POLÍTICA

(Cont. do pág. 27)

E o dinheiro?

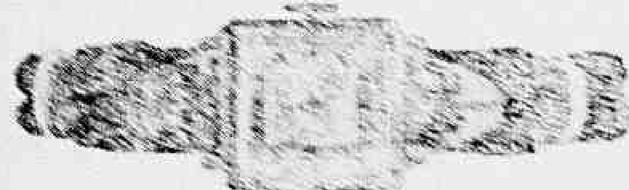
E' pobre, muito pobre o P.D.C. Vive da contribuição de seus dirigentes e representantes (10% dos salários), mas acontece que nem todos os seus poucos eleitos dão satisfação à tesouraria do partido... Sua sede funciona na Rua da Quitanda n. 59, 3º andar, em duas modestas salas pelas quais o partido paga um aluguel antigo (600 e poucos cruzeiros), ao lado da redação do periódico "A União", de propriedade do sr. Francisco Karam, um dos seus dirigentes. Não é êste jornal, porém, órgão oficial nem oficioso dos democrata-cristães, conforme nos afirmaram, limitando-se apenas a lhes dar todo apoio nas ocasiões necessarias. A seção do partido em Minas Gerais edita o "PDC", boletim oficial para os seus correligionários.

★

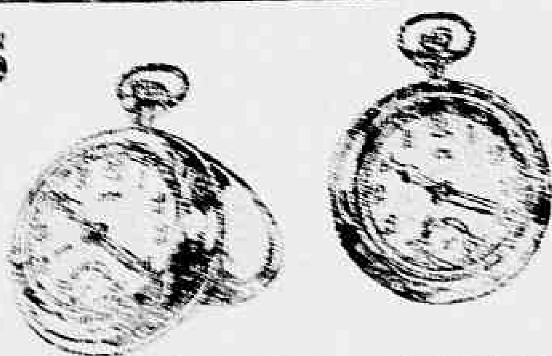
Sem grandes pretensões, por enquanto, pois acima da conquista do poder o objetivo do partido é manter sempre viva a chama do ideal e lutas cristãs — segundo nos declarou monsenhor Arruda Câmara, seu presidente — o P.D.C. espera, contudo, obter cêrca de 150.000 votos nas eleições de outubro vindouro. Entre outros representantes conta eleger deputado nesta capital o professor Hildebrando Leal, prestigiosa figura dos círculos católicos universitários, e talvez o coronel Hugo Silva, pelo Estad do Rio. Tem ainda como certa também a eleição do g vernador do Estado do Amazonas, na pessoa do desen bargador André Vidal de Araújo. O conhecido "speake Júlio Louzada, cognominado o "reverendo do rádio" c rioca, será também candidato à deputação federal pel democrata-cristãos. O deputado Manoel Vitor, que é r rádio paulista, outro "Júlio Louzada", será candidato reeleição. Com quem votarão para a presidência de R pública ainda constitui, porém, uma incógnita, que deverá ser resolvida por ocasião da convenção do partid a se realizar dentro em breve, no Rio.

GENEVE JOIAS

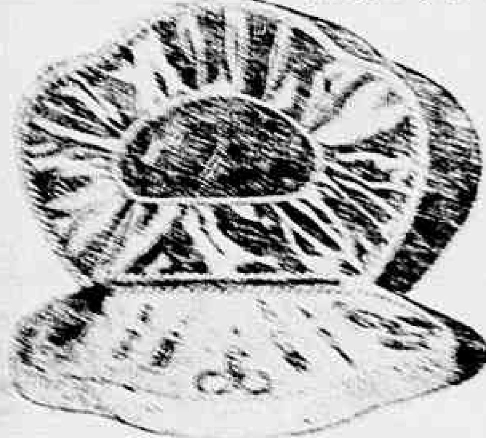
Oferece pelo Reembôlso Postal, para todo o Brasil, sem despesas de porte p/ o comprador



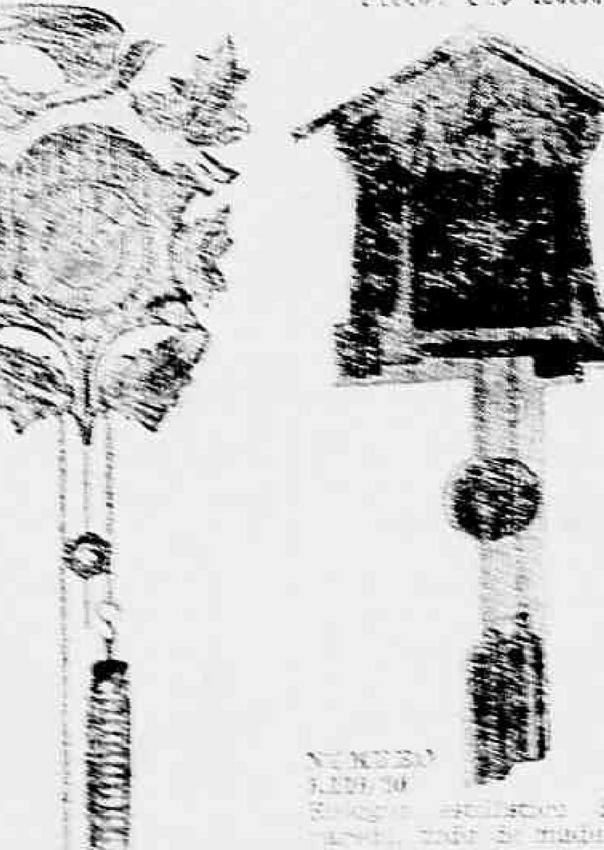
NUMERO 63.300 — Preço: Cr$ 140,00

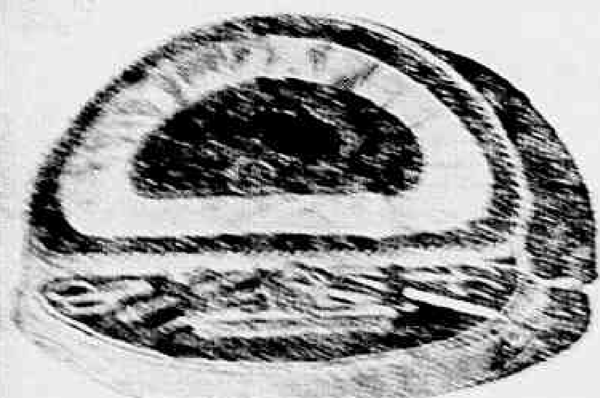


NUMERO 391/3 — Relogio despertador de bolso, suiço, marca ACORDA, com 4 rubis, cromado, mostrador luminoso. Preço: Cr$ 130,00



NUMERO 53.200 — Preço: Cr$ 190,00





NUMERO 56.200 — Preço: Cr$ 330,00

GENEVE JOIAS

Passou a dôr?

-um SORRISO-



graças a

CAFIASPIRINA

O REMÉDIO DE CONFIANÇA



MARION NÃO QUER CASAR





















AGUARDEM NO PROXIMO NUMERO O NOVO ROMANCE DE AMOR E SACRIFICIOS DE UMA JOVEM QUE APARECE EM

"EU AMAVA OUTRO HOMEM"



MURARO PINTA...
Mas pinta — o quê? O sete, a manta, a saracura? Pinta seja o que fôr, mesmo telas à maneira de Picasso. Mas como pintor, Muraro continua a ser um esplêndido... pianista

NEM SÓ DE PIANO VIVE MURARO!

ISQUEIROS QUE VIVEM PARA NÃO DAR FOGO... ★ "BILBOQUÊ", UM DIVERTIMENTO PARA OS DEDOS DO PIANISTA ★ LENDO ATRAVÉS DAS LINHAS DA MÃO... ★ A PINTURA COMO DISTRAÇÃO

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

Fotos de URIEL TAVARES

HERIBERTO Muraro, que os leitores já se habituaram a ouvir tôdas as sextas-feiras, através do microfone da Rádio Globo, é, na vida prática, um cidadão a quem a vida, raramente, ocasiona aborrecimentos. Explorando tudo quanto se lhe apresente interessante, tal como Sagramor de Scuvero, Celso Guimarães e outros tantos colegas de "broadcasting", êle coleciona isqueiros. Aliás, essa "mania" não o deixou quando de sua permanência no continente europeu, levando-o, de certa feita, a caminhar quase duas horas, a fim de adquirir um original e curioso "specimen" para sua coleção que, ao escrevermos esta reportagem, conta com o apreciável número de quarenta e cinco isqueiros. Êstes, ao contrário do que muitos pensam, são lubrificados tôdas as semanas, operação que consome algumas horas. Porém, o famoso executante de "Linda Flor", mostra-se contente quando arruma todos os quarenta e cinco fornecedores de fogo sôbre a mesa.

Mas, apesar de dono de tanto isqueiro, Muraro não é um viciado na arte de fumar.

E, por incrível que pareça, é comum vê-lo arrancar do bôlso, quando vai acender um cigarro, essa proletaríssima caixa de fósforos... E' que seus isqueiros constituem objetos de coleção e não de uso, daí ser raríssimo utilizá-los para conseguir fogo. Certa vez, chegando à casa e necessitando acender o aquecedor, como não tivesse fósforos, enfrentou uma boa chuvada, sòmente para não mexer na coleção... O "incrível" pianista foi comprar fósforos na esquina...

DISTRAÇÃO PARA OS DEDOS

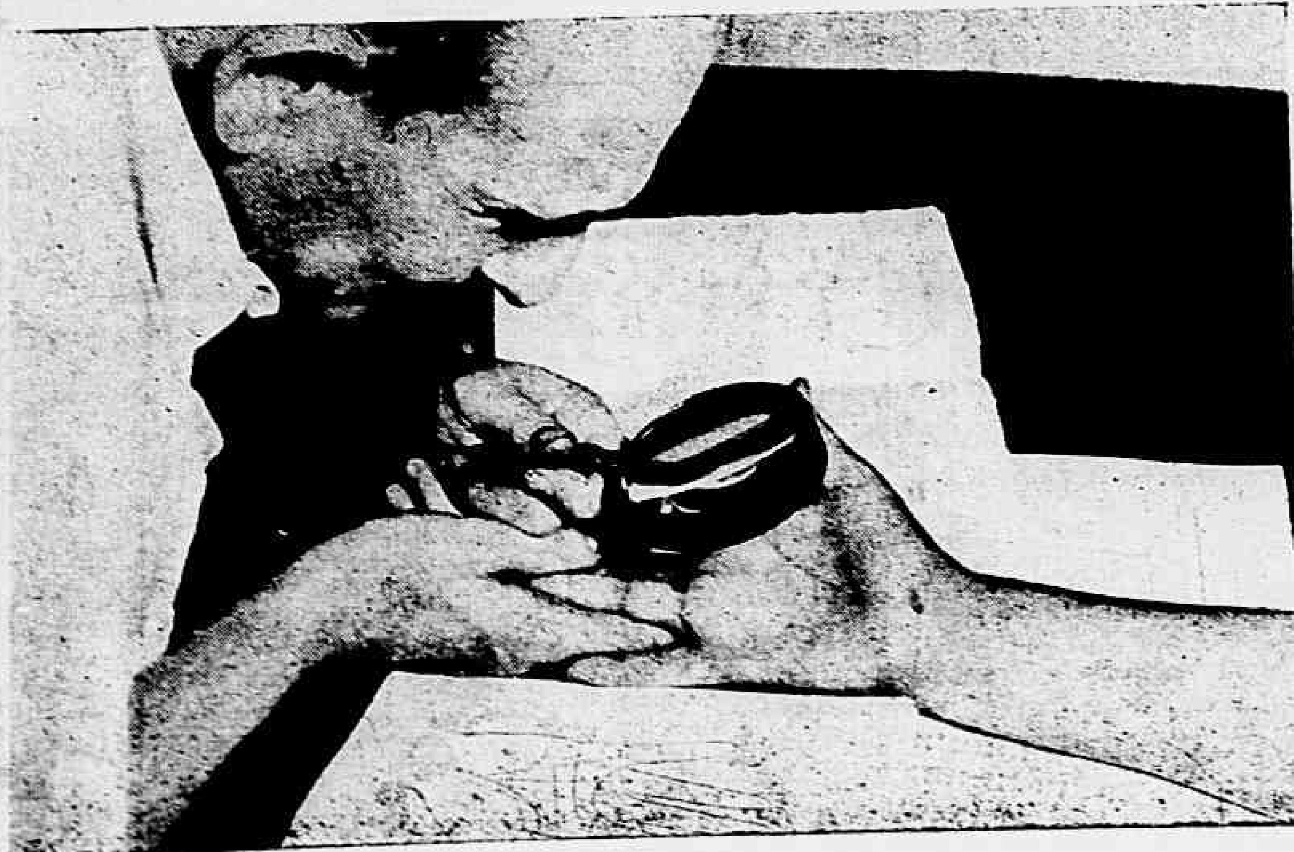
O exclusivo da PRE-3, não é sòmente um "virtuoso" do teclado. Nas horas vagas, quando os afazeres musicais lhe permitem, Heriberto Muraro distrai-se jogando "bilboquê". Foi justamente num dêsses momentos, quando suas atenções estavam concentradas para o agradável jôgo, que o "flash" funcionou. O artista, ao ver a chapa, confessou-nos ter ficado bastante satisfeito, posando para a posteridade, com uma bola na mão. Assim, não seria de estranhar, em dias vindouros, o qualificassem como o Zizinho do "bilboquê". Ainda mais, quando seus amigos o reconhecem um exímio praticante dêsse esporte que, por sinal, jamais levou seus praticantes à assistência...

O interêsse de Muraro por essa distração prende-se, ùnicamente, ao exercício dos dedos, sabido que a agilidade é uma das condições essenciais à um bom pianista. Classificado nesse rol, êle carece de muita agilidade. Principalmente, para a execução de certos números de nossa música popular. O "Tico-Tico no Fubá", por exemplo. Mas, apesar do seu extraordinário cartaz como "bilboquista", nem por isso participa de campeonatos... Prefere guardar silêncio de suas habilidades. Basta-lhe a posição desfrutada no meio artístico brasileiro que desde a sua chegada à nossa terra, se mantém inalterada. Conhecido e admirado como um grande pianista, nem por isso foge à modéstia.

DEVORADOR DE BONS LIVROS

Os que conhecem e privam intimamente da vida de Muraro, sabem-no um inimigo acérrimo das futilidades. Não desperdiça seu tempo com leituras tôlas, nem tampouco se deixa levar pela publicidade excessiva de certos autores. Estudioso ao extremo, é de ver-se com que interêsse devora os grandes mestres. Assim, é comum encontrá-lo às voltas com Papini, Goethe, Lin Yutang e outros famosos da literatura internacional.

Dentre os volumes que enriquecem sua desarrumada, mas homogênea biblioteca, figura a "História da Filosofia", volume que



QUIROMANTE
Com uma lente, Muraro lê o passado, o presente e o futuro — principalmente dos fãs...



COM OS CLÁSSICOS
Êle prefere a História da Filosofia e adora Pitágoras. Lê e relê cada página muitas vêzes



A BIBLIOTECA DE MURARO É ORGANIZADA PELO MÉTODO CONFUSO — MAS O ARTISTA SABE SEMPRE ONDE ENCONTRAR O LIVRO QUE PROCURA



COLECIONADOR

Êle tem 45 isqueiros de todos os tipos e marcas. Mas acende o cigarro com fósforos...



ESPORTISTA

Seu esporte predileto: o «bilboquê». Serve para adestrar os dedos, tão ágeis no teclado

constitui o seu livro de cabeceira. Quase diàriamente, quando tudo convida à uma boa leitura, nosso reportado passa a mão nesse volume para deliciar-se com alguns de seus capítulos. Principalmente, aquêle que se refere a Pitágoras. E' que o famoso matemático tem seu nome ligado intimamente à música. Muraro, para melhor entender o genial matemático, lê e relê página por página. Daí, a facilidade com que, algumas vêzes, diz capítulos inteiros dêsse precioso volume.

Embora não figurando romances policiais em sua biblioteca, isto não quer dizer que não os leia. Ao contrário, Muraro, em certas ocasiões, gosta de variar, porque, segundo suas próprias palavras, carecemos de conhecer tudo neste mundo. Êle não deseja ficar à margem dessa afirmativa, nem tampouco isolar-se numa "tôrre de marfim". Por isso, se alguma vez o encontrares, leitor amigo, lendo uma novela de Conan Doyle, não te espantes.

QUIROMANTE NAS HORAS VAGAS

O admiradissimo "astro" da constelação PRE-3 é, na expressão exata da palavra, um autêntico homem dos sete instrumentos. Basta dizer que, levado pela vontade de tudo saber, meteu-se a estudar quiromancia. Foi um verdadeiro Deus nos acuda na vizinhança, pois o pianista, munido de possante lente, começou a desvendar o futuro de muita gente. Até mesmo os bichanos entraram na lista... Sòmente êle, Muraro, escapou aos segrêdos de Sana Khan. E' que sua mão, um tanto calejada, não revelava nenhuma linha. Em caso afirmativo, descobriria o êxito de suas gravações para a Odeon, como aconteceu com "Tico-Tico no Fubá" e "Linda Flor", dois números difundidos por todo o continente europeu. Até mesmo na Inglaterra, êsses discos estão abafando. E' que o intérprete, demonstrando todo o seu aprêço pela música popular brasileira, esmerou-se na execução das duas belissimas composições.

Mas, enquanto suas gravações correm mundo, o exclusivo da Rádio Globo continua a ler a mão dos outros, apesar de que muitos não lêem pela sua cartilha. Isto, porque Muraro é sincero de mais. Não guardando rancor de ninguém, nem por isso deixa de dizer as verdades, quando precisas. Ora, para muitos, isto é bastante desagradável. Felizmente, nosso reportado possui uma excelente dose de humor para resistir aos biliosos, e aos que têm, na vida uma linha sinuosa...

RIVAL DE PICASSO E OUTROS...

A pintura é outro "fraco" de Heriberto Muraro. Dedicando-se à escola modernista, seus trabalhos, no gênero, têm merecido calorosos elogios. Mas, o artista não acredita muito nas suas qualidades. Daí, continuar estudando os grandes ases da palhêta e dos pincéis, uma vez que deseja chegar à perfeição.

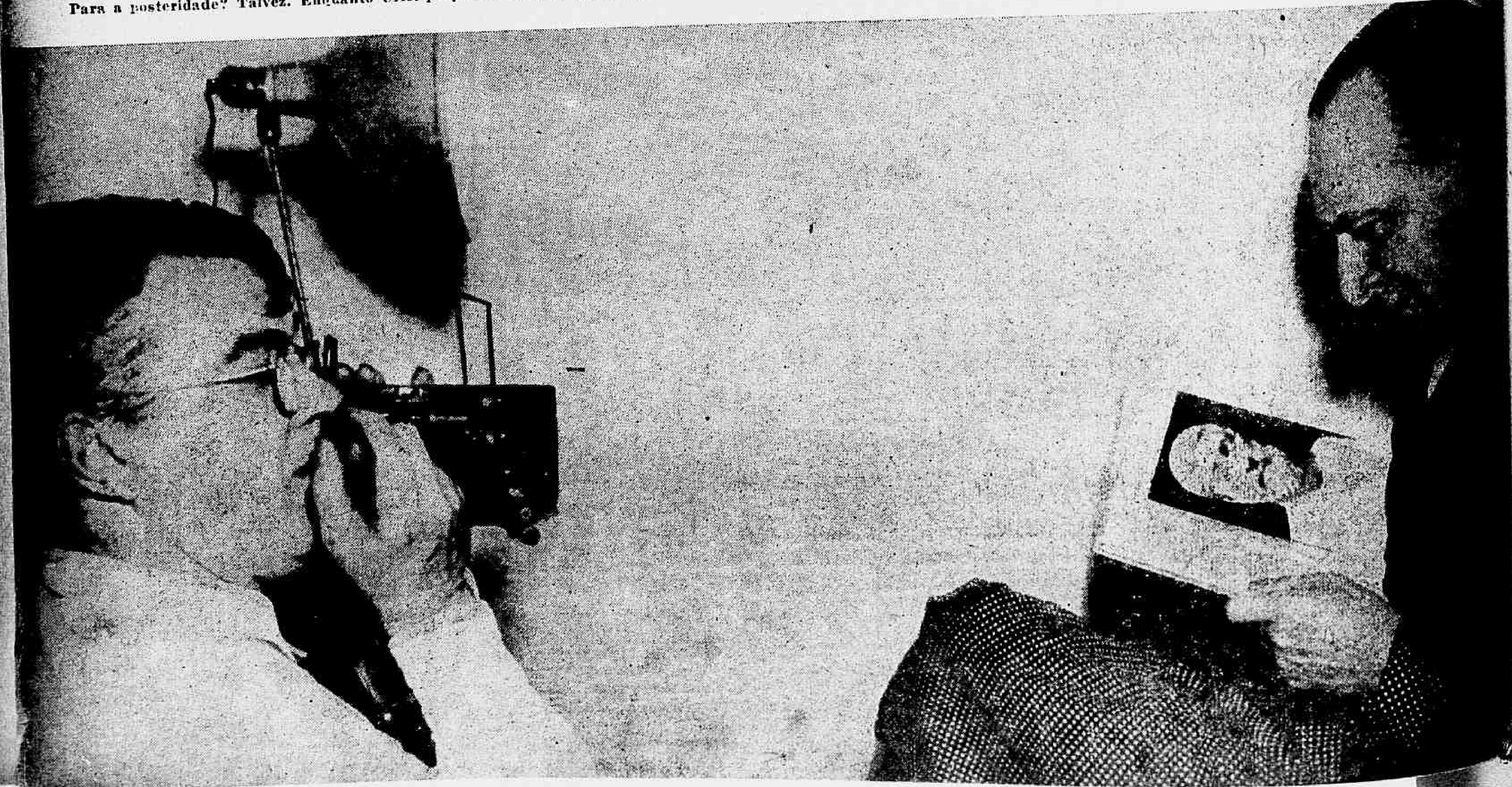
Quando de nossa visita ao integrante do cast da PRE-3, êle ultimava um trabalho. Por sinal que gostamos da composição. Nela observamos desenho, colorido e acima de tudo, movimento. Mas, quando lhe dissemos isto, Muraro começou a pilheriar, informando-nos ser mestre de si mesmo. Depois, mostrou-nos uma coleção de livros sôbre pintura, figurando, entre êsses, reproduções de Van Gogh, Cesanne, Manet e outros mais.

Colecionador de isqueiros, jogador de "bilboquê", apreciador da boa literatura, estudioso da quiromancia e pintor moderno...

(Cont. na pág. 5[illegible])

POSANDO...

Para a posteridade? Talvez. Enquanto Uriel prepara o «flash», Muraro assume a melhor pose. Acreditem ou não, êste flagrante foi feito por acaso... com dois fotógrafos na sala



TUDO ISTO ACONTECEU

MULAÇÃO OU ZOOLATRIA?

MARGARIDA Garcia, uma senhora de idade madura, reside num dos morros da ilha Governador. Ao que parece, não m profissão certa, vivendo da caridade pública, coisa, aliás, muito com na cidade do Rio de Janeiro. A porta dos templos aglomeram-se mendigos, quase todos aparentente sãos, homens e mulheres, pendo esmolas pelo amor de Deus. findar o dia, contam o apurado é dessa colheita humilhante que am o essencial para o sustento pessoal e, por vêzes, de pessoas da família.

Segundo tem apurado a polícia em sua luta contra a falsa mendicância, são numerosos os casos de espertalhões de ambos os sexos, os quais, dispondo até de imóveis e grossas importâncias guardadas, estendem a mão e rogam esmolas aos transeuntes, naquele velho tom compungido de quem está passando fome.

Apesar dessas simulações, há os infelizes que não têm outro jeito senão pedir esmolas para não morrer de fome. Muitos vão para as vias públicas em companhia dos filhos pequeninos. Acham muitos que se trata de ardil para enternecer a caridade pública; entretanto, nem sempre é assim. As mulheres maltrapilhas levam os filhos pequeninos simplesmente porque não têm onde deixá-los...

O drama da mendicância continua a ser um problema insolúvel no Rio e por todo o Brasil. O remédio seria dar trabalho aos indivíduos válidos, internar as crianças em estabelecimentos de ensino cultural e industrial e punir em colônias correcionais os malandros e simuladores. Mas, onde os recursos do Estado para isso?

Todavia, o caso de Margarida Garcia trouxe um aspecto curioso e inédito: ela esmolava sustentando nos braços um ser que parecia uma criança novinha. Mas era um cachorrinho branco e que chorava como menino novo!

AGUA DO RIO CARIOCA PARA REGAR A ARVORE DA "FRATERNIDADE AMERICANA"

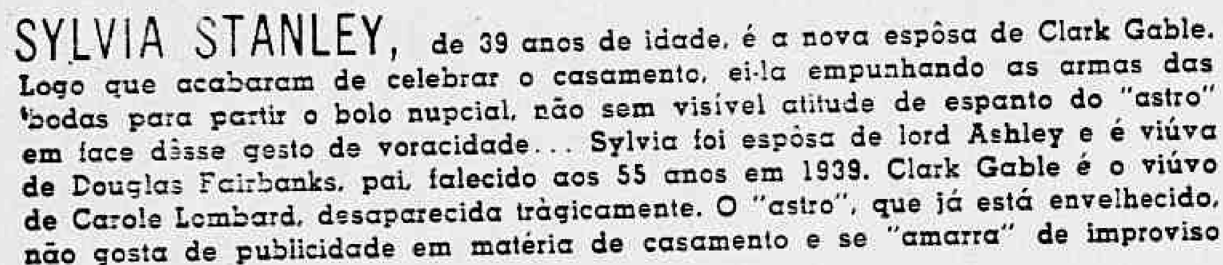


TODOS os anos e em vários países têm lugar, na data de 14 de abril, as comemorações do «Dia Pan-Americano», com a cooperação de numerosas instituições públicas e particulares. Em Cuba, por exemplo, entre as diversas cerimônias, destaca-se a de regar a árvore da «Fraternidade Americana» — um exemplar de Ceiba Petranda que foi plantada durante a Sexta Conferência Pan-Americana, em 1928, em terra trazida de todos os países do continente americano pelas suas respectivas delegações — com água igualmente mandada pelas nações do hemisfério. Associando-se à cerimônia dêste ano, a emprêsa de transporte aéreo Braniff Airways deliberou mandar para Havana, frascos dágua de rios dos países servidos por suas aeronaves, ou seja, Brasil, Paraguai, Peru, Bolívia, Equador, Panamá e Estados Unidos. Da capital brasileira, ponto terminal da linha tronco da Braniff, já seguiu pela aeronave «El Conquistador del Cielo» uma garrafa contendo água do rio Carioca, o «secularmente prestimoso» Carioca, na palavra de Escragnole Doria.

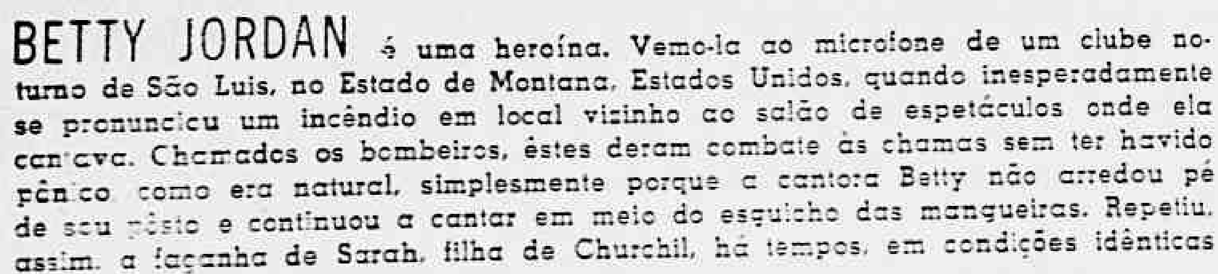
Escolhendo o Carioca, a direção dessa emprêsa no Brasil aproveitou a oportunidade para difundir ainda mais a expressão que êsse pequeno rio ostenta na história da cidade. Nascendo na serra da Carioca, que fica no cordão central do Grande Maciço Urbano-Andaraí, o Carioca, despencando-se de uma altura de quase 800 metros, vai, com sua extensão de 4.300 metros, visitar os logradouros de Cosme Velho, Laranjeiras e Catete, para depois desaguar na praia da Glória. Porém o ponto culminante de sua influência é que, em tempos idos, o grande contingente das águas do Carioca atirava-se no reservatório existente no fim da antiga rua do Aqueduto e vinha alimentar o chafariz do Campo de Santo Antônio — o atual Largo da Carioca — e dar de beber aos habitantes da cidade, os quais não só aproveitaram-lhe o precioso líquido como lhe herdaram o nome.



KHULMA, no Paquistão, nos oferece cenas impressionantes da emancipação da mulher indiana. Desde o dia em que a mulher muçulmana tirou o véu ou "jasmak" de seu rosto, entrou decididamente na estrada da emancipação com uma rapidez prodigiosa. Sobretudo no Paquistão, Estado que divide muçulmanos e indus, a mulher se organizou e fêz surgir numerosas associações feministas. Entre muitas dessas associações de saias que são calças, foi criada a "Guarda Nacional das Mulheres do Paquistão", presidida pela mulher do primeiro ministro do país, Liaquat Ali Khan. E aqui vemos a "begum" Liaquat passando revista às suas aguerridas tropas femininas em frente ao suntuoso palácio presidencial, como se se tratasse de tropas masculinas.



SYLVIA STANLEY, de 39 anos de idade, é a nova espôsa de Clark Gable. Logo que acabaram de celebrar o casamento, ei-la empunhando as armas das bodas para partir o bolo nupcial, não sem visível atitude de espanto do "astro" em face dêsse gesto de voracidade... Sylvia foi espôsa de lord Ashley e é viúva de Douglas Fairbanks, pai, falecido aos 55 anos em 1939. Clark Gable é o viúvo de Carole Lombard, desaparecida tràgicamente. O "astro", que já está envelhecido, não gosta de publicidade em matéria de casamento e se "amarra" de improviso



BETTY JORDAN é uma heroína. Vemo-la ao microfone de um clube noturno de São Luis, no Estado de Montana, Estados Unidos, quando inesperadamente se pronunciou um incêndio em local vizinho ao salão de espetáculos onde ela cantava. Chamados os bombeiros, êstes deram combate às chamas sem ter havido pânico, como era natural, simplesmente porque a cantora Betty não arredou pé de seu pôsto e continuou a cantar em meio do esguicho das mangueiras. Repetiu, assim, a façanha de Sarah, filha de Churchil, há tempos, em condições idênticas

ASSIM E' DE MAIS!

CASO único nos tribunais de Los Angeles foi êste que os telegramas nos expõem em fins de março próximo passado: a sra. Josefa Dominguez é mãe de dez garotos. No dia 22 do citado mês, amolada com as dificuldades da vida e diante da declaração de seu dedicado espôso, de que não estava satisfeito com dez filhos apenas e desejava pelo menos outros dez, Josefa não suportou mais e largou o marido...

E a filharada? Mme. Dominguez não se afobou: correu ao juiz de uma das Varas de Família de Los Angeles e expôs o seu caso melindroso e virgem nos anais forenses daquela cidade. Mas não fala inglês e o juiz também não fala espanhol. Resultado: ninguém se entendia.

Teve Mme. Dominguez que pagar um intérprete para ajudá-la na demanda curiosa e inédita. O juiz Thurmod Clarke compreendeu o drama de Mme. Dominguez e recebeu a queixa, ou melhor, a ação de divórcio.

Mas a peticionária quer uma coisa impossível: que o Estado sustente os seus dez filhos... O juiz desejou saber por que motivo o erário iria ficar assim tão sobrecarregado de despesas. Ela então explicou: o espôso, sr. Gardener Eliseo Dominguez, está disposto a aumentar no dôbro o número de filhos, mas ainda não p[...] ao médico assistente os honorários [...] último parto. Como poderá êle, então, [...]sar em mais filhos se não consegu[e di]nheiro para pagar a conta do mé[dico] parteiro?

Por sua vez ela, Mme. Dominguez, [...] pode dar-lhe mais filhos, uma vez qu[e] está farta de tanto menino, todos p[e]nos, a amolá-la, especialmente em te[mpo] de festas. Resolveu largar o espôs[o e] como não tem recursos para susten[tar a] filharada, recorre à Justiça para que [...] condene o Estado nas custas e... no [sus]tento dos garotos!

CAPRICHOS DA SORTE

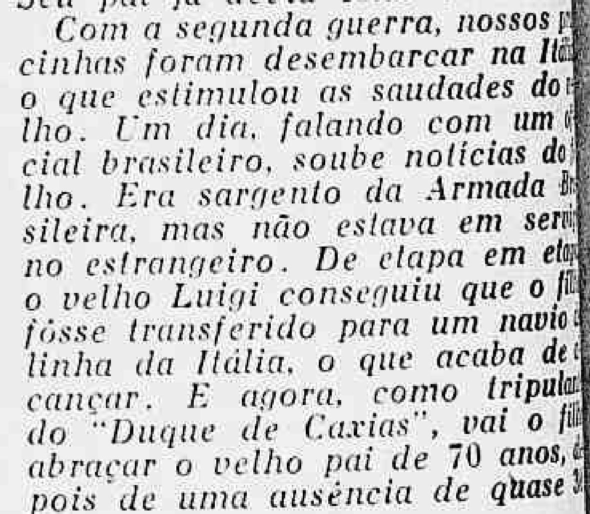
TÔDA guerra, especialmente as prolongadas e que envolvem grupos de nações como a última, traz os seus cortejos de dramas, tragédias e também forja episódios de indizíveis felicidades.

Parece paradoxal que isso aconteça; mas é verdade incontestável. Veja-se o que sucedeu com o velho Luigi Taruffi e seu filho Luiz, há poucos dias.

O velho Taruffi morava no Brasil e aqui se casou, resultando do matrimónio o nascimento de um filho a que deu o nome de Luiz, versão brasileira do Luigi italiano.

Mas, infelizmente, sobreveio a primeira guerra mundial e a Itália, depois de alguma indecisão, formou ao lado dos aliados, abandonando o tratado com a Áustria-Hungria e Alemanha. Êsse acontecimento chamou às armas os italianos residentes no estrangeiro, e o então jovem Taruffi seguiu para as trincheiras. Terminando a carnificina, volta Luigi ao Rio, reunindo-se novamente à família, já estando com seis anos o menino Luiz. Montou uma barbearia na Avenida Rio Branco e foi viver tranquilo com os seus.

Um dia, porém, teve o sr. Luigi Taruffi que voltar à sua pátria e dessa vez para não mais regressar ao Brasil. Ficou lá e a família permaneceu aqui. O filho foi cresce[ndo] até que completou 37 anos de ida[de]. Seu pai já devia estar com 70.



Com a segunda guerra, nossos p[ra]cinhas foram desembarcar na Itá[lia], o que estimulou as saudades do [fi]lho. Um dia, falando com um o[fi]cial brasileiro, soube notícias do [pai...]lho. Era sargento da Armada B[ra]sileira, mas não estava em serv[iço] no estrangeiro. De etapa em eta[pa] o velho Luigi conseguiu que o fil[ho] fôsse transferido para um navio [de] linha da Itália, o que acaba de [al]cançar. E agora, como tripula[nte] do "Duque de Caxias", vai o fil[ho] abraçar o velho pai de 70 anos, [de]pois de uma ausência de quase [...]

ACONTECEU NA ESPANHA

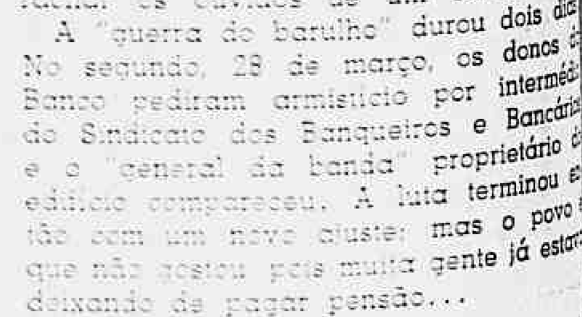
O mundo atravessa uma época cheia de surprêsas e de episódios incríveis levados a efeito pelas contingências da vida difícil que o próprio homem estabeleceu.

Vejam êste caso que se passou em Granada, cidade espanhola:

A população local e especialmente os empregados de um estabelecimento bancário sentiram grande alívio ao terminar a "guerra de barulho" que o proprietário de um edifício desfechou contra um dos seus inquilinos.

A guerra começou quando a sucursal do Banco de Bilbão, da cidade Granada, se recusou a desocupar o edifício de propriedade de Francisco Lopez. Que fêz êste? Não foi a nenhum advogado, nem a amigos influentes: contratou uma retumbante banda de música, adquiriu farto sortimento de doces e bebidas e ordenou que a charanga abrisse o eco dos trombones e trompas, com pratos e bombos, justamente no andar que ficava por cima do Banco relapso.

Convidou o povo para beber e comer doces. Era uma festança que só terminaria quando o Banco resolvesse sair ou entrar em outras conversas. E a barulheira era infernal. A banda tendo como dirigente aquêle "general" desabusado, danou-se a tocar umas músicas chamadas



"A vaca leiteira" e "Os voluntários" qu[e], pelo que parece, enlouquecem os san[tos] mais pacientes dêste mundo e do out[ro].

No andar inferior, isto é, onde funcion[a] o Banco de Bilbao, os empregados não p[o]diam fazer o menor cálculo e os dirigent[es] estavam entontecidos com a zoadeira d[e] rachar os ouvidos de um surdo.

A "guerra do barulho" durou dois dia[s]. No segundo, 28 de março, os donos d[o] Banco pediram armistício por intermé[dio] do Sindicato dos Banqueiros e Bancár[ios] e o "general da banda" proprietário d[o] edifício compareceu. A luta terminou e[n]tão com um novo ajuste; mas o povo [...] que não gostou pois muita gente já esta[va] deixando de pagar pensão...



com facilidade êste mundo mau porém com alguma coisa digna de admiração e apêgo.

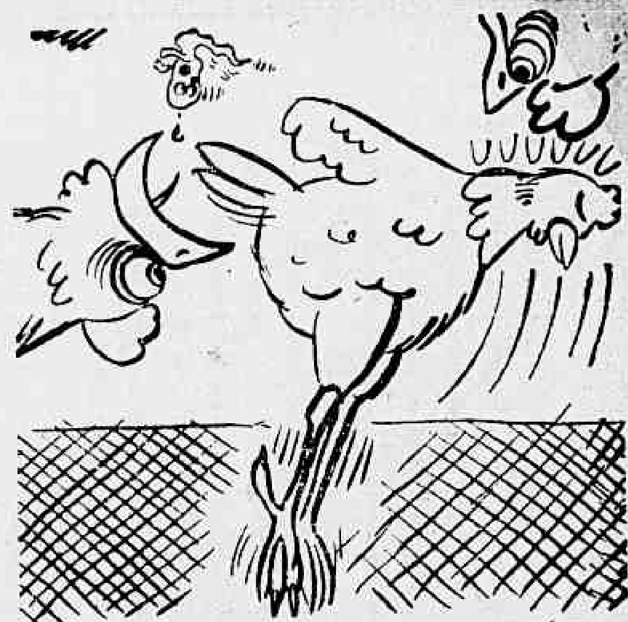
Mas, apesar dessa batalha entre cientistas e lunáticos para descobrir-se um jeito de vivermos pelo menos um século, nada se encontrara ainda. Agora, porém, aquêle professor norte-americano divulga a grande notícia: na Colômbia há uma árvore de longa vida com a qual os indígenas fazem a bebida chamada "Yocco". Com ela a gente não morre nem mesmo de fome!

Mas não esteja o leitor já pensando em arrumar as malas para viajar aos confins daquele país: não é preciso sair do Brasil, e mesmo do Rio, para dispor da salvadora bebida e viver uns cem anos. O tal "Yocco" nada mais é do que o nosso conhecido guaraná, mas o verdadeiro, o de Maués...

O GALINICÍDIO

ÊSSE neologismo vai por conta do comissário Tenório, da Delegacia do 3.° Distrito Policial desta heróica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, segundo narra um vespertino local.

O caso, mais ou menos, é êste: uma senhora residente em Botafogo tem a imensa felicidade de possuir casa com excelente quintal, em cuja área cacarejam e põem saborosos ovos algumas galinhas com asas. Essas penosas pertencem à sua prima, senhora de avançada idade e que precisa de comer canja de galinha viva, isto é, canja de galinha que não venha morta lá de onde ninguém sabe. Por êsse motivo, o quintal de d. Ana Bogato é uma salvação.



Mas, com surprêsa de todos os da casa da rua S. Clemente, as galinhas estão morrendo uma a uma, e da mesma doença, uma moléstia esquisita: esperneiam, contorcem-se em dores (não gemem, porém dão idéia de que estão sofrendo dores) e esticam a canela.

Doença de galinha sempre foi modorrenta e prolongada, como o milenário gôgo. A não ser isso, o que mais as atormentam são as pichilingas; mas, para ambos os males, há remédios imediatos e salvadores. Entretanto, para essa violenta epidemia que está arrasando o quintal de d. Ana não pode haver nenhum socorro veterinário, pois que as bichinhas não têm tempo de dar alarma.

Por isso a proprietária da casa e prima da dona das galinhas resolveu dar queixa à polícia. Foi ao 3.° Distrito e apresentou sua parte ao comissário. Pelo que lhe expôs, trata-se de envenenamento e a autoridade policial classificou imediatamente o delito: galinicídio.

Para d. Ana Bogato pouco importa o que venha a ser isso. O que ela quer é que as galinhas sejam necropsiadas e as vísceras examinadas cuidadosamente. E que ninguém coma galinha morta!

A ÁRVORE DA VIDA

TELEGRAMAS procedentes dos Estados Unidos divulgaram "urbi et orbi" o descobrimento de uma planta da bacia amazônica, em terras colombianas, a que o cientista dr. Richard Schultz, professor do Smithsonian Institute deu o apetitoso nome de "Árvore da Vida".

Dessa árvore se extrai o elixir da longa vida, e aí é que está a sensação. Todo mundo ao chegar aos quarenta anos acha que a vida começa nessa casa; mas, passando a vista pelas estatísticas demográficas vai ficando surpreendido com esta brincadeira da natureza: raros os que chegam aos setenta...

Ora, imaginando-se que começamos a viver aos quarenta, não tem graça nenhuma que só se viva uns trinta aninhos magros... Por êsse motivo todos os homens imaginosos e que dispõem de laboratórios, se vêm dedicando à descoberta de um processo que prolongue a vida dos que não são amantes do suicídio.

Desde os tempos mais remotos, mesmo quando, segundo as escrituras sagradas, a vida humana se contava por séculos, o homem andou interessado em não deixar

QUE CHUVA CARA

A séca prolongada que se vinha fazendo sentir em Nova York e mais alguns Estados norte-americanos, não causava apenas coceiras no corpo dos mártires da falta de água; importunava o crânio dos cientistas e tirava o sono dos administradores.

O prefeito da grande cidade já não sabia mais o que fazer para acalmar o povo. Chegou mesmo, como já expusemos num dêstes tópicos, a entrar em entendimentos com os sábios, a fim de que se executasse o plano para provocar chuvas artificiais.

Com êsse projeto estava a prefeitura de Nova York a dispender, diàriamente, cem dólares, só para pagar ao sábio manda-chuva que já providenciara até uma cortina de radar e um corpo de aviadores estratosféricos com a incumbência de subir aos céus sempre azuis e, com gases, sais, fumaças, tiros, raios, barulho, etc., atrair a atenção das nuvens arredias e fazê-las criar ânimo e chorar de vergonha, isto é, mandar algumas toneladas de água à cidade aflita.

E, ao que tudo indica, bastou que êsse exército de gente pensasse no efeito decisivo junto às nuvens, para que houvesse chuva a valer.

O governador do Estado de Nova York, sr. Thomas Dewey ficou contentíssimo com o resultado telepático de seu plano, e, embora houvesse gasto muitos milhares de dólares, fôra bem compensado o seu esfôrço heróico, pois que, a partir de 19 de março está chovendo copiosamente em tôda aquela região.

Mas tôdas as alegrias têm sempre uma sombrinha de tristeza. E' que o prefeito recebeu uma carta do reverendo Eddie Clayton, cobrando-lhe sete mil dólares pela chuva. Êsse pastor asseverava que o toró foi o resultado de suas preces a Deus e, dessa forma, queria ser pago: sete mil dólares.

Se a moda pegar... Nunca se viu tanta gente rezando!



TROPAS PARAQUEDISTAS DA URSS numa parada na Praça Vermelha, em Moscou, durante uma das comemorações da vitória do Socialismo naquele país. Apesar de manter relações comerciais e diplomáticas com quase todos os países do mundo, dizem os cronistas internacionais que ninguém sabe, ao certo, qual o potencial de guerra daquele país, nem de seus recursos efetivos em reservas de homens e material de guerra, arsenais e fábricas. A diplomacia européia fora da cortina de ferro e a da América do Norte não perdem os movimentos soviéticos em todos os sentidos e lhe acompanham a marcha para prevenir qualquer surprêsa desagradável. Julgam todos, porém, que a URSS é muito cautelosa e se mantém neste princípio: "O inimigo precisa ser derrotado, primeiramente, no campo político, antes de ser disparado o primeiro tiro". Mas êste é um princípio universal.

NESTE NÚMERO

LITERATURA

Corneille (Edmundo Lys) ...
Semana literária (Edmundo Lys) ...
O fascínio do Rubi de Pallas (Norma Câmara) ...
Pepina (Maria C. P. Gama)

REPORTAGENS

Fala Menotti del Picchia (Mario de Andrade) ...
Jornada de Fé (Eustorgio Wanderley) ...
P. D. C., Igreja e Política (Carlos Duarte) ...
Glória a Belmonte (Armando Pacheco) ...
Atletas para os Jogos Abertos (A. Rodrigues) ...
A mulher dominando os ares (Moacyr de Lacerda) ...

SEÇÕES PERMANENTES

Puxe pelo cérebro ...
Tudo isto aconteceu ...
A Semana em Revista ...
Personagem da Semana ...
A Saúde do Bobé ...

RÁDIO

Nem só de piano vive murаro (Armando Migueis) ...

HUMORISMO

Semana em caricatura (Théo)
Duas vidas (Nicodemus) ...
Bom Humor ...

TEATRO

Uma peça que faz barulho (Celestino Silveira) ...

FEMININAS

Para ser um bom marido (Lise) ...
Modelos ligeiros ...
Práticos e elegantes ...
Em tafetá ...
Modelinhos ...
Chapéus de Hollywood ...
Novos drapeados e écharpes
Week-End na Cozinha ...

FOLHETIM

Marion não quer casar ...

★

FOTOS: Arnaldo Vieira
Augusto Valentim
Roger Pardini
Várias

★

ILUSTRAÇÃO: Orlando Matos

★

NOSSA CAPA

Audrey Totter
(M.G.M.)

Puxe pelo cérebro

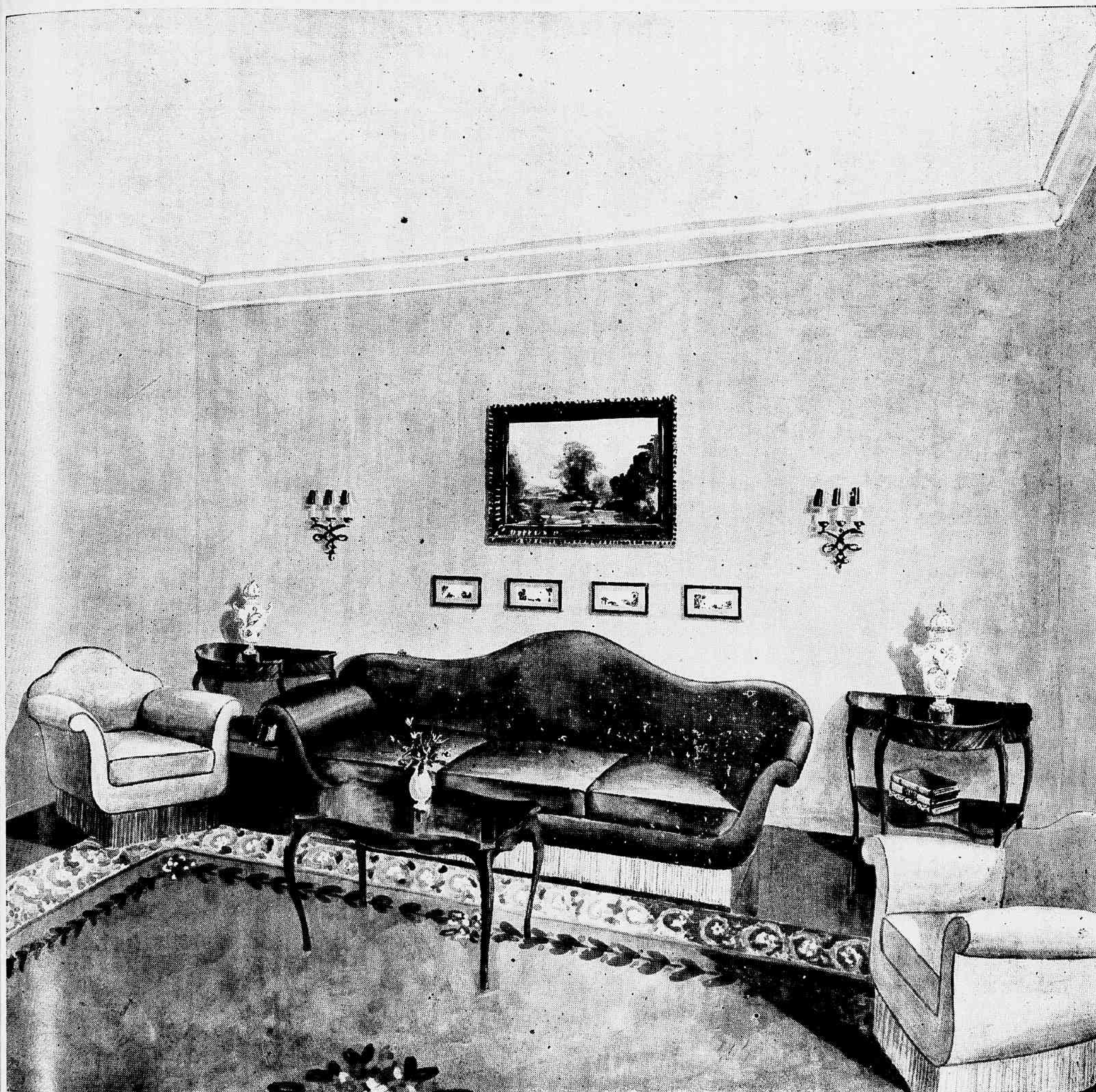
Respostas ao teste da pág.

1 — Raimundo Magalhães
2 — 14
3 — 91
4 — Baronesa de Laroche (... Chalons)
5 — Teofilo Gautier
6 — Na Ilha de Caprera, Itália
7 — No Rio Grande do Sul
8 — Telefote (em 1910)
9 — Na Ilha de Hawaii (o ... lauea)
10 — O aramaico (ou arameu)
11 — Em Roma (alguns séculos antes de Cristo)
12 — Na Itália, ano 808, fundado por judeus lombardos
13 — Cinco: rum, chá, açúcar, limão e água
14 — De Portugal
15 — Carlos Sandwich (1765)
16 — Maria
17 — Assassinado (1909)
18 — Saint Rombaud, cuja ... não se terminou ainda
19 — Dança napolitana
20 — Unicofagia



NA TIJUCA MORA A ABNEGAÇÃO

NEM todos que vivem e trabalham nesta cidade têm a oportunidade de conhecê-la e mesmo sentí-la em tôda a sua plenitude. O Rio de Janeiro sabe esconder perfeitamente em seu seio coisas belíssimas e segredos bem guardados que aos olhos de turistas apressados passam despercebidos. Os próprios cariocas talvez não saibam que numa das zonas mais aristocráticas da cidade, caracterizada pela exuberância de suas matas e salubridade climatérica, labutam misericordiosamente velhinhas irmãs da Ordem de São Vicente de Paula que, cumprindo sèriamente o voto de pobreza que fizeram, auxiliam de maneira digna de nota aquêles que vivem à margem da vida. Sob as frondosas árvores da floresta da Tijuca, vegeta como simples respirante uma legião ainda incalculável de tuberculosos e crianças perfeitamente desprotegidos pela sorte, que aquelas irmãs de caridade num esfôrço titânico tentam amenizar, numa faina árdua, dia e noite sem trégua. No próximo número daremos aos nossos leitores uma reportagem ampla sôbre essa verdadeira batalha que se desenrola no Alto da Tijuca.



Projeto e execução da
CASA NUNES

Mobiliários e Decorações

Orçamentos executados por técnicos-decoradores

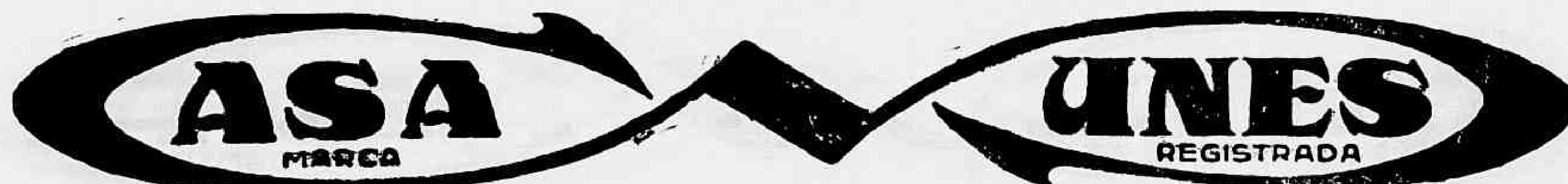
ESPECIALIDADE EM

Grupos Estofados

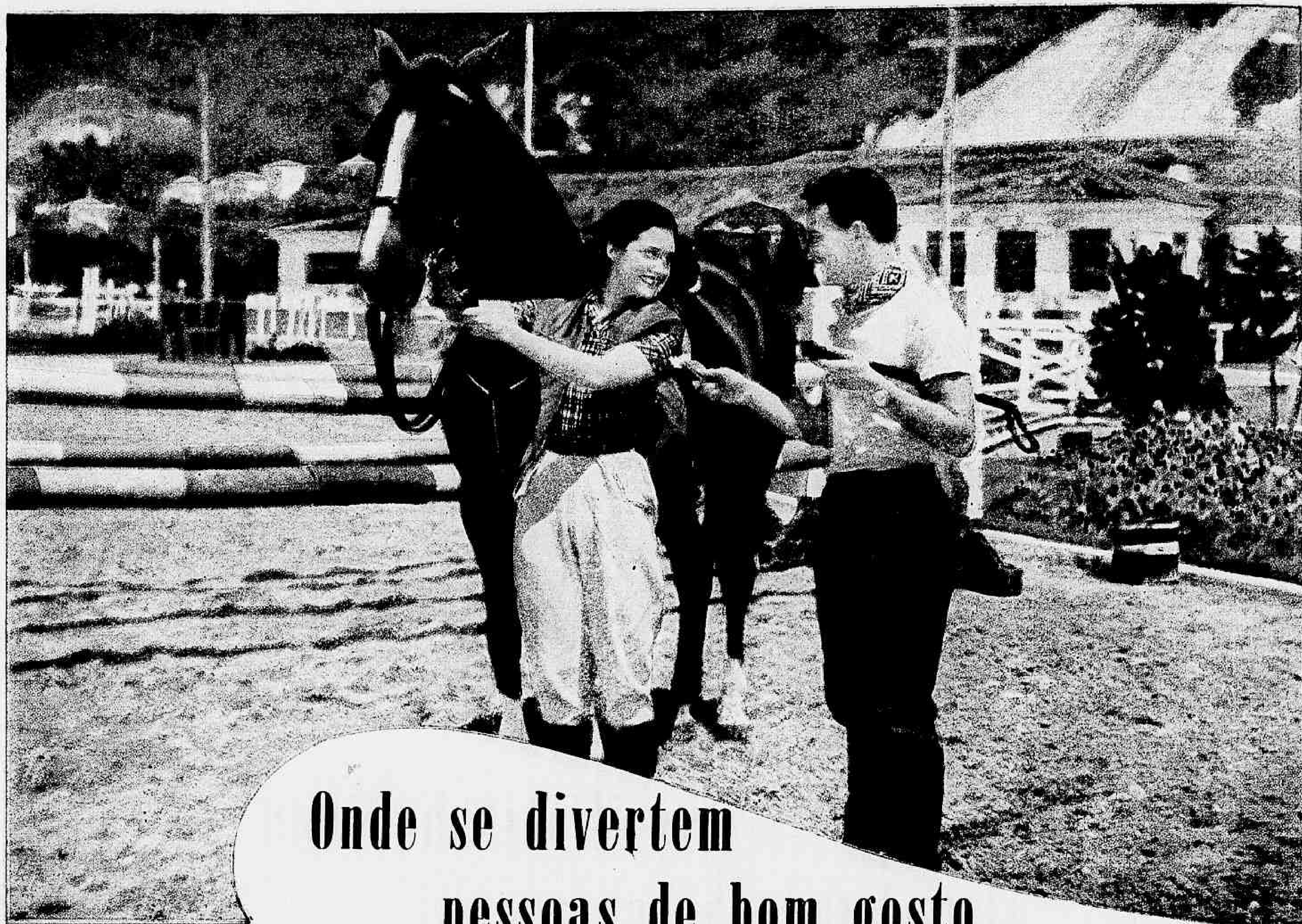
PARA ENTREGA IMEDIATA

Tapetes e Passadeiras

de todo o mundo fabricados especialmente para a



65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

A Sociedade Hípica Brasileira, no Rio de Janeiro, é o ponto de reunião predileto dos amantes da equitação.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Antes e depois da competição... cabe um Hollywood, o cigarro elegante por excelência. Hollywood torna ainda mais aprazíveis as horas de lazer. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados fizeram de Hollywood o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood!



cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**